



Título: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: discussões e pesquisas

ORGANIZADOR: Antenor de Oliveira Silva Neto

ISBN: 978-85-60102-03-7

## **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Maria de Menezes

Estácio Bahia Guimarães

Fábio Alves dos Santos

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira Menezes

Maria Inêz Oliveira Araújo

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

# EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DISCUSSÕES E PESQUISAS



Antenor de Oliveira Silva Neto  
Organizador



Criação Editora  
Aracaju | 2018

Copyright by organizador

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome da autora, título da obra, editora, edição e paginação.

A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código penal.

Editoração Eletrônica  
Adilma Menezes

Capa:

ID 124160423 © Evgenii Naumov | Dreamstime.com

ID 110772514 © Olgastockdesign | Dreamstime.com

Catálogo Claudia Stocker – CRB5-1202

Educação Física Escolar: discussões e pesquisas (E-book)  
Antenor de Oliveira Silva Neto (organizador). Aracaju:  
Criação, 2018.

ISBN: 978-85-60102-03-7

198 p. 21 cm

1. Educação Física 2. Educação 3. Educação Física  
Escolar

I. Título II. Antenor de Oliveira Silva Neto III. Assunto

CDU 371.264



## SUMÁRIO

	Prefácio	7
	<i>Jaldemir Batista Bezerra</i>	
	Formação inicial de professores de Educação Física na perspectiva inclusiva	9
	<i>Antenor de Oliveira Silva Neto</i>	
EIXO 01: PRELÚDIO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR		
	A Educação Física na escola: qual sua função segundo as diversas teorias?	27
	<i>Fernando Nascimento Costa Neto</i>	
	Educação Física na educação infantil	41
	<i>Maria Eleilma Cruz Silva</i>	
	A necessidade da inserção do professor de Educação Física na educação infantil	51
	<i>Rose Maria dos Santos Costa</i>	
	Educação Física: reflexões sobre planejamento escolar nas aulas do ensino médio	63
	<i>Bruna Santana Souza</i>	
	Educação Física e a Avaliação de Aprendizagem na perspectiva da formação integral do aluno	77
	<i>Andrei Andrade de Abreu</i>	
	Gestão e Educação Física escolar: uma ação conjunta no processo de ensino-aprendizagem	91
	<i>Ronaldo da Silva de Jesus</i>	

**EIXO 02: AS MULTIFUNCIONALIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO  
CONTEXTO ESCOLAR**

- Tecnologias de informação e comunicação: possibilidade de  
contribuição em favor da educação **105**  
*Jaine de Souza Calazans*
- O esporte como ferramenta de ensino nas aulas de Educação Física **119**  
*Luiz Magno Dantas de Santana*
- O conteúdo “capoeira” nas aulas de Educação Física **131**  
*Marília de Andrade Santana*
- A Educação Física no combate a obesidade no ensino fundamental **143**  
*Amanda de Santana Santos*

**EIXO 03: ABORDAGENS TRANSVERSAIS À EDUCAÇÃO FÍSICA**

- Educação Física: representações culturais do corpo **155**  
*Mariza Rabelo Fontes*
- Educação física no combate as opressões: debatendo o Bullying escolar **165**  
*Maria Isabela Santos do Carmo*
- O conteúdo “saúde” nas aulas de Educação Física: comportamento de  
risco e qualidade de vida **175**  
*Pedro Lisboa de Souza Junior*
- Formação Docente: promoção da igualdade de gênero no ensino  
infantil **185**  
*Uilza Nascimento Silva*
- SOBRE OS AUTORES 193**



## PREFÁCIO

Jaldemir Batista Bezerra

Todo profissional, a partir da prática, cria conceitos sobre quem o é para as pessoas. Como nem sempre o fazer condiz com ideais teóricos, legais e éticos da profissão, essa imagem fica distorcida e não corresponde a quem de fato é o profissional.

Uma área bem representativa dessa incoerência é o profissional da educação física, seja licenciado ou bacharel, exatamente pela forma como historicamente se exerceu, nos diferentes espaços, o fazer da educação física.

Exemplificando, com a minha experiência, mesmo correndo o risco em afirmar, sei que corresponde ao de muitos, quando penso na educação física, na escola, a imagem que me vem à mente é: a entrega de uma bola para os que gostam de jogar futebol, neste caso, as meninas ficavam com o queimado.

Ao menino que por motivo dele próprio ou a escola o julgar não adequado para a prática do futebol, seria colocado no queimado, porém, servia de risos por ser o “jogo das meninas”. Da mesma forma, a menina, que se interessasse pelo futebol, era estranha porque era “jogo de menino”.

A outra imagem, que vem à minha mente, é o do professor substituto que não precisava planejar, porque quando faltava docente de qualquer disciplina, quem seria o substituto? O professor da bola, o de educação física. Completa essa imagem, o animador de festa da escola ou o organizador de gincana e de jogos da primavera, selecionador dos capazes de fazer ganhar a competição.

Raramente, na minha educação básica, fugiu-se dessa prática. Nem ao menos para outro esporte, ou seja, pela prática desse modelo, se alguém me perguntar quem é o professor de educação física, a resposta será pontual: o professor bola, o que não precisa de planejamento, o animador de festas, o que me excluía

das competições, o substituto das aulas com conteúdo para estudar. Registre-se, aqui, muitos ou a maioria não era formado em educação física.

Enfim, da escola não carrego aprendizagem nenhuma da educação física ou contribuição como pessoa e profissional. Na verdade, o que levei, não levo mais, é essa imagem turva e fosca, bem distante de quem certamente é esse profissional.

Ao deixar os espaços escolares, durante muito tempo, resistir ir a outros lugares cuja ação estivesse ligada ao profissional de educação física, em função dessa lacuna de saber, na área, presente em mim, porém, movido pela necessidade de frequentar a academia, fui.

Aqui, novamente uma frustração. Deparei-me com instrutores de movimentos repetidos, sem base lógica na minha cabeça, porque simplesmente eu deveria repetir o que orientavam. Em momento algum, era explicado porque deveriam ser realizados daquela forma, com aquele número de repetições, naquela ordem e com aquele tempo.

Simplesmente, passei a ver o profissional da educação física, para além do já dito, como um técnico ou instrutor de receitas de movimento. Além disso, depois de um certo tempo repetindo, qualquer um poderia ser esse profissional. Assim, não ficou muito diferente da imagem da escola, apenas, trocou-se de instrumento: bola por aparelhos, quando os exercícios eram realizados neles.

Porém, na função de orientador pedagógico da Faculdade Ages, em 2008, passei a ter uma nova experiência relacionada à educação física, agora, não mais com o fazer, mas com a formação de profissionais da área no meio acadêmico. Precisei ler as diretrizes norteadoras do curso, bem como estabelecer diálogos com coordenador e professores da área para poder compreender os saberes e os fazeres deste campo de conhecimento: Educação Física.

Logo, nos primeiros contatos, chamou-me a atenção o conjunto de saberes formadores: saberes sociais (sociologia, antropologia, história da educação física, epistemologia da área, cultura); por terem um objeto de conhecimento construído culturalmente – o movimento corporal; saberes ligados ao corpo (anatomia, bioquímica, fisiologia humana, nutrição, fisiologia do exercício, bases biológicas, cinesiologia, biomecânica, medidas de avaliação e outros), por ser o corpo quem se movimenta; os saberes específicos da cultura corporal do movimento (esportes, jogos e brincadeiras, as atividades rítmicas e expressivas, as lutas, ginásticas e outros), o que os diferencia dos demais profissionais e os tornam únicos.

Por essa gama de conhecimentos diversos, já comecei a desconstruir as imagens anteriores, principalmente, ser apenas o profissional da bola, na escola, ou o técnico instrutor da academia, ou seja, estudava muito pouco. Na verdade, trata-se de uma formação ampla que exige muito estudo. Não é um curso simples, mas complexo igualmente a outros com especificidades que o tornam de fundamental importância na sociedade, pois, somente ele dará acesso a um tipo de conhecimento humano tão importante para o cidadão: a cultura corporal do movimento.

Depois, descobri, também, para além dos saberes já colocados, se licenciatura precisam ocupar outro lugar: o de ser professor. Para isso, deve dominar saberes pedagógicos (didática, avaliação, currículo, planejamento, gestão escolar, políticas públicas de educação, psicologia da educação, inclusão, conteúdos, abordagens pedagógicas e outros), além de práticas e estágios no espaço escolar.

Por outro lado, se bacharel, saberes outros na atuação de espaços não referentes a escola (saúde pública, gestão de negócios da área, treinamento esportivo, treinos para musculação com objetivos variados, atividades outras da academia, gestão esportiva, psicologia do esporte), além de práticas e estágios nos espaços de saúde, academias, clubes, secretarias de esporte.

Além disso tudo, a educação física está dentro da área de linguagens, portanto, compostas por signos e sinais que precisam de interpretação e leitura. Sendo assim, os movimentos corporais são textos e, para serem bem lidos, é necessário compreender a morfologia, sintaxe, mecanismos de construção, análise e síntese. Como toda linguagem, é uma construção social e cultural, logo, estudá-la é falar sobre nós mesmos, pois, "(...) Muito além de um olhar biológico ou fisiológico, o corpo que corre e cresce é o mesmo que sente, conhece e se expressa." (MATTOS, 2008, p. 11).

Isso tudo me mostrou como estou com uma miopia cognitiva e corporal por terem me negado essa forma de ler, compreender e atuar na sociedade com o saber corporal. Perdi oportunidades de lazer, de educação, compreensão da alienação corporal, produção de saber, leituras dos diversos esportes, a partir de técnicas e regras, enfim, negação a um acesso de conhecimento que me tornaria um cidadão mais capaz de resolver problemas de meu cotidiano e da vida social.

Percebe-se, então, que independente de ser licenciado ou bacharel, é uma profissão de extrema importância para promover mudanças na sociedade, tanto de um ponto de vista individual, como coletivo, até, porque, trabalham com o

primeiro elemento de dominação de nossa história: o corpo com a especificidade do movimento dentro da cultura.

Como este livro trata de produções voltadas à educação física na escola, a partir de agora, destaco mais ainda, a importância desse profissional, no campo licenciatura, por ser quem estará direto com nossos jovens para ajudá-los a ter acesso teórico e prático à cultura corporal do movimento a fim de serem leitores da sociedade com o olho da educação física e não míopes iguais a mim neste campo de saber.

Para isso acontecer, claro, é necessário profissionais da área que não façam o mesmo dos meus, se foram da área, mas repensem os saberes, os fazeres para atuarem com outras práticas que de fato colaborem para construção de conhecimento em nossas crianças e jovens. Lógico, também, é a implicação dessa transformação para os nos nossos currículos e trabalho universitário com os nossos futuros profissionais da educação física.

Esperamos, portanto, que a leitura das páginas seguintes promova uma reflexão sobre as práticas de educação física na escola por apresentar dados e propostas com novas possibilidades de trabalho. Por fim, agradeço a todos os profissionais da área que dialoguei, durante este tempo na AGES, por permitirem a transformação do meu olhar sobre a área, em especial aos coordenadores dos cursos (licenciatura e bacharel); ao professor Antenor, pela oportunidade de expressar nas linhas anteriores a minha experiência; a todos os alunos de licenciatura e bacharelado UniAGES, por me fazerem estudar este campo de saber; ao professor Antenor, pela confiança a mim depositada para escrever esse prefácio e, por fim, a todos os leitores desse e-book, por darem vida às páginas escritas.



# FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Antenor de Oliveira Silva Neto

## INTRODUÇÃO

A inclusão surge com a finalidade de proporcionar uma sociedade mais justa, para viabilizar um processo de igualdade que foi marcado ao longo da história pela segregação das pessoas com deficiência. Esse discurso ganha forças e é fundamentado em diversas leis e documentos, no qual podemos citar a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração Salamanca (1994), que foram de extrema importância para uma educação mais digna, igualitária e inclusiva.

Frente a inclusão, a escola está cada vez mais mobilizada e debatendo as questões ligadas ao processo da educação inclusiva para que possa atender as necessidades e exigências no ambiente escolar. Quando se pergunta aos professores de Educação Física sobre a inclusão, a resposta dar ênfase a uma educação para todos indistintamente.

Entretanto, se perguntado a respeito dos seus conhecimentos para uma prática inclusiva em suas aulas a fim de atender as demandas individuais de cada aluno e que todos participem, obtemos respostas imprecisas. Tal resposta se justifica porque a história da Educação Física foi marcada pela exclusão, considerando que somente os mais aptos, de forma seletiva, participavam das aulas e que as próprias pessoas com deficiência estavam fora da escola.

De acordo com Soler (2005), a Educação Física e as pessoas com deficiência eram conduzidas por uma elite dominante, sendo manipulados de acordo com

os interesses dessa classe. Todavia, existia uma diferença de finalidade: enquanto a Educação Física era utilizada como instrumento de controle da população para manter a disciplina e a ordem, as pessoas com deficiência eram condicionadas a segregação e excluídos do convívio em sociedade conforme interesse político.

A Educação Física e as pessoas com deficiências não aceitaram a subordinação de tais propósitos. No caso da Educação Física, passou a envolver aspectos da cultura corporal do movimento, tanto direcionada à educação quanto ao esporte e a saúde. Já as pessoas com deficiências, através deles próprios, de familiares e de profissionais ligados à área perceberam a necessidade de espaço na sociedade e passaram a reivindicar os mesmos direitos e deveres dos demais cidadãos ditos normais.

Não só a Educação Física, mas também as pessoas com deficiência foram condenadas de alguma forma ao longo da história e num período recente vêm lutando para se libertar desse estigma através da conscientização, do respeito e da aceitação do outro, paralelamente as leis veem para garantir esse direito. Também as pesquisas têm possibilitado ampliar o conhecimento produzido e conquistar espaço na sociedade.

Na Educação Física existe duas subáreas que tratam das atividades físicas para pessoa com deficiência. Embora se apresentem com a mesma temática, possuem conhecimentos diferentes, em momentos diferentes, com objetivos e princípios diferentes.

A primeira é a Educação Física Adaptada que consiste em uma subárea direcionada apenas para pessoas com deficiência, ou seja, de forma segregada, muitas vezes, voltada para reabilitação, adaptando jogos, atividades e regras em um contexto isolado.

A segunda é a Educação Física Inclusiva pautada numa perspectiva de inclusão escolar, com objetivo de atender e possibilitar a permanência de todos os alunos matriculados na rede regular de ensino, permitindo a participação em todas as aulas. É esta que trabalharemos neste estudo.

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO INCLUSIVO**

As grandes transformações no âmbito educacional foram marcadas por reavaliações longas e profundas de todas as áreas de conhecimento, com a Educação Física não é diferente. A inclusão vem sendo discutida há algum tempo exigindo nova readequação frente a esta realidade. Segundo os PCNs:

A Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (BRASIL, 1998, p. 29).

É importante destacar o princípio da Educação Física na definição dos PCNs quanto a integrar o aluno, que é a proposta da educação inclusiva. Já no coletivo de autores podemos encontrar a seguinte definição:

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada cultura corporal, que se configura com temas ou formas de atividade, particularmente corporais, construída em determinadas épocas históricas, com respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas, como: jogos, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituem seu conteúdo, visando apreender a expressão corporal como linguagem (SOARES et al., 1992, p. 61-62).

Desta forma, a função da Educação Física é muito clara: utilizar o jogo, a dança, o esporte, as lutas, as ginásticas, entre outras para promover a aprendizagem dos gestos motores, e oferecer maior possibilidade de vivência e experiência motora em qualquer que seja o conteúdo trabalhado, pois são de fundamental importância para o crescimento e desenvolvimento humano.

Outro ponto a ser destacado é que a Educação Física não somente responsável pelo desenvolvimento motor, mas também se configura como indispensável para o desenvolvimento global do aluno. A Educação Física é muito mais que movimentação corporal, através de sua prática o indivíduo pensa, age, sente e é parte integrante da sociedade.

Quando um ato motor é realizado de forma isolada, procurando atingir padrões de movimentos, sem a consciência de sua interferência no meio ambiente nem de seu objetivo, ocorre um ato mecânico, sem atingir a tota-

lidade do ser. Mas quando bem direcionada, a Educação Física, mesmo tendo como principal objetivo o desenvolvimento motor, pode desenvolver o aluno globalmente, ou seja, em todos os seus aspectos: motor, cognitivo, afetivo e social. (SOUZA, 2006, p. 75).

Todo e qualquer movimento explorado nas aulas de Educação Física é importante para o desenvolvimento cognitivo, porque permite à criança conhecer, se relacionar e controlar o meio ambiente e a si mesma.

O movimento se relaciona com o desenvolvimento cognitivo no sentido de que a integração das sensações provenientes de movimentos resulta na percepção, e toda a aprendizagem simbólica posterior depende da organização destas percepções em forma de estruturas cognitivas. (TANI, 1988, p. 13).

A atividade motora é a forma básica que o indivíduo se comunica e interage com o meio através de suas ações. Essa forma de expressão vai aprofundando seu conhecimento e constituindo estruturas cognitivas. Para Souza:

A aprendizagem motora dá-se por meio de uma combinação complexa de processos cognitivos e motores, sendo que uma habilidade motora envolve a própria qualidade do movimento (o como fazê-lo) e uma habilidade cognitiva envolve as decisões sobre que movimento fazer (a seleção do que fazer). (SOUZA, 2006, p. 76).

Ainda de acordo com a autora, qualquer tarefa motora exige habilidades cognitivas necessárias à captação da informação sensorial, percepção, tomada de decisão, resposta e *feedback*, e que a alteração em um desses processos (cognitivo ou motor) influenciará na performance do aluno.

A participação de fatores cognitivos está presente em praticamente todos os movimentos, exceto os movimentos reflexivos/involuntários, assim:

O desenvolvimento da cognição possibilita uma melhor programação e controle dos movimentos e se estabelece por meio de um círculo evolutivo em que o movimento desenvolve a sensação, a sensação a percepção, a

percepção a cognição, a cognição o movimento, o movimento a sensação, repetindo assim todo o processo que evolui de uma forma contínua. (TANI, 1988, p. 13).

Diante disso, que a ação do fazer compreende o pensar e o pensar compreende o fazer, o homem é um ser único que não deve ser visto como apenas um sistema muscular que executar simples repetições mecânicas de movimentos sem consciência e reflexão sobre o que se realiza no corpo e todas as consequências desse trabalho. De acordo com Freire (1997), é fundamental para que o professor de Educação Física mobilize o aspecto cognitivo dos alunos na ação motora de forma que favoreça sua aprendizagem.

Segundo o autor, após o nascimento, os esquemas motores básicos das crianças são os primeiros a se desenvolver, explorando o ambiente por meio de ações motoras. Quando vai se desenvolvendo a estrutura cognitiva, ao mesmo tempo vai viabilizando ao ser humano a compreensão dos seus atos.

Assim, as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física devem estar de acordo com a fase de desenvolvimento, tanto motor, como cognitivo, afetivo e social em que o aluno se encontra e estimular uma consciência de ações com finalidade de tornar o aluno um ser autônomo e utilizar esta independência em diversas situações para o seu benefício. Isto reforça a dimensão da Educação Física e relevância do trabalho para alunos com ou sem deficiência.

Segundo Freire (1997), essa conscientização das ações depende de como os conteúdos são trabalhados com os alunos, estes conteúdos devem oportunizar aos alunos momentos de discussão sobre as atividades antes, durante e após sua realização, abordando as dimensões do conhecimento de forma integrada e não em blocos isolados. É importante inserir novos elementos às atividades e trabalhar os níveis de complexidade para provocar desequilíbrio e adaptações nas estruturas cognitivas do aluno, que por sua vez, terá que utilizar-se de novos recursos através de tentativas, de correções para voltar a um estado de estabilidade, dessa vez com esquemas readaptados a nova situação.

Quando as aulas de Educação Física proporcionam conhecimento nas dimensões conceitual e atitudinal incorporadas a dimensão procedimental, estará promovendo a compreensão do que está sendo realizado. Desta forma, estimula modificação das estruturas cognitivas do aluno, assim deixa de ser um ato mecâ-

nico de mera repetição para um ato consciente que pode ser utilizado em muitas outras situações, além daquelas propostas no momento da aula.

A Educação Física já vem se posicionando em seus jogos, brincadeiras, modalidades esportivas, atividades rítmicas e circenses, enfatizando o trabalho em grupo e de cooperação, pois a escola em relação ao desenvolvimento social segundo Freire e Scaglia (2003) isolam os alunos em suas carteiras valorizando o pensar e agir de maneira individualizada, quando o momento atual requer pensamentos e ações direcionadas à coletividade, ao respeito, a aceitação do outro.

Ao realizar as atividades nas aulas de Educação Física, a criança está aberta a interação com as demais e esta é um momento propício para desenvolver regras de convivência, de respeito ao próximo, favorecendo a construção de sua própria identidade e ao mesmo que contribui para o processo de socialização. Mas para isto, é necessário que o professor esteja atento à discussão de regras e aos conflitos que surgem durante as mais diversas situações de jogo.

O objetivo da Educação Física deve ser levar a criança a aprender a ser cidadã de um novo mundo, em que o coletivo não seja sobrepujado pelo individual; em que a ganância não supere a solidariedade; em que a compaixão não seja esmagada pela crueldade; em que a corrupção não seja referência de vida; em que a inteligência não seja reduzida a saber calcular e falar línguas estrangeiras. (FREIRE; SCAGLIA, 2003, p. 31).

Entretanto, a Educação Física o professor deve ir além de propor jogos, é preciso provocar discussões nas três dimensões para levar o aluno a conhecer, desenvolver e saber os valores da atividade, assim favorecerá a socialização do grupo e possibilitará a utilização desses saberes em situações do cotidiano.

Por meio do movimento, o ser humano se comunica com o outro, se autoco-nhece e descobre o que é capaz de ser e fazer, relacionando-se com o meio social em que vive. Segundo Lima e Oliveira (2002), o movimento permite ao indivíduo expressão da afetividade.

No decurso de um jogo, é possível o aluno desenvolver confiança, superação emocional e experimentar sentimentos de emoção, que se revelam e emergem nas mais diversas situações. É objetivo do jogo favorecer o conhecimento de re-

ação individual quando surgem as dificuldades e, a partir disso, contribuir com a formação de autoconceitos, a exemplo de autonomia e autoestima.

Durante as aulas de um simples jogo lúdico, o aluno também pode expressar os mais variados sentimentos, como seus anseios, dificuldades, medos, até mesmo sua agressividade no momento da execução de uma atividade. Essa importância na expressão de sentimentos é algo que precisa ser bem discutido com o grupo para favorecer o desenvolvimento afetivo do aluno, permitindo a manifestação de sua criatividade e cooperação.

Nosso desenvolvimento afetivo depende de vivências afetivas positivas, embora seja também importante para o nosso bem-estar afetivo e emocional estarmos em condições emocionais de aceitar demonstrações de rejeição. Nossa educação deve também nos preparar para saber interpretar ou aprender a diferenciar as variadas formas de manifestação de afeição, interesse, amor, aproximação, busca, carinho, rejeição, desinteresse. (SOBRINHO; SAMULSKI, 2002, p. 50).

Desta maneira, é importante que o professor identifique e intervenha em casos que o aluno não é aceito pelo grupo e procure a causa. Situações assim estão relacionadas com a falta de compreensão e de companheirismo, nas quais resultam em abandono, falta de amor, entre outros. Obviamente, não cabe ao professor resolver todos os problemas socioafetivos, mas certamente tem grande relevância no processo de compreensão e ajuda para melhorar esse quadro.

Ponderando o que discutimos até o momento, segundo Castro e Marques (2000), a pessoa com deficiência, independentemente do tipo e grau de deficiência, pode carregar limitação na motricidade e a um isolamento relacional e motor. Assim, podemos dizer que a prática da Educação Física é fundamental para o processo educacional inclusivo.

Quanto às questões ligadas a saúde física e aptidão física, de acordo com Rosadas (1989), a prática da atividade nas aulas de Educação Física propicia domínio corporal, ativa a circulação, estimula o sistema muscular, evita o acúmulo de gordura localizada. Ou seja, proporciona ao aluno habilidade para coordenar os movimentos de forma mais eficiente. Assim, trabalha a saúde global na perspectiva do estado de completo bem-estar físico, mental e social.

Desta forma, a Educação Física é importante tanto para o desenvolvimento físico funcional como para favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social possibilitando uma vida mais dinâmica, saudável e participativa.

## **O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A INCLUSÃO**

Historicamente a formação e a prática do professor de Educação Física estiveram centradas em saberes disciplinares, tendo como principal fundamento a obtenção de informações sobre atividades desportivas. Conhecimentos conteudista-desportivista, que são enraizados por uma força institucional que é midiaticamente disseminada ao senso comum.

O professor nesse sentido, desprovido de concepções críticas que envolvem uma formação inicial comprometida com o desenvolvimento de um profissional intelectual, aceita e reproduz tais determinações conteudistas. Com isto, no atual contexto educacional as pessoas que fazem parte dele, são também aquelas responsáveis pela construção e reconstrução dos seus conceitos e determinações frente à sociedade. (CONCEIÇÃO; KRUG, 2009, p. 243).

Pimenta e Lima (2004) colocam algumas possibilidades de mediação entre estudantes do curso de Educação Física e sua atuação, de forma a contribuir para o processo de desenvolvimento da capacidade reflexiva, para a construção da identidade docente.

A reflexão crítica sobre a prática estimula a capacidade de explorar, entender e modificar as concepções educativas dos alunos nos cursos de formação de professores. Este é um processo contínuo de reflexão crítica que deve fazer parte da prática de ensino, porém sua contribuição com a formação do professor só é possível quando se percebe a importância do ato educativo. É um entendimento paralelo a compreensão do ensino e da própria formação que configura o desenvolvimento educacional da escola.

Segundo Souza (2006), para o entendimento sobre o papel da Educação Física e do professor frente à inclusão é importante que, tanto na formação inicial como na continuada observe-se o mundo em sua volta e entender a si mesmo, transfor-

mando a sua vivência profissional em uma investigação educacional, no sentido de buscar no mundo de coisas, as respostas para os acontecimentos.

A inclusão do aluno com deficiência em classe de ensino regular é um processo que requer grande interesse. Ter curiosidade e querer saber sobre as dificuldades enfrentadas pelo aluno no ambiente escolar exige do professor uma busca contínua sobre quem é seu aluno, quais características e conceitos a comunidade escolar tem sobre ele, e como ele através da ação docente contribui nesse processo. Para isto, é preciso integração entre os professores, numa constante troca de conhecimentos a partir de suas experiências, para oportunizar descobertas sobre o que pode afetar o trabalho educacional, possibilitando novas concepções sobre educação e inclusão.

Com a inclusão, as adaptações no currículo do curso de Educação Física são fundamentais, além da relação diferenciada que essa disciplina tem com os alunos permitindo liberdade de expressão corporal e verbal. De acordo com Mazini Filho et al. (2009), ela é flexível em sua essência e pode ser adaptada de acordo com a necessidade de cada aluno, permitindo a participação e integração de todos.

Apesar de possível flexibilização no currículo, o acadêmico de Educação Física comumente não tem uma disciplina específica no curso de licenciatura que trata do assunto, ou seja, a temática da inclusão não é discutida na formação como deveria, de forma aprofundada. Essa “lacuna” na grade curricular geralmente converte os estudantes da área em profissionais inseguros para ministrar aulas, quando se tem alunos com deficiência.

[...] os professores de educação física percebem fragilidades em sua formação inicial e continuada. É fato constatar que os projetos pedagógicos dos cursos de formação dos professores de educação física apresentam pouco conteúdo quando o tema é inclusão na rede escolar de ensino. É comum perceber que o currículo de formação apresenta, com frequência, uma disciplina que vai tratar deste tema. Assim o futuro professor de educação física é pouco confrontado com estudos nessa linha. (FALKENBACH et al. 2008, p. 4).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, “o professor deve fazer adaptações, criar situações de modo a possibilitar a participação dos alunos especiais” (BRASIL, 1998, p. 57). Assim, o professor pode ser flexível quanto ao

conteúdo para atender alunos com deficiências, para que estes façam parte do grupo e o grupo faça parte deles. Desta maneira, a partir da reflexão da sua prática docente e de formação continuada, o educador pode fazer valer os princípios da integração e da inclusão.

Um dos principais objetivos da Educação Física escolar é contribuir para tornar os alunos indivíduos mais críticos, reflexivos e participativos, possibilitando a visão equivocada que pessoas com deficiência são incapazes de realizar prática de atividades desportivas, pois devemos considerar uma educação que destaque os aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Assim sendo,

Cabe ao profissional da área atuar com consciência, munido de conhecimento sobre o desenvolvimento do ser humano e da historicidade da cultura corporal de movimentos, direcionado pelo objetivo que pretende alcançar, para possibilitar aos alunos uma compreensão das atividades realizadas e uma autonomia para escolha dessas atividades. (SOUZA, 2006, p. 59).

Silva (2004) aponta para uma Educação Física que vá além de atender uma seleção de conteúdos e indivíduos, nela deve se enfatizar a participação de todos os alunos sem que haja discriminação, promovendo convivência, conscientização e respeito às diferenças.

Não obstante a inclusão ainda gerar certa insegurança aos professores de Educação Física, não podemos negar os alunos com deficiência e continuar no discurso que não estamos aptos a trabalhar com este público. Concordando com Silva (2004), a participação nas aulas de Educação Física é de fundamental importância, pois ela possibilita a integração e socialização, viabilizando a autonomia do aluno.

É imprescindível que o professor deve buscar uma formação continuada sobre a educação inclusiva, além da formação inicial, uma vez que esta não atende em sua plenitude a demanda que requer a educação para pessoas com deficiência. Nesse percurso nos leva à temática da inclusão, é preciso romper barreiras e priorizar o indivíduo com parte do processo educacional, seja com alguma deficiência ou não e isto é válido tanto para a formação inicial quanto para a continuada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a formação inicial nos cursos de Educação Física na perspectiva da educação inclusiva ainda é de fato insuficiente e mais teórico. Quando o professor se depara com a prática e encontra um aluno com alguma deficiência em sua turma regular sente-se inseguro. Ainda que existam formações específicas, estes profissionais deveriam sair da graduação com o mínimo de informações para enfrentar situações de trabalho com pessoas com deficiência, o estágio na perspectiva inclusiva, por exemplo, pode ser, uma das possibilidades de aproximação da teoria com a prática.

É importante que os futuros professores tenham uma formação que propicie o trabalho dentro da proposta da educação inclusiva e possam agir conforme seus princípios. Assim, estará apto a desenvolver uma educação de melhor qualidade, podendo discutir e encontrar soluções em equipe sobre as dificuldades enfrentadas pela escola.

É essencial que a formação do professor de Educação Física o conduza a uma ação reflexiva e o estimule para o contexto social que a escola está inserida, despertando-os constantemente sobre a sua prática e, conseqüentemente, as contribuições na formação do aluno.

É extremamente importante que essa formação favoreça um novo olhar sobre a escola, que os professores entendam que não existe homogeneidade entre os alunos. As diferenças e especificidades dos alunos precisam ser respeitadas, deve ser contemplada no planejamento e nos planos de aula. Assim, que a formação sirva para instigar reflexões e se converta em atitudes dos professores, e não simplesmente para passar e repassar informações engessadas.

Com base no que apresentamos neste estudo, a Educação Física possui forte potencial para a inclusão de pessoas com deficiência, tendo em vista sua importância no contexto em que o aluno através das vivências dos conteúdos da disciplina experimenta diversas situações motoras e de emoções, possibilitando que se sintam parte integrante do grupo.

O professor de Educação Física, poderá conhecer as necessidades individuais de cada aluno e, ao mesmo tempo, de cada grupo em que trabalha e a partir das peculiaridades definir as estratégias que serão utilizadas. É importante destacar, que não existe um método perfeito na Educação Física inclusiva para aplicar

no processo de inclusão, todavia o professor a partir dos conhecimentos da área pode combinar inúmeros procedimentos para promover a aprendizagem e incluir todos os alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca:** sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 1996.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** [da] 185º da Independência e 108º da República, Brasília, 1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 10 de jun de 2015.

CONCEIÇÃO, V. J. S.; KRUG, H. N. **Formação inicial de professores de educação física frente à uma realidade de inclusão escolar.** Revista Educação Especial. v. 22, n. 34, p. 237-250, maio/ago. 2009. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/276>>. Acesso em: 15 de out de 2016.

FALKENBACH, A. P. et al. **A formação e a prática vivenciada dos professores de Educação Física com a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum.** Biblioteca Virtual em Saúde, v. 16, n. 92, p. 56-60, maio/jun. 2008. Disponível em: < [www.cbce.org.br/cd/resumos/251.pdf](http://www.cbce.org.br/cd/resumos/251.pdf)>. Acesso em 12 de mar de 2014.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

LIMA, S. R.; OLIVEIRA, V. M. **Caderno texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada.** Brasília: MEC/SEESP, 2002.

MAZINI FILHO, M. L.; et al. **A importância das aulas inclusivas de Educação Física para os portadores de deficiência.** Revista Digital, n.139, p. 1, ano 14. 2009. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd139/aulas-inclusivas-de-educacao-fisica.htm>> Acesso em 14 de abr de 2016

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 1994.

SILVA, A. P. **O princípio de inclusão em educação física escolar: um estudo exploratório no município de São João Del-Rei.** 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado de Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SOBRINHO, P. A. S.; SAMULSKI, D. M. **Caderno texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada.** Brasília: MEC/SEESP, 2002.

SOUZA, J. P. de. **A Educação Física no contexto inclusivo**: análise do curso de capacitação de professores multiplicadores em Educação Física Adaptada. Campo Grande, 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Católica Dom Bosco 2006.

TANI, G.; et al. **Educação Física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. 4 ed. São Paulo: USP, 2002.



The background features a complex circular network diagram. It consists of numerous interconnected nodes, each containing a white icon. The icons include a medical cross, a clipboard with a checkmark, an apple, a bar chart, a target, a heart with an ECG line, a lightbulb, a baseball, a football, a bicycle, a soccer ball, a volleyball, a basketball, a trophy, a star, a stopwatch, a graduation cap, a book, a person, and a gear. The nodes are arranged in concentric circles and connected by lines, creating a sense of a dynamic and interconnected system. The overall color scheme is dark blue with white highlights for the icons and lines.

# EIXO 01: PRELÚDIO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR





# A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: QUAL SUA FUNÇÃO SEGUNDO AS DIVERSAS TEORIAS?

Fernando Nascimento Costa Neto

## INTRODUÇÃO

O discurso sobre Educação Física enquanto área de conhecimento, disciplina escolar e campo científico, é algo que está sempre se renovando com novas perspectivas e novos objetivos. Durante a graduação a partir de diversas leituras e discussões em sala de aula é perceptível que a formação dos acadêmicos se torna bastante confusa, pelo fato da Educação Física passar por várias mudanças e transformações.

Vargas e Moreira (2012) relatam sobre a crise epistemológica que a Educação Física está mergulhada. Alguns defendem as perspectivas tradicionais, onde a Educação Física possui o objetivo de formação de atletas, ou formação de corpos saudáveis, fisicamente ativos, muito voltados à saúde. Outros autores defendem a Educação Física enquanto campo de recreação, passa tempo, onde os profissionais são apenas instrutores ou professores sem muitos conhecimentos a serem passados. Há ainda outra concepção que defende a Educação Física com perspectivas mais abrangentes, críticas, onde os professores possuem funções sociais e os conteúdos da área são as ferramentas que estes profissionais possuem para esta transformação, fazendo os alunos perceberem as injustiças sociais, as diferenças de classes, o domínio das classes poderosas sobre as classes vulneráveis, as influências das mídias, dentre outros aspectos. Para autores mais contemporâneos, a Educação Física possui novos objetivos, mais aperfeiçoados do que os anteriores, devendo trabalhar na perspectiva multicultural apresentando aos alunos as diferenças culturais e fazendo-os respeitar e aceitar as diferenças.

Devido as estas diferentes concepções teóricas e distintas perspectivas, este artigo toma como objetivo apresentar, sumariamente, algumas características dessas teorias, para compreender as formas de conceber a educação física.

## **TEORIAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA**

### **A) PENSAMENTOS MILITARISTAS E HIGIENISTAS**

A Educação Física surgiu no Brasil a partir das escolas militares. Castellani Filho (1988) aponta que a partir do século XIX o Brasil passou pelo desenvolvimento do capitalismo, junto com a industrialização, com isso, o governo precisava tornar sua população forte e saudável para gerar mais lucros para as empresas. Influenciado pelos métodos ginásticos advindos da Europa, o exército brasileiro criou escolas militares para o treinamento de sua população. O governo usou do exército e da Educação Física para gerar mais lucro. Com o trabalho do exército sobre a população, o objetivo era produzir uma mão de obra em boas condições.

No contexto que ficou conhecido como militarismo, a Educação Física era vista realmente como educação do físico. Os trabalhos realizados pelo exército eram somente para o desenvolvimento do físico do seu cidadão. Os professores de Educação Física da época eram os militares que atuavam diretamente nas escolas, aplicando seus métodos e atividades com os alunos, já os preparando para o futuro trabalhista. Segundo Castellani Filho (1988), de início as mulheres não podiam participar das aulas de Educação Física, eram exclusivas para os homens. Com o passar do tempo, as mulheres foram incluídas nas aulas, mas com olhar muito preconceituoso, pois as aulas eram para torná-las também saudáveis, mas para a procriação, cuidados de lar e produzir filhos fortes e saudáveis.

Com a intervenção dos militares, a Educação Física brasileira foi marcante pelo fato de ser um dos primeiros a possuírem o objetivo de tornar a área mais séria, com o intuito de contribuir com a sociedade a partir dos seus ensinamentos. De acordo com Castellani Filho (1988), o decorrer da história traz que as influências dos militares interferiram em diversas outras teorias e trabalhos de professores na área.

Outro contexto marcante da Educação Física foi o pensamento Higienista, quando a Educação Física sofreu influências médicas. As orientações dos médicos eram com objetivos de proporcionar à população estímulos de hábitos saudáveis,

como hábitos de banho, escovar os dentes e alguns outros que eram reflexos dos costumes da época. Assim, de acordo com Castellani Filho (1988), estas orientações advindas da classe médica interferiram diretamente na elaboração das propostas pedagógicas das escolas da época.

A influência higienista surgiu após a intervenção dos militares na história, e com o avançar da sociedade, as ideias de uma sociedade saudável, forte e consciente corporalmente não estavam sendo atingidas completamente apenas com as instruções militares. Assim, os médicos perceberam que poderiam contribuir para a melhora da sociedade, surgindo o movimento higienista. Os médicos, participantes ativos na história da Educação Física, trabalhavam diretamente com a população orientando, aconselhando e até aplicando várias ações que permitissem melhores orientações sobre como deveriam ser por seus hábitos que iriam refletir em suas saúdes (CASTELLANI FILHO, 1998).

## B) MODELO ESPORTISTA

Esse modelo ganhou força total a partir da ditadura militar que ocorreu no Brasil na década de 1960. Segundo Darido e Rangel (2011), o governo militar passou a utilizar as escolas do Brasil para promover a propaganda do governo, a ideia seria mostrar para o mundo o Brasil como um país potencial, em grande desenvolvimento. A forma encontrada para isso acontecer foi através do investimento em larga escala no esporte (educação física). Assim, o objetivo da disciplina nas escolas seria promover, treinar e selecionar atletas para a prática do esporte, mais especificamente do futebol, que pudessem ir a competições internacionais e representar o Brasil-potência.

O governo militar, segundo Darido e Rangel (2011), obteve tamanhos resultados no investimento pesado no esporte. O ápice para a consolidação desta ideia foi o título da Copa do Mundo de 1970, disseminando, assim, que o objetivo macro e único da Educação Física seria a formação de atletas e o trabalho somente com o esporte, priorizando o desenvolvimento de habilidades técnicas, noções de jogo, entre outros.

O modelo esportista das aulas de Educação Física foi e ainda é muito incentivado pelo governo, como mostra o estudo de Santos e Oliveira (2015), por exemplo: a criação do programa Esporte na escola, nos anos 2000; outro foi, a partir

do anúncio do Brasil ser sede das Olimpíadas de 2016, com o programa Atleta na escola, cujo objetivo era descobrir atletas que poderiam representar o país na olimpíada. Sendo assim, pode-se perceber grande relação entre estes programas atuais com o modelo esportista da década 1960. Esse é um dos grandes motivos para as aulas de Educação Física possuírem características de esportização, ensinamentos de técnicas e táticas dos esportes.

### C) MODELO DESENVOLVIMENTISTA

Para a abordagem desenvolvimentista, o principal autor é Tani (2006), com várias publicações sobre como deveria ser o olhar para a Educação Física. Barbieri, Porelli e Mello (2009) fazem alguns comentários sobre esta abordagem, onde afirmam que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, reforçando mais uma vez o olhar estereotipado para a área preocupando-se somente com o corpo.

Apesar da abordagem se concentrar de maneira mais isolada no desenvolvimento motor do indivíduo, essa trouxe grandes avanços para a área porque buscou um olhar mais aprofundado de como realmente acontece o processo de desenvolvimento motor do ser humano. De acordo com Gallahue (2002), as habilidades de movimento que faz parte do desenvolvimento motor podem ser classificadas de quatro maneiras: a primeira observando os aspectos musculares, como coordenação motora grossa e fina; a segunda como aspectos temporais, que seriam os movimentos discretos, seriados e contínuos; a terceira, aspectos ambientais, que seriam as tarefas motoras abertas ou fechadas; e por último e não menos importante, o aspecto de função intencional do movimento, que seriam tarefas de estabilidade, manipulação e locomoção. Esta forma de olhar o desenvolvimento motor é considerada por Gallahue (2002) como modelo unidimensional, porque observa o movimento em um único aspecto por vez, mas o próprio Gallahue (2002) e outros autores buscaram observar de outras formas, criando outros modelos.

Outra forma de observar foi através das fases de desenvolvimento motor trazida por Gallahue (2002) em quatro fases:

- a primeira chamada de fase reflexiva, seria o indivíduo em seus primeiros meses e ano de vida, movimentos dos recém-nascidos, como o nome diz, seria uma fase reflexiva, a partir de movimentos involuntários do ser;

- a segunda fase denominada de rudimentar, estes já considerados voluntários utilizados durante a infância, como habilidades básicas de locomoção, manipulação e estabilidade, mas nada refinado, apresentando movimentos ainda grosseiros;
- A terceira fase de desenvolvimento trazida por Gallahue (2002) é chamada de fundamental, também usando movimentos mais grossos, desenvolvidos durante a infância que melhoram sua interação com o mundo em que vive;
- A quarta fase, denominada de especializada, são movimentos complexos adquiridos normalmente ao final da infância, são os próprios movimentos anteriores, mas refinados e articulados com alguns outros movimentos, tornando assim o desenvolvimento do indivíduo completo para sua vida adulta.

A partir da abordagem desenvolvimentista, o professor de Educação Física iria utilizar de suas aulas para proporcionar desenvolvimento físico em seus alunos, levando em consideração os aspectos mencionados acima. Cabendo aos professores saber diagnosticar, estimular e desenvolver a parte motora em seus alunos.

#### D) PSICOMOTRICIDADE

Essa tendência para a Educação Física ganhou mais força por volta da década de 1970, surgindo em contraposição ao modelo esportista. O autor mais influente deste pensamento foi Jean Le Bouch.

Sobre a psicomotricidade, Darido e Rangel (2011) trazem que, a Educação Física já teria um novo olhar para o aluno, buscando o desenvolvimento da criança não só da parte física, como acontecia anteriormente, mas a psicomotricidade buscava uma aprendizagem integral, buscando desenvolver a partir das atividades físicas processos cognitivos, afetivos e psicomotores. Com a criação desta nova concepção para a Educação Física, buscava-se quebrar o paradigma de que o professor só pensava no físico dos indivíduos, passando do pensamento somente dos limites biológicos para o aluno como um indivíduo também psicológico.

A criação da Psicomotricidade se deu para alunos com deficiências físicas e mentais, mas logo foi percebido que poderia ser implantado a alunos conside-

rados “normais”. Para Darido e Rangel (2011), com a psicomotricidade traria um olhar pedagógico para a Educação Física, focando no processo do aprendizado do aluno, nos processos de desenvolvimento cognitivo (psicológico), afetivos e motor. Assim, com a psicomotricidade a Educação Física passou a dar os primeiros passos a caminho de novos objetivos e olhares que não seriam mais apenas o de educar o físico.

#### E) CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA-INTERACIONISTA

Este pensamento para a Educação Física foi bastante influente no desenvolvimento da Educação Física escolar, que buscava romper com o olhar mecanizado que possuíam sobre o dever da Educação Física para com o seu educando. O grande teórico desta área foi João Batista Freire, que propôs o modelo construtivista-interacionista na Educação Física, compreendendo que os alunos aprenderiam a partir da interação com o meio e com os seus colegas. Esta proposta baseava-se em ideais de Piaget e Vygotsky.

A abordagem construtivista pregava o trabalho das aulas a partir da cultura, conhecimentos prévios que os alunos já possuíam e não impondo atividades ou conhecimentos que os alunos não possuíam (BARBIERI; PORELLI; MELLO, 2009). Reforçando, Freire (1989) pregava que o aluno iria desenvolver seu conhecimento a partir da resolução de problemas, interagindo com o meio.

Algumas críticas são tecidas a esta abordagem. Darido e Rangel (2011) afirmam que o olhar desta teoria, para a Educação Física, tiraria a especificidade da área. Com este tipo de trabalho, a Educação Física torna-se um meio de facilitar o aprendizado de outras áreas, como português, matemática e etc.

#### F) ABORDAGEM CULTURAL

A Educação Física cultural vem de Jocimar Daolio, seu autor principal. Ele discutia que a Educação Física não poderia olhar o seu aluno como apenas um ser biológico, ele deveria ser olhado a partir de sua cultura. Na obra “Da cultura do corpo”, Daolio (2013) traz que o corpo do ser humano deve ser interpretado de várias formas, a partir da sua cultura onde esteja inserido. Então, uma comunidade pode ver o corpo de uma maneira, e outra cultura pode observar o corpo totalmente diferente.

O professor de Educação Física não poderia mecanizar o modo de trabalhar suas aulas de maneiras iguais para todos os alunos, por isso, Daolio (2013) traz que cada aula dependerá da cultura que o aluno esteja inserido, então, não tem como ter modelos prontos de aulas.

Dentro desta abordagem reforça-se bastante o termo de cultura corporal de movimento. O professor deve trabalhar diretamente com esta cultura corporal de movimento e fazer com que os alunos possam conhecer o máximo dessa cultura. A partir dessa prática, os alunos entendem valores, e entendem que a Educação Física fez e faz parte da construção humana.

O trabalho na perspectiva da cultura para Daolio (2013) é fazer o educando entender que o seu corpo não é algo simplesmente biológico, material, é mostrar ao aluno que ele é parte da sua cultura, é influenciado, manipulado. Assim, a abordagem cultural é citada por alguns estudos como parte dos pensamentos pós-críticos, possuindo relação direta com o pensamento do multiculturalismo defendido por Neira (2016), onde as aulas de Educação Física possuem novos objetivos e diferentes modos de ser trabalhados. Desse modo, a abordagem cultural propõe a Educação Física trabalhar a partir de olhares antropológicos, valorizando a cultura em sua prática e não focalizando, mais uma vez, em olhares meramente biológicos.

#### G) PERSPECTIVA CRÍTICO SUPERADORA

A Perspectiva Crítico Superadora foi um grande avanço para a área da Educação Física. A proposta de Soares et al. (1992) foi de lançar uma nova proposta de trabalho para os professores da área, que davam muita ênfase em trabalhos técnicos e táticos como a finalidade da Educação Física. Esta perspectiva foi mais uma tentativa de romper com olhares tecnicistas sobre a área, lançando um novo olhar para a função da Educação Física dentro da escola.

Este modo de trabalhar as aulas de Educação Física deve também valorizar a cultura corporal, trabalhando a partir de conhecimentos prévios que estes alunos possuam para poder partir para novas reflexões. A proposta da Perspectiva Crítico Superadora seria de trabalhar sobre os conhecimentos que os alunos já possuem, trazendo conhecimentos históricos e sociais, propondo uma leitura da realidade, mostrando ao aluno que ele é capaz de interferir na vida cotidiana.

Depois desta percepção da realidade, o professor poderá julgar com seu aluno o fato estudado, tentando assim tornar seu aluno pensativo sobre a realidade em que vive. De acordo com Soares et al. (1992), a função da Educação Física é proporcionar aos alunos oportunidades de perceberem o quanto a sociedade é desigual, é tornar o aluno crítico e agente decisivo em sua própria vida. Assim, os alunos devem conhecer a história dos conteúdos, como surgiram, como foram influenciados durante anos e como eles próprios podem transformar suas vidas. O papel do professor neste pensamento, segundo Soares et al. (1992), deve ser o de agente ativo e participativo nas aulas, buscando fazer com que os alunos percebam, reflitam e discutam sobre as dificuldades sociais.

A proposta lançada nessa perspectiva elenca os conteúdos da cultura corporal, que para Soares et al. (1992) seriam os jogos, os esportes, a dança, a ginástica e as lutas como forma de tematizar as aulas. A escolha de um desses conteúdos dependeria da realidade do aluno, a relevância do conteúdo para aquele aluno, etc. Estes conteúdos não devem ser ensinados como fim, ou seja, trabalhar o conteúdo pelo próprio conteúdo. A proposta Crítico Superadora define que o professor deve usar um destes conteúdos como base para poder influenciar de forma positiva seu aluno, mostrando o quanto a cultura passa por modificações, sofre influências e que este aluno é capaz de fazer escolhas e modificar sua realidade, buscando formar um aluno cada vez menos submisso as imposições da sociedade.

#### H) CONCEPÇÃO CRÍTICO EMANCIPATÓRIA

A proposta Crítico Emancipatória é uma concepção também muito discutida por autores no campo da Educação Física, seu principal autor é Elenor Kunz. O professor de Educação Física deve trabalhar em seus alunos uma forma de torná-lo um ser pensante, crítico e autônomo. Os conteúdos da área, mais uma vez, não seriam apenas ensinados tecnicamente, e sim como base, meio de se chegar a determinados fins que não seriam mais somente o melhoramento do físico (KUNZ, 1994).

A proposta defendida por Kunz (1994) não exclui a prática dos esportes, jogos das aulas, mas dá um novo olhar a esta prática. As aulas devem proporcionar ao aluno um olhar além da prática do esporte, devem transcendê-lo para pensamentos sociais, políticos, culturais, históricos, dentre outros. Assim, o trabalho da

Educação Física irá ter um novo norte, buscando a cultura corporal de movimento não como fim da prática, mas como meio de atingir melhoras cognitivas, sociais, políticas e afetivas em seus alunos.

Uma proposta crítica para Educação Física busca um novo horizonte, torna o aluno um indivíduo emancipado, reflexivo e autônomo. O pensamento de emancipação nas aulas, de acordo com Kunz (1994), será de utilizar das ferramentas da Educação Física como discutir a realidade da sociedade, mostrar, por exemplo, como alguns esportes são considerados de elite, onde grande parte da população não possui acesso a estas práticas. A partir disso, discutir com os alunos o porquê desses acontecimentos, quais suas consequências e como estes quadros podem ser revertidos.

A partir da realidade, dos próprios educandos, de onde a escola está inserida, o professor deve proporcionar aos alunos oportunidades de discussão sobre as diferenças sociais, de classe, alienação do sistema político, capitalismo na vida das pessoas, buscando tornar estes alunos pessoas difíceis de serem manipulados.

## I) SAÚDE RENOVADA

O termo saúde é algo muito discutido em torno da Educação Física como um dos seus objetivos, mas o pensamento da saúde renovada pode-se dizer que seja um tanto recente. Darido e Rangel (2011) refletem sobre a saúde renovada possuir algumas características do higienismo, mas com novas mudanças e objetivos, ou seja, uma nova roupagem.

A Saúde Renovada teria como temática central a saúde e qualidade de vida, promovendo nos alunos autonomia, reflexão e a criação de hábitos saudáveis para o dia a dia. Zancha et al. (2013) trazem que, apesar desta abordagem trabalhar a saúde não se deve focalizar apenas no aluno, no corpo biológico do indivíduo, deve ser trabalhado também aspectos sociais, afetivos e culturais para a melhora da saúde como um todo, não só do aluno em questão, mas de quem está a sua volta. Assim, a partir das aulas e atividades teórico-práticas, o professor aderindo ao pensamento da saúde-renovada, segundo Zancha et al. (2013), deverá discutir com seus alunos as consequências e benefícios das atividades físicas para a saúde, não só dos próprios alunos, mas como também de suas famílias. Um dos principais objetivos desta teoria, para Zancha et al. (2013), será a partir das aulas

estimular os alunos a aderirem uma vida não só fisicamente ativa, mas os demais aspectos que englobam a saúde como um todo.

## J) A PERSPECTIVA DO MULTICULTURALISMO

As discussões sobre o termo multiculturalismo não se restringem ou surgem nos programas de Educação Física, mas ganham muita força nessa área. O termo multiculturalismo, levando em consideração discussões de Neira (2016), surge a partir de movimentos sociais buscando combater as desigualdades de classes, gêneros, etnias, sexuais, culturais e algumas outras. Sendo assim, o pensamento multicultural no ambiente escolar busca estabelecer discussões acerca das diversidades populacionais, procurando mostrar que a humanidade não é uniforme e que isto deve ser considerado normal e aceitável por todos.

Dentro dessa perspectiva, o papel do professor será o de mostrar aos alunos suas realidades, observarem que em comunidades pequenas ou centralizadas estas mesmas realidades não são iguais, cada uma possui suas especificidades e discute o porquê isso acontece, quais suas causas e consequências.

Seguindo a linha do multiculturalismo, Neira (2016) aponta para o cuidado dos professores ao trabalharem neste pensamento, para não caírem ou serem manipulados pelo sistema dominante ao trabalharem sobre seus ideais. Neira (2016) destaca que o multiculturalismo possui algumas vertentes: o Multiculturalismo Conservador; o Multiculturalismo Liberal; o Pluralista; o Essencialista de Esquerda; e o Multiculturalismo Crítico. Estas são as vertentes que fazem parte desta perspectiva, cada uma possuindo suas peculiaridades e objetivos de formação de alunos. Vale ressaltar que, para Neira (2016), as quatro primeiras camuflam muitos problemas sociais, não discutem ou trabalham as realidades e os problemas sociais como deveriam, apenas utilizam do termo multiculturalismo para manipular seus alunos de forma que o sistema prefira e necessite.

Este artigo não pretende detalhar cada uma das vertentes do multiculturalismo, mas vale ressaltar que todas devem ser lidas e entendidas para aprimorar a visão e entendimento sobre o que os multiculturalistas defendem. Este artigo busca discutir apenas sobre a perspectiva do multiculturalismo crítico, defendido por Neira (2016), em contraposição ao multiculturalismo conservador.

O multiculturalismo conservador é uma forma de camuflar um sistema preconceituoso, racista e excludente. O currículo conservador irá tratar os conteúdos e discussões de forma que aborde apenas a cultura maior, ou seja, a cultura dominante que na maioria dos casos é a capitalista e ocidental (NEIRA, 2016). Assim, o professor irá trabalhar de forma a negligenciar todas as outras culturas presentes no contexto educacional, forçando estes grupos menores a aceitarem e se adequarem as normas impostas pelo sistema dominante.

A perspectiva multiculturalista crítica deve abordar as práticas corporais presentes nas realidades de cada cultura, como por exemplo, dos grupos minoritários e grupos vulneráveis. Neira (2008) argumenta que é papel do professor, nesta tendência, incluir nas práticas das aulas as culturas minoritárias e vulneráveis presentes na escola e discutir com os alunos das demais culturas suas características, o porquê dos acontecimentos, as origens e significados de cada prática.

Os grupos minoritários são grupos com poucos participantes, grupos que possuem uma quantidade pequena de adeptos em relação aos demais grupos sociais (CARMO, 2016). Os grupos vulneráveis, não necessariamente necessitam ser em menor número, mas que possuem dificuldades, estando em situações de vulnerabilidade social, como populações de periferias, situações de tráficos, violências, drogas e várias situações que são corriqueiras e comuns nas escolas. Para Neira (2016), o professor deve levar em consideração estas realidades e situações para trabalhar suas aulas e objetivos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A função da Educação Física sofreu várias alterações, possuindo diversos pensamentos e objetivos distintos para a área. Compreende-se que a Educação Física não busca treinar alunos para serem atletas, não busca apenas divertir os alunos, estes aspectos apenas fazem parte dos benefícios que a Educação Física possui.

Entende-se, com as reflexões acima expostas, que a Educação Física deve trabalhar na perspectiva da multiculturalidade, respeitando as diferentes realidades escolares e procurando relacionar suas práticas corporais com os anseios e necessidades do alunado específico para cada região, assim, a disciplina irá utilizar das suas ferramentas buscando a prática social.

Os jogos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as demais atividades, que são realidades das práticas corporais, devem ser utilizadas como instrumentos para discutir e produzir aprendizagens aos alunos, questões políticas, posturas adequadas à sociedade, normas, regras, condutas sociais, qualidade de vida, questões de saúde, gêneros, violência, corporeidade e inúmeros outros aspectos devem ser debatidos pelos professores de Educação Física.

## REFERÊNCIAS

BARBIERI, A. F.; PORELLI, A. B. G.; MELLO, R. A. Abordagens, Concepções e Perspectivas de Educação Física quanto à metodologia de ensino nos trabalhos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Rbce) em 2009. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 223-240, dez. 2009.

CARMO, C. M. de. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 6, p. 201-223, ago. 2016.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil. A história que não se conta**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

DAOLIO, J. **Da Cultura do Corpo**. 17 ed. Campinas, SP, 2013.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola. Implicações para a prática pedagógica**. 2 ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. Campinas, São Paulo: Scipione, 1989.

GALLAHUE, D. L. A Classificação das Habilidades de Movimento: Um caso para modelos multidimensionais. **Revista da Educação Física**. Universidade Estadual do Maranhão, Maringá, v. 13, n. 2, p.105-111. 2002.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

NEIRA, M. G. A Educação Física em Contextos Multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 39-54, jul-dez. 2008.

\_\_\_\_\_. O Multiculturalismo crítico e suas contribuições para o currículo da Educação Física. **Temas em Educação Física Escolar**. Colégio Pedro II, Revista do Departamento de Educação Física, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 3-29, jan-jun. 2016.

SANTOS, J. dos.; OLIVEIRA, E. L. de. As contribuições do esporte para a Educação Física Escolar. **Revista Educação Física**. Revista da Faculdade UNIFAFIBE, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 39-53, 2015.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. Comportamento motor e sua relação com a Educação Física. **Brazilian Journal of Motor Behavior**, v. 1, n. 1, p. 20-31. 2006.

VARGAS, C. P.; MOREIRA, A. F. B. A crise epistemológica na Educação Física: Implicações no trabalho docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 408-427, mai-ago. 2012.

ZANCHA, D.; MAGALHÃES, G. B. S.; MARTINS, J.; SILVA, T. A.; ABRAHÃO, T. B. Conhecimento dos profissionais de Educação Física escolar sobre a abordagem saúde renovada e a temática saúde. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas-SP, v. 11, n. 1, p. 204-217. 2013.





## EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Eleilma Cruz Silva

### INTRODUÇÃO

O professor de Educação Física deve ser um agente transformador responsável pela modificação da realidade em que vive. Para fazer essas mudanças, precisa atuar, não apenas na motivação por mudança de hábitos em relação ao corpo, mas, também na mente, ou seja, vinculação da ação com a reflexão. Deve compreender as manifestações corporais, superar o senso comum de pensamentos, sentimentos e ações.

A especialidade é trabalhar a cultura do corpo em movimento mostrando as potencialidades, desempenhando as atividades sob diversas formas de expressão corporal, sistematizada no campo educacional do lazer, na reeducação motora, da reabilitação, da gestão de empreendimentos relacionados com a atividade física, com o esporte e o lazer desenvolvidos através das atividades de danças, jogos, recreações e do ensino personalizado, entre outros. Medina (1990, p. 63), diz que:

Enquanto os profissionais de Educação Física não abrirem os olhos procurando penetrar em sua realidade de forma concreta por meio da reflexão crítica e da ação, não serão capazes de promover conscientemente o homem a níveis, mais altos da vida, contribuindo assim com sua parcela para realização da sociedade e das pessoas em busca de sua própria felicidade.

Dessa forma, é importante ter um professor formado na área de Educação Física para ministrar as aulas no ensino infantil, pois, ele sabe desenvolver atividades

com proposta para ajudar no desenvolvimento da criança. O condicionamento físico adequado, desenvolvimento afetivo-social e cognitivo da criança são baseados no desenvolvimento motor, que ajuda a criança a ser capaz de controlar seu próprio corpo. Nessa direção, este artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância do profissional de Educação Física para o ensino infantil.

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

As creches surgiram no Brasil em função do crescimento urbanizado e estruturação do capitalismo, a partir da mobilização entre os operários pela reivindicação de locais para as mulheres deixarem seus filhos, durante o horário de trabalho. As creches tornaram-se uma alternativa de apoio à criança, fora do ambiente familiar, com um importante papel social de educar. Elas possibilitaram à mulher a liberação para o mercado de trabalho contribuindo no crescimento da mão de obra do país.

A educação e o cuidado nas creches possibilitam à criança ter oportunidades de conhecer e aprender coisas em relação ao mundo a sua volta. A creche é ambiente necessário para que a criança possa descobrir e ampliar seus conhecimentos com materiais pedagógicos como livros, brinquedos e jogos de livre acesso a todos para o desenvolvimento físico e cognitivo.

O primeiro contato da criança fora da família é o ambiente escolar. É nele que a criança passa a ampliar seu conhecimento de mundo e, também, passa a ter contato com outras pessoas ao seu redor.

Em 1988, a Constituição Federal define creche e pré-escola como direito da família e dever do Estado em oferecer a educação infantil; e, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirma esses direitos constitucionais. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que a proteção integral deve ser garantida no país, indicando as medidas sociais, protetivas e socioeducativas que devem ser utilizadas para assegurar o bem-estar da criança e do adolescente.

Todas as crianças têm o direito à educação. A escola tem o papel de socializar e proporcionar o desenvolvimento das crianças com atividades e aprendizagem diversificadas, realizadas em situações de interação. A educação infantil tem como objetivo contribuir para a formação global e harmônica da criança, promovendo grandes atividades de experiências concretas, selecionadas pelo adulto a partir do conhecimento de suas características e das necessidades de sua idade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) defendem o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas e religiosas. As crianças têm direito a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil. Segundo Vygotsky (1996), a arte de brincar pode ajudar a criança com necessidades educativas a desenvolver-se e comunicar-se com os que a cercam e consigo mesma.

Na primeira etapa da educação infantil, a finalidade é desenvolver a integralidade da criança até os 6 anos de idade nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social para auxiliar no trabalho da família e da sociedade. Franco (2001, p. 56) enfatiza que “a escola infantil, independente do nível ou etapa, é o local onde a criança vive uma importante fase de sua vida (senão a mais importante).”.

Para Nóvoa (1992), as escolas constituem uma territorialidade espacial e cultural com expressão do jogo dos atores educativos internos e externos. Por isso, as suas análises só têm verdadeiros sentidos se conseguirem mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e as ações educativas à perspectiva técnica, de gestão ou de eficácia.

A educação infantil deve ser realizada de uma forma que a criança se compreenda como um ser humano em processo de desenvolvimento e precisa ter o olhar da criticidade, criatividade e solidariedade tornando-os, assim, futuros adultos críticos e de participação social.

As creches são para crianças de 0 a 3 anos de idade e as pré-escolas são para crianças de 4 a 6 anos de idade. Em uma creche, necessita-se de uma equipe adequada com professores formados em Pedagogia, Educação Física, Nutrição e Enfermagem. A recepção da criança à creche deve ser realizada por uma enfermeira com especialização em pediatria e puericultura. O trabalho pedagógico visa atender às necessidades determinadas pela especificidade da faixa etária, superando a visão autocêntrica em que a criança é concebida apenas como um vir a ser e, portanto, necessita ser.

A Educação Física, como conhecimento escolarizado, tem direcionado seu olhar para os vários aspectos do movimento humano e da corporeidade, por acreditar que os movimentos corporais, além de expressarem sentimentos, representam o elo entre o mundo exterior e interior, não reduzindo o corpo apenas a seu aspecto físico.

As aulas de Educação Física na educação infantil precisam proporcionar um ambiente que estimule a criatividade e curiosidade das crianças. Através das brincadeiras, deve favorecer o surgimento de atividades com prevalência dos valores como a solidariedade, responsabilidade, respeito e cultura. Segundo Basei (2008, p. 01),

a Educação Física tem um papel fundamental na educação infantil, pela possibilidade de proporcionar as crianças uma diversidade de experiência através de situações nas quais elas possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reelaborar conceitos e ideias sobre o movimento e suas ações.

Através das aulas de educação Física, a criança vai estar melhorando tanto o seu desenvolvimento motor como também o social. O desenvolvimento da criança deve ser entendido como uma auto-organização e contemplar a interação entre a intencionalidade interior, biológica e genética com o conteúdo exterior, representado pelo ambiente material e humano.

As crianças precisam descobrir todas as formas de deslocamentos possíveis e utilizar as habilidades de força, velocidade, resistência e flexibilidade nos jogos e brincadeiras que o professor aplica nas aulas (BRASIL, 2006). Não deixando de lado a manipulação de materiais, objetos e brinquedos disponíveis na escola para o aperfeiçoamento de suas habilidades manuais.

Os professores da Educação Física utilizam em suas práticas algumas atividades que contribuem no processo de desenvolvimento das habilidades motoras de locomoção, manipulação e estabilização da criança. De acordo com Gallahue e Ozmun (2001), as habilidades motoras fundamentais da primeira infância são consequência da fase de movimentos rudimentares do período neonatal, período no qual as crianças pequenas estão ativamente envolvidas na exploração e na experimentação das capacidades motoras de seus corpos. Assim, nas aulas de Educação Física, as habilidades motoras podem ser desenvolvidas através de exercícios ginásticos de equilíbrio, jogos e brincadeiras.

O professor de educação física deve conhecer cada estágio em que as crianças se encontram para que possa proporcionar atividades que estimulem adequadamente o desenvolvimento de cada criança. Segundo Libâneo (1998), cada aula é uma situação didática específica, na qual objetivos e conteúdos se combinam com

procedimentos metodológicos e formas didáticas visando, fundamentalmente, propiciar a assimilação ativa de conhecimentos e habilidades pelos alunos.

Tendo o principal objetivo de realizar atividades físicas durante a infância, a criança pode desenvolver a noção e o domínio corporal, noção espaço-temporal, melhoria nas habilidades físicas como o deslocamento, força e resistência, a consolidação dos hábitos de higiene, além de estimular o trabalho em grupo e o respeito às regras (GALLAHUE; OZMUN, 2001).

É através dos movimentos proporcionados e adequados que as crianças se desenvolvem integralmente com o meio ambiente e com o mundo ao seu redor visando sempre o respeito, cooperação, participação dentro do meio social das suas práticas, caso contrário, corre o risco de ficarem desconectadas com a sociedade onde se estão inseridas.

O professor precisa saber quais são as mudanças acontecidas no intelecto, no físico e no comportamental dos alunos. Os conteúdos propostos, os materiais utilizados e os espaços físicos devem ser apropriados às necessidades da criança no período de crescimento, colaborando para o seu desenvolvimento. Por isso, Ferraz (2000) afirma que a educação física é importante na educação infantil por auxiliar o desenvolvimento total da criança por meio da atividade física orientada.

## **O DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA ATRAVÉS DE JOGOS E BRINCADEIRAS**

Os jogos contribuem significativamente para o desenvolvimento motor da criança. A vida da criança não pode ser vista nem imaginada sem o jogo ou as brincadeiras, pois são as principais atividades da infância. Suprem as necessidades de ela criar seu próprio mundo para transformar o mundo em que está inserida. O ato de brincar auxilia no desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança. Vygotsky (1991, p. 89) afirma que:

[...] a brincadeira é a atividade principal da infância. Essa afirmativa se dá não apenas pela frequência de uso que as crianças fazem do brincar, mas principalmente pela influência que esta exerce no desenvolvimento infantil e ressalta que a brincadeira cria as zonas de desenvolvimento proximal

e que estas proporcionam saltos qualitativos no desenvolvimento e na aprendizagem infantil.

O brincar é, portanto, uma atividade natural, espontânea e necessária para criança, constituindo-se em uma peça fundamental para sua formação. Seu papel transcende o mero controle de habilidades.

O professor, ao trabalhar, com jogos e brincadeiras tem o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da criança através do conhecimento científico, proporcionando a vivência de situações reais ou imaginárias, propondo à criança desafios e incentivando-a a buscar soluções para os problemas que se apresentam durante o jogo, levando-a a raciocinar, trocar ideias e tomar decisões, tornando-as, assim, crianças independentes.

Segundo Piaget (1971), o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico. De forma geral, as atividades como brincar, jogar, imitar, dançar, criar ritmos e movimentos, ações gerais que fazem parte do cotidiano humano, por meio do brinquedo, da dança, dos jogos tradicionais da cultura, preencheriam, de alguma forma, a vida de todos possibilitando às crianças apreenderem um repertório da cultura corporal.

A brincadeira representa uma fase do desenvolvimento da inteligência da criança. Nesse processo, há o domínio da assimilação sobre a acomodação com função de consolidar a experiência passada.

Segundo Gallahue e Ozmun (2001), o desenvolvimento motor é uma contínua alteração do comportamento, ao longo do ciclo da vida, realizado pela interação entre as necessidades da tarefa, as necessidades biológicas do indivíduo e as condições do ambiente. Assim, é necessário oferecer condições básicas de vida desde recém-nascido para um desenvolvimento contínuo, de acordo com cada fase de desenvolvimento da criança. As fases têm suas características próprias que são alcançadas quando inseridas como um todo.

O desenvolvimento de cada criança acontece individualmente através dos estímulos e incentivo para cada uma. A infância é uma parte muito importante para o desenvolvimento motor de cada criança.

O desenvolvimento da criança está unido com a aprendizagem natural e os estímulos que são oferecidos. A brincadeira é uma das formas a ser utilizada na aprendizagem da criança, pois, através dela pode ser adquirido vários conhecimentos.

Vygostsky (1984, p. 97), afirma que:

A brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencia, determinado através da resolução de um problema sobre orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

As brincadeiras despertam o desenvolvimento, a aprendizagem e a socialização. Para Piaget (1971), a brincadeira como uma atividade formativa engloba o desenvolvimento integral do ser humano, entrelaçando as capacidades física, motora e intelectual, além do individualismo e da formação da personalidade da criança. Toda criança que faz atividades lúdicas vai estar adquirindo novos conhecimentos e desenvolvendo habilidades. Segundo Piaget (1971), o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, ela precisa brincar para crescer.

Brincando, as crianças aprendem a cooperar com as outras pessoas, a respeitar as regras, a ter responsabilidade e a viver em sociedade. Kishimoto (2010) corrobora que, a criança se coloca num papel de poder, ela pode dominar os vilões ou as situações que provocariam medo ou que a fariam sentir-se vulnerável e insegura.

Através dos movimentos corporais, a criança pequena começa "a viajar pela fantasia". Nessa fase, começa a assimilar o conhecimento através do "faz de conta" ou mundo imaginário, passa a aprender e a entender esses conhecimentos. Por exemplo: uma caixa de papelão, em sua imaginação, pode virar um castelo.

O jogo simbólico é como uma atividade típica da infância e essencial ao desenvolvimento infantil, ocorrendo a partir da aquisição da representação simbólica, impulsionada pela imitação. O desenvolvimento da criança está interligado com a aprendizagem natural e os estímulos que são oferecidos nessa fase. A brincadeira é um meio utilizado na aprendizagem da criança. Vygotsky (1984, p. 97) afirma que:

A brincadeira cria para as crianças uma "zona de desenvolvimento próxima" que não é outra coisa a distância entre o nível atual de desenvolvimento,

determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

Nesta direção, Macedo, Petty e Passos (2005, p. 13-14) afirma que:

Brincar é envolvente, interessante e informativo. Envolvente porque coloca a criança em um contexto de interação em que suas atividades físicas e fantasiosas, bem como os objetos que servem de projeção ou suporte delas, fazem parte de um mesmo contínuo topológico. Interessante porque canaliza, orienta, organiza as energias da criança, dando-lhes forma de atividade ou ocupação. Informativo porque, nesse contexto, ela pode aprender sobre as características dos objetos, os conteúdos pensados ou imaginados.

O ato de brincar ajuda na aprendizagem na infância. É importante que os professores promovam aulas de forma lúdica, pois, ao contrário, a escolarização infantil perderá a sua principal característica. Através do lúdico, o professor obtém informações sobre seus alunos, além de estimulá-los na criatividade, autonomia, interação com seus pares e na construção do raciocínio lógico.

É através do brincar que as crianças constroem o seu mundo e a sua linguagem, podendo criar e recriar suas imaginações. Proibir a criança de brincar é fragilizar o seu processo de desenvolvimento. Por isso, o papel do professor de Educação Física é criar condições de autoconhecimento e desenvolvimento das crianças (de 0 a 5 anos) nos controles motores, cognitivos, afetivos e sociais, construindo assim uma vida ativa, saudável e produtiva, integrando de forma adequada, trabalhando o corpo e a mente por meio das atividades físicas na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O papel do professor na educação infantil é fundamental para as crianças, pois, desde o início da vida escolar, as atividades físicas possuem uma importância no desenvolvimento motor, cognitivo e social. É necessário um espaço onde

a criança tenha uma educação de qualidade, que haja segurança, respeito e interação com todos.

A creche e a pré-escola são os lugares adequados para que os pais possam deixar os filhos. O professor, que atua com a motricidade da criança na educação infantil, precisa conhecer o real significado e a importância do movimento para o desenvolvimento como um todo. Através do desenvolvimento e de suas ações corporais, as crianças interagem com os outros e com o mundo ao seu redor.

As atividades lúdicas agem de forma significativa e contribuem no desenvolvimento integral adequando para que se tornem seres humanos saudáveis, inteligentes e de personalidade.

## REFERÊNCIAS

BASEI, A. P. A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación**, Espanha, vol. 47, n. 3. 2008.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil**: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação. Brasília: MEC/SEB, 2006.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

MACEDO, L. de; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e "mente"**. 22 ed. São Paulo: Papyrus, 1990.

NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo: Zahar, 1971.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.



# A NECESSIDADE DA INSERÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rose Maria dos Santos Costa

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objeto de refletir sobre a necessidade do profissional de Educação Física na educação infantil.

É preciso apontar que a preocupação em criar a Educação Infantil veio mediante a inserção das mulheres no mercado de trabalho, as quais sentiam a necessidade de deixar seus filhos protegidos para trabalharem. As creches vieram para propiciar amparo às mães trabalhadoras, sua origem é francesa e significa “manjedoura”. Tal nome designou uma instituição criada pelo Padre Oberlin há mais de 200 anos que objetivava abrigar crianças consideradas necessitadas daquela época (ABRAMOWICZ; WASKOP, 1995).

A Educação Infantil passa a ser considerada a primeira etapa da educação básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96). Essa legislação também define a Educação Física como componente obrigatório nessa etapa, embora não determine quem deve atuar com esse componente curricular de extrema relevância para o pleno desenvolvimento do educando, sua preparação para a cidadania e qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

O profissional de Educação Física pode proporcionar um conjunto importante de conhecimentos da cultura corporal e do movimento desde a Educação Infantil. Porém, em alguns lugares, existem uma deficiência no sistema educacional, apresentando um distanciamento da aprendizagem cognitiva e motora, havendo, portanto, uma separação desses, implicando na não promoção de uma educação

integral nessa etapa. Pode-se considerar que a sua inserção curricular na esfera da Educação Infantil significa um avanço para o ensino da Educação Física (SOUSA; VAGO, 1997).

Vale salientar que, nesta etapa, a fantasia é o brincar, sendo considerada uma ferramenta indispensável de ensino. Ao adentrar neste mundo, as crianças se entregam ao processo e vivem o momento de forma significativa. Segundo Oliveira (1985), o ato de brincar é um método capaz de proporcionar uma aprendizagem espontânea e natural. Ele estimula a criatividade e a socialização, pelo seu conteúdo pedagógico social.

É perceptível que na Educação Infantil prioriza-se apenas a educação e o desenvolvimento cognitivo, tornando assim limitadas as habilidades motoras de crianças dessa faixa etária. As atividades que proporcionam o desenvolvimento de habilidades motoras devem se fazerem presentes desde as séries iniciais, já que nessa etapa o que é aprendido será recordado e levado a sua vida adulta.

Diante disso, a presença da Educação Física na Educação Infantil possibilita a prática de atividades capazes de desenvolver ou aprimorar as suas expressões motoras, assim como descobrir o próprio corpo, tal como o seu desenvolvimento, e perceber ricas possibilidades de vivências do movimento e de suas habilidades. Betti (2007) afirma que, o foco da dinâmica de ensino e aprendizagem na Educação Física dirige-se para os sujeitos que se movimentam e valorizá-los como produtores de significações e conhecimentos.

## **HABILIDADE MOTORA: DESAFIOS CORPORAIS E AQUISIÇÃO DE NOVAS HABILIDADES CORPORAIS DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL**

A aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades variam de criança para criança, com influências genéticas, ambientais e sociais, entre outros. Todos os estímulos recebidos desde os seus primeiros anos irão possibilitar maior facilidade para a execução de movimentos mais complexos posteriormente.

Ao analisar um indivíduo no estágio inicial de aprendizagem de uma habilidade motora nova, é possível observar muitos erros e diversas variações na performance. Nesse momento, o sujeito se encontra no estágio de aprendizagem cognitiva, em que erros constantes e variabilidades são responsáveis por produzir uma sobrecarga no mecanismo de atenção do indivíduo. Para Garanhani (2002,

p. 110), “o campo funcional motor, nas fases iniciais do desenvolvimento infantil, integra a criança no seu contexto histórico cultural, e é por intermédio dele que ela começa a organizar a sua compreensão sobre as coisas e sobre como essas se encontram no espaço, bem como as relações com as pessoas presentes nesse contexto.”

A prática é o principal fator responsável para que o indivíduo possa melhorar sua performance. Após certo período de prática, ele já é capaz de realizar a atividade com mais facilidade, dominando a mecânica básica do movimento ou até mesmo descobrindo novas habilidades. Sendo assim, a quantidade de erros diminui e o sujeito já consegue detectar alguns deles. Para Pellegrini (2000), a prática consiste na repetição de uma mesma tarefa ou ação que permite melhorias na performance da aprendizagem.

O profissional de Educação Física consegue identificar todos os déficits e intervém diretamente nesses, consegue compreender qual estágio e fase se encontra a criança e trabalha de forma precisa para alcançar objetivos.

O desenvolvimento motor é um processo extremamente específico e jamais poderá ser classificado por domínios ou faixas etárias. É necessário, indiscutivelmente, levar em conta a individualidade de cada aprendiz. No processo didático-pedagógico, essa relação deve ser observada pelo professor, tendo em vista o nível de aprendizado de cada um, sendo uns menores e outros maiores. Sua didática deve estar voltada para aulas sem qualquer tipo de exclusão, conhecendo as limitações dos seus alunos e não deixando de lado a cultura corporal já trazida pela criança (DAOLIO, 2010).

Deve haver no período da Educação Infantil o máximo de satisfação de suas necessidades básicas, pois as crianças que possuem carência de estímulos corporais e ambientais nessa fase poderão apresentar dificuldades no decorrer de outros estágios do desenvolvimento, com risco de chegar ao período escolar com déficits acumulados em relação às habilidades mínimas necessárias para que possam adquirir novos comportamentos que delas serão exigidos. Diante disso, pode-se afirmar que a creche deve ser um ambiente facilitador que por meio de estímulos de um professor de Educação Física desenvolva na criança esses aspectos.

Todas as crianças já possuem habilidades básicas importantes para o seu dia a dia, mas através da Educação Física pode haver o aprimoramento e a descoberta de outras. A Educação Infantil é o momento de descobertas, e a Educação Física

vem para contribuir através de práticas corporais lúdicas. Para Rodriguez (2008) e Freire (2009), as crianças da faixa etária compreendida entre 02 e 04 anos de idade são adeptas de capacidades físicas como correr, saltar obstáculos, lançar objetos, rolar e pular. Então, as atividades da disciplina são pautadas nessas ações, tendo caráter recreativo e lúdico.

Aprimorar habilidades e propor novos desafios exigem promover complexidades a partir de cada faixa etária, sem atropelar ou desrespeitar os limites apresentados. Essa ação exige profissionais qualificados. Schmidt (1992) alega que, a aprendizagem e o repertório de habilidades motoras variam em função da ênfase dada à automatização, que pode ocorrer como resultado de uma grande quantidade de prática.

Os desafios servirão para instigar os discentes a ultrapassarem limites, a experimentarem e viverem a experiência da cultura corporal. Para isso, é necessário que o profissional esteja dotado de saberes para intervir satisfatoriamente. Silva et al. (2015) compreende que, esse componente curricular, nessa etapa da educação básica, apresenta como uma das principais finalidades proporcionar aprendizagem e, continuamente, o desenvolvimento das crianças, em conjunto com os demais profissionais da Educação Infantil.

Uma didática diferenciada que use metodologias significativas possui grande importância nessa busca pelo aprimoramento de habilidades motoras na Educação Infantil. Trabalhar de acordo com a realidade da criança, com suas potencialidades e fragilidades facilita a construção do conhecimento. Betti e Zulliani (2002) ressaltam que, o professor de Educação Física deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir e o seu relacionar-se na esfera da cultura corporal de movimento.

É necessário ressaltar que, apenas um profissional de Educação Física saberá trabalhar a cultura corporal, potencializando as habilidades motoras como correr, andar e saltar, de forma significativa de acordo com cada faixa etária. Por isso, elimina-se a possibilidade de uma educação integral se não tiver presente esse profissional trabalhando em questões relativas ao movimento do corpo.

Propor desafios para aprimorar e promover novas habilidades corporais não é algo simples a ser aplicado. Isso não é apenas movimentar-se, e sim ativar subunções para nova aprendizagem, é respeitar a etapa e permitir evoluções gradativas, respeitando a identidade do sujeito e as limitações apresentadas, tendo em vista que haverá crianças com diversas realidades, dificuldades e potencialidades diferentes.

Trabalhar o movimento é também proporcionar à criança um desenvolvimento e ampliação da cultura corporal de cada uma. É apresentar-lhe o novo para melhor apropriar-se do conhecimento, para maior absorção desse. Desta forma, promove-se uma aprendizagem que envolva totalidade do ser, tendo em vista que deve haver equilíbrio entre todos os aspectos que compõem o indivíduo.

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA**

Soares (1997) compreende que, o objetivo da Educação Física, na educação, é promover o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais, ou seja, da formação holística do sujeito, integral e global do aluno.

De acordo com Moraes (2002, p. 13):

[...] toda educação é motora, tudo que falamos é psicomotricidade. Psicomotricidade é a fala do corpo. Para desenvolver a criança globalmente permitindo-lhe uma visão de um mundo mais real, através de suas descobertas, de sua, criatividades é justamente deixar a criança se expressar, analisar e transformar sua realidade.

A psicomotricidade traz consigo a relação de atividades e jogos lúdicos por meio de ações que têm como promover no educando relações com o meio externo e, ao mesmo tempo, propõe harmonia entre seu corpo e sua mente, incluindo as questões afetivas. Desta forma, brincar é a melhor forma de dar significados a seus movimentos e, assim, poder promover no aluno novas descobertas do mundo que os rodeia, ações essas relacionadas intimamente com os aspectos motores, socializadores e psicológicos. Na realidade, o brincar traz o mundo simbólico à criança, traz para o aprendiz a curiosidade. Garanhani (2002, p. 109) suscita que:

Na pequena infância o corpo em movimento constitui a matriz básica da aprendizagem pelo fato de gestar as significações do aprender, ou seja, a criança transforma em símbolo aquilo que pode experimentar corporalmente e seu pensamento se constrói, primeiramente, sob forma de ação.

A partir da psicomotricidade e, conseqüentemente, do movimento como promotor do desenvolvimento integral, as ações práticas desenvolvidas por professores de Educação Física poderiam acrescentar ainda mais a esses profissionais na sua metodologia. Podendo, assim, assimilar a ordem básica da metodologia da Educação Física desenvolvida, e promover uma interação em busca de objetivos, implicando na melhoria da dinâmica das aulas na participação dos educandos e, principalmente, no desenvolvimento holístico desses alunos.

A Educação Física é uma disciplina que permite a criança trabalhar aspectos importantes para o equilíbrio do seu corpo. Medina (2010) afirma que, a Educação Física deve ocupar-se do corpo, de seus movimentos e da sua mente, voltando-se para a ampliação constante das possibilidades concretas dos seres humanos, e ajudando-os, assim, na sua realização mais plena e autêntica.

Trabalhar a psicomotricidade da criança nessa etapa é essencial, a partir de atividades elaboradas satisfatoriamente, propondo autonomia, interação, inclusão e adaptação total da criança no meio escolar. Como esta etapa de adaptar-se ao meio em que está inserido muitas vezes acarreta questões emocionais à criança, uma didática lúdica bem elaborada, pensando em desenvolver as habilidades, faz toda diferença nesse momento.

A criança que desde as primeiras idades não possui acesso a saberes específicos da Educação Física, corre o risco de fragilizar o seu desenvolvimento e aprendizagem pela necessidade, em respeito à sua fase de estímulos e o uso do brincar, tendo em vista as particularidades de uma aprendizagem significativa, visando à totalidade.

A educação física utiliza-se das atividades, exercícios e jogos, para formar o indivíduo como um todo, apoiando-se em bases científicas: biológicas, pedagógicas e psicológicas. Não se pode buscar somente a perfeição física, é preciso alcançar também a personalidade desejada. O professor, de posse desses conhecimentos científicos, tem possibilidade de formar o educado na sua unidade físico-espiritual. (RODRIGUES, 2003, p. 11).

O professor de Educação Física deve oportunizar a todos, promovendo a inclusão para que desenvolvam seu potencial tanto físico quanto mental, de forma

democrática, visando ao seu aprimoramento enquanto seres transformadores e reprodutores de ações em todas as dimensões, para que sejam agentes transformadores.

## METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A APRENDIZAGEM INTEGRAL DAS CRIANÇAS

O educador é um profissional que deve acreditar em uma educação melhor e com qualidade. Deve inserir em sua metodologia aquilo que é relevante para a realidade, já que seu papel é o de sujeito que tem como função organizar as propostas de ensino-aprendizagem, enfatizando e medindo tal ensino entre a criança e o conhecimento no qual se está transmitindo, devendo ser planejado, elaborado, considerando os conhecimentos que trazem consigo e os norteando para que esses tenham uma visão de mundo de forma ampla, visando, assim, a educação como um todo.

A ludicidade é uma ferramenta para as diversas áreas da educação. Dessa maneira, cada um possibilitará desenvolver o que cabe em seus papéis. Segundo Oliveira (1985), a ludicidade constitui um recurso metodológico capaz de oportunizar aos alunos uma aprendizagem espontânea e natural. Ela é responsável por estimular a crítica, a criatividade, a sociabilização, sendo, desse modo, reconhecida como uma das atividades mais significativas, senão a mais relevante, pelo seu conteúdo pedagógico social.

A Educação Física, a partir de uma metodologia lúdica, poderá trabalhar muitos aspectos importantes relacionados a sua área de conhecimento, inclusive apresentará a cultura corporal a partir do movimento. A ludicidade ainda é a melhor maneira de instigar qualquer etapa da educação, principalmente no ensino infantil. Brincando, a criança consegue se envolver de maneira mais eficaz no processo. Desta forma, processa melhor o que está sendo transmitido. De acordo com Almeida (1995, p. 41):

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca,

criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.

O brincar permite à criança aprender e viver a etapa em que ela está passando. Essa ferramenta possibilita um aprendizado sem exigir da criança uma série de esforços exuberantes e que possam prejudicar seu cognitivo. Segundo Lopes (2006, p. 110):

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

Lopes (2006) afirma que, nas brincadeiras as crianças podem desenvolver uma variedade de capacidades importantes, tais como atenção, memorização, imaginação, amadurecendo também a capacidade de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

As brincadeiras caracterizam-se por proporcionarem a vivência lúdica e a inclusão social, trazendo ao aluno aprendizagem quanto aos direitos e deveres, aliando-se à sua autonomia quanto as transformações socioculturais. Com isso, o lúdico possui essencial parcela na manutenção da saúde do discente, na sua qualidade de vida, na sua educação e na busca pela cidadania.

A Educação Física, pelas suas possibilidades de contribuições ao desenvolvimento da criança, diante de um programa de atividades lúdicas, foca na brincadeira e estímulos como método para promover equilíbrio do seu corpo. Para Vygotsky (1984), é com a formação de conceitos que se dá a verdadeira aprendizagem e, é no brincar, que está um dos maiores espaços para a formação de conceitos.

A partir do brincar, o profissional de Educação Física consegue alcançar dimensões que Ferraz (1996, p. 16) compreende em:

1. Dimensão simbólica: a) conhecimento e compreensão do corpo; b) conhecimento e compreensão das habilidades básicas; c) conhecimento e compreensão de regras. 2. Dimensão atitudinal: a) apreciação e aceitação da atividade física; b) autoconceito positivo e estável: capacidades e limitações, imagem corporal, autodisciplina; c) comunicação pelo movimento: imitação, expressão e interpretação; d) valores relacionados aos outros: competição, cooperação, capacidades e limitações dos outros, valores e comportamentos dos outros. 3. Dimensão procedimental: a) desenvolvimento das capacidades físicas e motoras; b) desenvolvimento das habilidades básicas de manipulação, locomoção e estabilização; c) desenvolvimento perceptivo-motor: consciência espacial, temporal e corporal.

Dessa forma, é papel do corpo docente resgatar as brincadeiras que já são popularmente culturais da infância como forma de ensino-aprendizagem e que ajudarão no desenvolvimento da criança. Amarilha (1997) afirma que os objetos, sons, movimentos, cores, figuras, pessoas, tudo pode virar brinquedo através de um processo de interação em que funcionam como alimentos que nutrem a atividade lúdica, enriquecendo-a.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo propôs investigar a importância da Educação Física na Educação Infantil, tendo em vista que essa disciplina promove o desenvolvimento cognitivo através da aquisição de novas habilidades motoras, principalmente, a partir do brincar. Compreendendo a subjetividade dessa disciplina em seus aspectos positivos, é possível percebê-la como transformadora e emancipadora, dotada de aspectos que permitem amplitude nos saberes integralmente, a partir da cultura corporal do movimento e da psicomotricidade.

Consideramos a Educação Física na Educação Infantil agente de aprendizagem integral, pois propõe equilíbrio entre corpo e mente, dando ênfase às potencialidades a serem desencadeadas pelos discentes. A Educação Física é uma importante disciplina que pode ajudar diretamente na formação integral do aluno, uma vez que ela atua de maneira direta sobre os aspectos físicos, cognitivos, sociais e afetivos do discente.

Os aspectos cognitivos, afetivos e sociais estão automaticamente ligados uns aos outros. A Educação Física propõe ao aluno equilíbrio e maior harmonia entre esses, ao mesmo tempo em que o faz sentir-se parte do processo, além de não restringir a aprendizagem apenas a uma sala de aula, estando enfileirados, mas sim buscando fazê-los aprender com novas metodologias, trabalhando a totalidade do ser.

A Educação Física permite à criança vivenciar a partir da cultura corporal o mundo dos símbolos e fantasias. Possibilita também agregar saberes em seu mundo, sem fugir da essência de ser criança. E, dessa forma, que se faz eficaz a metodologia da Educação Física que, quando unida à pedagogia, consegue alcançar grande proporção à aprendizagem do discente. Essa disciplina permite à criança viver e conhecer suas potencialidades e limitações a partir da cultura corporal do movimento e estimula suas potencialidades.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A; WASKOP, G. **Creches**: atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo: Moderna, 1995.

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995.

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

BETTI, M. Educação Física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 18, n. 2, 2007.

BETTI, M.; ZULLIANI, L. R.; Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Rev. Mackenzie de Educação Física e Esporte**, ano 1, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Senado Federal, 1996.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 2010.

FERRAZ, O. L. **Educação Física Escolar**: conhecimento e especificidade, A questão da pré-escola. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl. 2, p. 16-22, 1996.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Londrina, Ney pereira. 2009.

GARANHANI, M. C. A motricidade nos estudos da educação infantil no Brasil: uma análise da produção teórica na área da educação (1983-1998). **Revista Paranaense de Educação Física**, Curitiba, vol. 1, n. 2, p. 31-39, nov. 2002.

- LOPES, V. G. **Linguagem do corpo e movimento**. Curitiba: FAEL, 2006.
- MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. 25 ed. Campinas: Papyrus, 2010.
- MORAES, R. M. **Recreação e Jogos escolares**: o movimento Infantil. 8 ed. Florianópolis: Ceitec, 2002.
- OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PELLEGRIN, A. M. A aprendizagem de habilidades motoras I: o que muda com a prática. **Rev. Paul. Educ. Fis.**, São Paulo, supl. 3, p. 29-34, 2000.
- RODRIGUEZ, G. C. *Educação física infantil*: motricidade de 1 a 6 anos. São Paulo: Phorte, 2008.
- RODRIGUES, M. **Manual teórico e prático de educação física infantil**. 8 ed. São Paulo: Ícone, 2003.
- SCHMIDT, R. A. **Aprendizagem e performance motora**; dos princípios a prática. São Paulo, Movimento, 1992.
- SILVA, A. L. P. et al. Projeto Político Pedagógico: instrumento norteador das ações educativas na Escola Municipal Santo Antônio. **Revista Humanas Et Al.**, Maranhão, vol. 2, n. 4, p. 103-117, dez. 2015.
- SOARES, C. L. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1997.
- SOUSA, E. S.; VAGO, T. M. O ensino de educação física em face da nova LDB. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (org.). **Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs**: profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.





# EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES SOBRE PLANEJAMENTO ESCOLAR NAS AULAS DO ENSINO MÉDIO

Bruna Santana Souza

## INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma disciplina capaz de ensinar com suas práticas corporais, como esportes, jogos, lutas, danças e Ginástica, incluindo conteúdos de valores sociais. Através do planejamento, os professores, com novas experiências e novos conhecimentos, criam sua própria didática e dão mais significado a prática obtendo mais segurança no que estão fazendo. O profissional de Educação Física, no processo de planejar, deve manter a relação entre o objetivo, o conteúdo e o método a ser trabalhado nas aulas. Deve haver uma harmonia e interdependência entre os elementos do ato de planejar. O professor precisa organizar os conteúdos, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP),

[...] cujos objetivos educacionais, elaborados pelo gestor em conjunto com a comunidade escolar, possam ser alcançados no decorrer do ano como também trabalhar para que esse projeto consiga conscientizar a comunidade do seu papel crítico, social e transformador da sociedade, comprometido, sobretudo, com as reais necessidades socioculturais da população com a qual está envolvido, desempenhando, assim, o seu lado político. (VASCONCELOS, 2000, p. 169).

Segundo Coll et al. (2000), conteúdo como uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores,

crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, etc., cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada ao aluno.

Através do planejamento, os professores, com novas experiências e conhecimentos, criam a própria didática e dão mais significado à prática com mais segurança no que estão fazendo. O objetivo deste artigo é refletir como o professor planeja, seleciona, organiza e sistematiza os conteúdos para as aulas de Educação Física no Ensino Médio.

## **O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) E PLANEJAMENTO PARA O ENSINO**

A Educação Física (EDF) faz parte do currículo escolar com as suas próprias especificidades e se inter-relaciona com os outros componentes curriculares. Segundo Gonçalves (1994), como ato educativo, a EDF está voltada para a formação do homem tanto em sua dimensão pessoal como social. A Educação Física está envolvida e presente no contexto da realidade dos alunos.

O planejamento permite ao professor utilizar uma linha de razão, direcionando as suas ações significativas, mediando e enriquecendo as experiências de ensino. Segundo Libâneo (1994), o professor serve, de um lado, dos conhecimentos do processo didático e das metodologias específicas das matérias e, de outro, da sua própria experiência prática. O docente, a cada nova experiência, vai criando a didática e, com isso, enriquecendo a prática profissional e, também, ganhando mais segurança. Agindo, dessa forma, o professor acaba usando o planejamento como fonte de oportunidade de reflexão e avaliação da sua prática.

O planejamento das aulas de educação física é importante para a eficiência do desenvolvimento das aulas. Para Moretto (2003), planejar é organizar ações. Essa é uma definição simples, mas que mostra uma dimensão da importância do ato de planejar, uma vez que o planejamento deve existir para facilitar o trabalho tanto do professor como do aluno.

O professor deve planejar as aulas possibilitando atender e suprir as necessidades no âmbito escolar no qual está inserido, pois, a necessidade de planejar é a base da eficiência para promover o ensino/aprendizagem de forma completa. Além disso, possibilita as vivências culturais, corporais e sociais dos seus discentes.

Para o professor planejar, é necessário participar e conhecer o PPP, para identificar os problemas e a cultura dos alunos e da comunidade. O PPP é um guia de orientação em que são relatados a missão, visão, valores e objetivos da escola, pois, nele são estabelecidas a realidade da comunidade, dos alunos e da escola, as diretrizes e os meios de realização do trabalho docente.

Sua função é orientar a prática partindo da exigência da própria prática. O plano deve ter uma ordem sequencial, progressiva. Para alcançar os objetivos, são necessários vários passos, de modo que a ação docente obedeça a uma sequência lógica. Por objetividade, entendemos a correspondência do plano com a realidade que se vai aplicar. Não adianta fazer previsões fora das possibilidades humanas e materiais da escola, fora das possibilidades dos alunos.

Deve haver coerência entre os objetivos gerais, específicos, conteúdos, métodos e avaliação. Coerência é a relação que deve existir entre as ideias e a prática. O plano deve ter flexibilidade no decorrer do ano letivo. O professor está sempre organizando e reorganizando o seu trabalho.

Nessa perspectiva, percebemos que o PPP

[...] revela quem é a comunidade escolar, quais são seus desafios com relação à boa formação, à conquista da autonomia e da gestão democrática, capaz esta de organizar, executar e avaliar o trabalho e educativo de todos os sujeitos da escola... Eis o nosso desafio, recolocar o projeto político pedagógico no centro de nossas discussões e práticas concebendo-o como instrumento singular para a construção da gestão democrática. (SILVA, 2003, p. 298 apud SILVA; CAZUMBÁ, 2015, p. 21).

Assim, o projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito com um compromisso definido coletivamente. Preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos e ajude no planejamento escolar. Por isso, o professor deve estar atento e sensível a cada nova demanda que a realidade lhe apresenta. Planejar significa olhar a realidade que circunscreve o ato educativo, buscando interferir, adequada e competentemente, nessa mesma realidade. Vasconcelos (2012, p. 81), diz que “ao planejar, o professor repensa e avalia a sua prática, pois o planejamento é o

momento privilegiado para que sejam revistos os rumos atividades e efetividade às ações didáticas que irão se desenrolar no dia a dia da sala de aula.”

Concordando com Bracht e Caparroz (2007), o docente não deve “aplicar” teoria na prática, mas sim, (re)construir (reinventar) sua prática com referência em ações e experiências anteriores, bem como, em reflexões e teorias.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (BRASIL, 1997), é necessário visualizar, com nitidez, os diversos caminhos que se estabelecem entre os sujeitos da aprendizagem e os objetos de ensino. E, nesse sentido, precisar com clareza, as relações entre o que, para quem, e como se ensina e se aprende a cultura corporal de movimento na escola. Propõe-se, ainda, a inclusão de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais relativos aos próprios processos de aprendizagem, visando à construção de uma autonomia para aprender a aprender.

Resgatar a complexidade da docência passa, sem dúvida, por uma ampliação de nossa capacidade de compreensão acerca dos fenômenos que constituem nosso cotidiano. Há muito tempo a Educação Física foi dita como algo só na dimensão procedimental (saber fazer), mas tende a necessidade do profissional de Educação Física ser competente e eficaz. Além da experiência do saber fazer, deve-se ter a competência conceitual, muito bem elaborada e desenvolvida para que o ensino e aprendizagem possam ter uma nova roupagem sobre a Educação Física. Os PCN’s (BRASIL, 1998) trazem três aspectos fundamentais a serem trabalhados: o princípio da inclusão, da diversidade e a categoria de conteúdo, que contemplam as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal referentes aos três princípios, “o saber, o fazer e o ser”.

A prática da Educação Física no Ensino Médio busca o desenvolvimento para os adolescentes, através de um simples jogo, momento de relaxamento e desconcentração, ou seja, um espaço de aprendizagem e construção. Mas, para isso acontecer, é necessário o professor repensar as metodologias de ensino ao planejar suas aulas, para saber qual objetivo alcançar, selecionar os conteúdos de acordo com a realidade dos alunos e aos interesses e necessidade dos alunos.

Vasconcelos (2011 apud SANTOS, 2014) coloca planejamento em quatro fases distintas e ininterruptas: Planejar, Preparar, Acompanhar e Revisar. Para ele, planejar é o que efetivamente se deseja fazer, elencando os pontos a serem transformados e o que deve ser feito para que tais mudanças aconteçam.

A seguir, é preciso preparar os materiais, os recursos e os indivíduos que estão ligados diretamente neste processo. O acompanhamento significa visualizar, de perto, como o processo está se desencadeando para, na última etapa, propor revisões e mudanças. Assim, facilitará a chegada ao seu objetivo, respeitando e observando o desenvolvimento dos alunos. Segundo Santos (2014), o planejamento de ensino dos professores de Educação Física considera um objeto de estudo baseado na cultura corporal, não raras vezes limitado às aulas práticas.

Para melhorar o planejamento nas aulas do ensino médio, pode-se optar pelo planejamento participativo. O planejamento participativo consagra a necessidade de um projeto político, mostra como estruturá-lo e como organizar um processo técnico que lhe seja coerente, além de estabelecer a participação como elemento chave de uso do poder em todos os graus, organizando instrumentos para utilizá-la (GANDI, 2004 apud SANTOS, 2014).

Segundo Santos (2014), o principal objetivo do planejamento participativo é, portanto, conduzir a instituição e os educadores a definir o rumo que querem tomar, indicando as ações concretas que serão contempladas a fim de alcançar os ideais de transformações traçadas.

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: CONTEÚDO E METODOLOGIA**

Os PCN's (BRASIL, 1999, s.p.) destacam as principais competências e habilidades a serem desenvolvidas na Educação Física no Ensino Médio:

- Espera-se que, no decorrer do Ensino Médio, em Educação Física as seguintes competências sejam desenvolvidas pelos alunos;
- Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recursos para a melhoria de suas aptidões físicas;
- Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidades e frequências aplicando-as em suas práticas corporais;
- Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-la e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção das atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde;

- Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e conscientes da importância delas na vida do cidadão;
- Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão;
- Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos que se propôs;
- Reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática sobre os diferentes pontos de vista propostos em debates;
- Interessar-se pelo surgimento das múltiplas variações da atividade física, enquanto objeto de pesquisa, áreas de grande interesse social e mercado de trabalho promissor;
- Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal.

Para todas essas competências serem atingidas, é necessária organização e estruturação dos conteúdos através das práticas corporais, jogos, lutas, danças, ginástica e esporte. Além disso, “os conteúdos curriculares da Educação Básica observarão, ainda as seguintes diretrizes: promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.” (BRASIL, 1999, p. 158).

Para os PCN's (BRASIL, 2008), o ensino médio deve ser entendido como uma etapa de formação básica especificamente pensada para alunos cujo perfil não se define tão-somente pelo recorte cronológico da juventude ou da vida adulta, mas também por características socioculturais que possam definir o sentido que eles dão às experiências vivenciadas na escola. Os PCN's citam que são necessários os alunos terem vivências nas práticas corporais, pois, a educação física possui um distintivo em detrimento às demais disciplinas. Isto é, ela contribui para a formação do indivíduo por meio de instrumentos e conhecimentos diferentes dos tradicionais na escola.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o Ensino Médio destacam que as ações administrativas e pedagógicas dos sistemas de ensino e das escolas

devem ser coerentes com princípios estéticos, políticos e éticos, abrangendo a estética da sensibilidade, a política da igualdade e a ética da identidade. Afirmam que, as propostas pedagógicas devem ser orientadas por competências básicas, conteúdos e formas de tratamento dos conteúdos previstos pelas finalidades do Ensino Médio.

Os princípios pedagógicos da identidade, diversidade e autonomia, da interdisciplinaridade e da contextualização são adotados como estruturadores dos currículos. Afirmam que, as propostas pedagógicas devem ser orientadas por competências básicas, conteúdos e formas de tratamento dos conteúdos previstos pelas finalidades do Ensino Médio.

Para Brasil (2006), os conteúdos de ensino passam a constituir um objeto importante para o professor, quando os temas são construídos com a comunidade escolar e colocados ao lado de temas específicos dos componentes curriculares, professores devem garantir temas que dependam dos conhecimentos próprios das disciplinas que ministram.

Os conteúdos que predominam nas produções da Educação Física brasileira são: o esporte, a ginástica, os jogos, as lutas e a dança. Entretanto, na condição de conteúdos de ensino na escola, não possuem vida própria, é preciso um tema relevante para conduzi-los. Temas esses que, por sua vez, precisam estar vinculados a um projeto de formação dos alunos.

A título de exemplo, no caso do ensino médio, é possível destacarmos alguns temas importantes que estão muito presentes no cotidiano dos sujeitos desse nível de escolarização. Alguns temas relacionados à comunidade como: identidade Juvenil; gênero e sexualidade; produções culturais e artísticas; saúde e bem-estar físico; cultura juvenil e meio ambiente; entre outros. Também temas específicos da educação Física como: práticas corporais e autonomia; possibilidades de vivências crítica e emancipada do lazer; mitos e verdades sobre o corpo; entre outros.

Todos os temas acima mencionados demandam um conjunto de práticas corporais que caracterizamos como conteúdo. Por sua vez, cada tema possui a capacidade de envolver mais de um ou até mesmo todos os conteúdos em seu desenvolvimento. Tudo dependerá dos acordos entre os professores e a comunidade escolar, sobretudo entre professor e aluno. No diálogo com as diversas estruturas da escola, esses conteúdos aproximam o aluno da realidade podendo levar um conhecimento em busca de uma melhor reflexão.

Segundo Libâneo (1999), os métodos de ensino são as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos de trabalhos docentes e a um conteúdo específico. São classificados os métodos de ensino como: método de exposição pelo professor; método de trabalho relativamente independente do aluno; método de elaboração conjunta (ou conversação); e método de trabalhos em grupos e atividades especiais.

Bracht e Caparroz (2007) defendem que a didática da Educação Física escolar deve ir além da orientação dos conteúdos e métodos, devendo direcionar a interação educativa, atentando para as relações sociais a comunicação humana.

Para planejar as aulas de Educação Física, é raro comparar com outro professor porque cada um possui sua concepção. Segundo Kunz (1996), essa etapa de análise passa por três passos: o primeiro é uma análise das próprias experiências do eu. Temos como aula de Educação Física (biografia esportiva) que pode ser realizado por qualquer professor, como ponto de partida para as reflexões de sua própria história de vida esportiva; o segundo passo é um estudo das estruturas (aula como um fato socialmente construído); e o terceiro é uma avaliação da concepção de esporte que transita pelas nossas escolas.

Sabe-se que, para uma aula estruturada, vai depender do objetivo do professor e o método a ser utilizado para conseguir chegar ao seu objetivo sem exclusão e trabalhar os valores sociais através da prática corporal. Segundo Kunz (1996), pode-se dizer que a aula reproduz uma situação social, pois, seus integrantes desempenham determinados papéis sociais.

Para Soares et al. (1992), a estruturação de aulas, a dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para aprender a realidade. A aula, nesse sentido, aproxima o aluno da percepção da totalidade das suas atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente).

Desse modo, a Educação Física para o ensino médio tem como objetivo preparar o aluno como cidadão, aprimorar seus conhecimentos como pessoa humana com formação ética, autonomia, intelectual, crítica, tendo ampla visão dos conhecimentos tecnológicos e os processos teóricos e práticos, das atividades físicas em seu cotidiano (BRASIL, 1997). Além disso, a atividade física no ensino médio deve chegar ao aluno como um objetivo e significado, tornando-se, assim, uma

prática interessante e com fundamentos para que o aluno venha a tomar isso como hábito saudável, assimilando como parte de seu cotidiano.

## **A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

O planejamento na Educação Física possibilita ao professor a oportunidade de trabalhar com os alunos de modo a desenvolver a sua totalidade. Assim, o profissional deve elaborar bem os seus planos de ação.

O professor deve saber o que vai ensinar, pois, precisa-se saber “o saber fazer e saber ser”. Além das práticas, deve haver teoria deixando de ser o professor esportivista e trabalhar com a realidade dos alunos. Outra questão a ser analisada é a do plano de ensino. Alguns docentes têm atrelado sua prática educativa a abordagem a qual se identificam e não a coerente para nortear os problemas identificados na sala de aula, outros não utilizam ou até não conhecem por não terem uma formação continuada, assim, acaba fugindo de uma prática pedagógica coerente, prejudicando a formação dos alunos.

Para que o professor consiga atingir seus objetivos, primeiramente, precisa conhecer a realidade da escola em que vai lecionar e a realidade em que cada aluno estar inserido, para assim, fazer um planejamento que atenda à necessidade de todos os alunos. A falta desse planejamento pode vir a fragilizar todo o processo de ensino-aprendizagem porque a maioria vive em realidades diferentes e aprendem de maneiras distintas.

O professor precisa realizar seu plano de aula de maneira que os alunos entendam a importância do conteúdo ensinado. É necessário, também, conhecer os alunos em seus aspectos cognitivos e psicossociais.

Através do planejamento, os professores tendem a adquirir novas experiências e novos conhecimentos, criando a própria didática e dando mais significado à sua prática obtendo mais segurança no que está fazendo. Diante do exposto, a escola precisa cooperar com os professores, realizando reuniões e encontros pedagógicos, para que todos possam dar sugestões para o planejamento, a fim de sanar possíveis dificuldades e, assim, formar cidadãos responsáveis e questionadores, evitando aulas monótonas e sem objetivos claros.

Para Kunz (2006), o objeto do ensino da Educação Física não é apenas o desenvolvimento das ações do esporte, mas proporcionar críticas de diferentes represen-

tações do esporte e que o aluno entenda o contexto sociopolítico, que na prática seja pedagogicamente relevante. É preciso que os professores de Educação Física, ao realizarem o planejamento, tentem buscar uma relação de teoria e prática, não apenas deixar no papel como se não tivesse finalidade alguma, pois, é a partir da prática que o alunado irá desenvolver significativamente suas potencialidades.

É relevante o docente ter uma formação continuada, buscando sempre novos conhecimentos através de leituras atualizadas para melhorar a sua atuação profissional. Segundo Vasconcelos (2012), a preocupação de formação continuada deve partir também da gestão em prol da melhoria da educação escolar. É necessário que haja um engajamento dos professores de Educação Física com os demais professores de outras disciplinas para que juntos possam identificar a realidade da escola onde atua para sanar possíveis problemas por meio do planejamento das aulas.

Os professores de Educação Física ainda influenciados pela concepção esportivista continuam restringindo os conteúdos das aulas aos esportes mais tradicionais, como, por exemplo, basquete, vôlei e futebol. E, assim, o professor acaba restringindo os conteúdos da Educação Física escolar. A Educação Física possui um vasto conteúdo formado pelas diversas manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo dos anos. São eles: jogos, brincadeiras, danças, esportes, ginásticas, lutas, etc.

Ao sistematizar seus conteúdos, o docente precisa estar atento a realidade dos alunos para que possa adotar métodos e planejar-se tornando, assim, a aprendizagem significativa, pois, cada aluno possui sua individualidade, para que não haja exclusão, durante as aulas e desmotivação por partes dos alunos. É necessário ser criativo e trabalhar com os diversos conteúdos da Educação física. Para Neira (2006), a escola, entretanto, é o espaço institucional no qual as diferenças (de gênero, étnicas, culturais, físicas e cognitivas) devem ser consideradas e respeitadas de maneira a permitir a construção da identidade de cada aluno para a realização da sua autonomia. Como apontam os PCN's (BRASIL, 1999), a experiência social, cultural, afetiva e cognitiva dos educandos, definidora dessa identidade, deve-se construir na referência fundamental a partir da qual o conhecimento será construído.

Por isso, o professor tem que estar atento para planejar e sempre respeitar diferenças e dificuldades dos alunos para não haver exclusão. Segundo Neira (2006),

apesar de a aula ser um momento de trabalho coletivo, é importante recordar que cada aluno é um ser singular e com um tempo próprio de aprendizagem. Muitos se encontram em etapas diferentes no processo de conquista e construção dos seus conhecimentos. Por isso, o professor deve promover estímulos para a construção da aprendizagem.

É necessário que o professor sempre faça uma análise e confronte os alunos com outras práticas. Às vezes, passa o maior tempo colocando culpa nos recursos, na gestão escolar, nos alunos e o maior erro está em si mesmo por não planejar ou não rever o seu progresso, deve sempre estar se avaliando para não prejudicar a si e a todos. Para Neira (2006), o papel do professor é fundamental em sala de aula, é preciso lembrar as influências que têm sobre o desenvolvimento do aluno. Por isso, ressalta-se a responsabilidade de planejar e olhar para a realidade dos alunos.

Com isso, Piaget (1988) afirma que, a atuação do professor é indispensável, na medida em que deve ter um papel ativo na estruturação do processo de aquisição de conhecimento de seus alunos, ajudando-os a construir e a organizar suas ideias, aplicando-lhes o olhar sempre que possível e estimulando a pesquisa e as ações intencionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo levantou a temática “planejamento na educação física” como um tema que deve ser compreendido devido sua necessidade na elaboração das aulas, processo que requer raciocínio e organização das ações escolares.

Para o professor selecionar o conteúdo da Educação Física, deve compreender o contexto histórico cujos alunos estão inseridos, buscar diálogos com os alunos para conhecer a cultura e, também, a vivência dos mesmos. O professor, nas suas aulas, tem a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, de modo a produzir, reproduzir e transformar através dos jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas, ajudando na saúde, confiança, cooperação, respeito, entre outros.

A escola deve ser o centro de conhecimento para professores e alunos. Esse espaço deve garantir a socialização e democratização dos conhecimentos sobre a realidade. Assim, encaminhar o aluno como sujeito para transformar a realidade

no qual está inserido, através de trabalhos, discussões e debates. Portanto, o professor tem meios de transformar os alunos com possibilidades de construir suas próprias ideias e de construir seu próprio futuro tornando esse aluno autônomo em busca do que deseja e, para isso, o professor precisa ser responsável e consciente do seu trabalho.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E. **O tempo e o lugar de uma Didática da Educação Física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Campinas, Autores Associados, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares nacionais: Ensino Médio/ Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica/ Brasília: Ministério da Educação, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da educação. **Orientações Curriculares para o ensino médio: linguagens códigos e suas tecnologias**, 2008.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação física /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLL, C; POZO, J. I.; SARABIA, B.; VALLS, E. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Editora Artes Médicas. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GONÇALVES, M. A. S. **SENTIR, PENSAR, AGIR: corporeidade e educação**. 2 ed. São Paulo: Papirus, 1994.

KUNZ, E. **Transformação didática pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí. 7 ed. 2006.

KUNZ, E. **Transformação didática pedagógica do esporte**. Ijuí :Unijuí. 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MORETTO, P. R. **Planejamento dialógico: Como construir o projeto político pedagógico da escola**. 4.º edição, São Paulo, Cortez, 2003.

NEIRA, M. G. **Educação Física**: desenvolvendo competências. 2ed. São Paulo: Phorte, 2006.

PIAGET, J. **Para onde vai a Educação?** 9 ed, Rio de Janeiro, 1988.

SANTOS, K. S. **Planejamento participativo**: A prática das aulas de Educação Física no desenvolvimento Escolar. Universidade de Brasília. Brasília (DF), 2014.

SILVA R. M; CAZUMBÁ, R. da S. S. Gestão Democrática e projeto político pedagógico: estudo de caso em uma escola municipal de São Gonçalo dos Campos/Ba. **Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.**, Santa Maria, v. 4, n. 8, jul./dez. 2015.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELOS, M. L. **Educação básica**: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2012.





# EDUCAÇÃO FÍSICA E A AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO

Andrei Andrade de Abreu

## INTRODUÇÃO

Estudos apontam que os professores de Educação Física possuem grandes dificuldades e más interpretações quanto ao conceito de avaliação. Pode-se observar que a avaliação no aspecto geral busca verificar como o aluno se encontra num determinado momento em relação a um determinado tipo de linguagem, e assim atribuir ao aluno uma nota. A partir dessa premissa emerge o seguinte questionamento: como está sendo realizada a avaliação de aprendizagem dos alunos na disciplina de Educação Física no ensino fundamental?

## AVALIAÇÃO OU EXAMES: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Para Luckesi (2011, p. 48-49), “o ato de avaliar é o ato de retratar a qualidade de alguma coisa, de uma situação ou dos resultados de nossa ação.”. A avaliação é concebida como uma das partes do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, para se avaliar é necessário ter um planejamento prévio, coerente com a realidade para assim executá-lo e, posteriormente, avaliar se os objetivos foram alcançados.

A avaliação deve servir para alcançar os melhores e possíveis resultados do aluno, considerando este aprendiz como um ser inacabado, um indivíduo em constantes mudanças, capaz de aprender sempre. É por tal motivo que avaliar

implica acolher o aluno com suas reais dificuldades, ajudando-o na sua construção do aprendizado.

Na atualidade, a avaliação tornou-se um ato de punição para os alunos que se distanciam das “respostas corretas”. De acordo com Luckesi (2011), através da pedagogia tradicional, o aluno é entendido como um sujeito que vem pronto para a escola, portanto, cabe a escola classificá-lo em fraco, médio ou bom em relação a determinado conteúdo. Pode-se dizer então que o papel da escola e da avaliação se dão, apenas, em rotular o aluno em níveis quantificáveis de aptidão para determinado tipo de saber, não estando a escola, neste caso, preocupada com o aprendizado do discente.

Luckesi (2011) destaca ainda que, a avaliação empregada nas escolas atualmente ainda é decorrente de uma pedagogia tradicional que visa manter a sociedade em ordem, portanto, preocupa-se muito com o padrão e o controle social.

Pode-se analisar que o fato de a avaliação ser empregada dessa forma é correto de acordo com a linha de pensamento da pedagogia que segue, e com o modelo de se pensar a formação que a maioria de nossas escolas ainda usam. Na pedagogia tradicional, a aplicação dos exames, segundo Luckesi (2011), serve para preparar os alunos para o vestibular ou para passarem no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). De acordo com esse autor, a caracterização das aplicações desses exames serve apenas para entregar para a sociedade alunos com notas boas, que merecem estar numa faculdade porque provaram que são classificados como bons.

Sob o olhar da pedagogia tradicional, a aplicação desses exames é a melhor solução para externar a sociedade a formação de bons discentes, entretanto tal posicionamento é uma má interpretação do conceito de avaliação de aprendizagem (LUCKESI, 2011).

Através de Hoffmann (2014) e Luckesi (2011), chega-se ao posicionamento que de fato os professores interpretam mal o conceito de avaliação e que cada tipo de avaliação serve a peculiaridades de determinada pedagogia. Os professores têm os dados obtidos nos exames ou avaliações de aprendizagem e não sabem usar tais indicadores para reorientar os alunos e seu próprio método de dar aula para garantir resultados mais satisfatórios para os discentes.

De acordo com Hoffmann (2014), é nessa perspectiva que os professores e o sistema de ensino estão a todo momento preocupados mais com a aprovação

dos alunos, do que se de fato os mesmos aprenderam os conteúdos propostos. Nessa perspectiva, a avaliação é confundida com exames, tendo a função única de rotular o que o aluno é no momento, não estando preocupada em usar os resultados para fazer com que esse aprenda de forma mais significativa.

É possível afirmar que os alunos têm medo da avaliação e das suas respectivas notas. Esses iniciam as aulas preocupados em saber quais assuntos irão cair nas provas, é como se só existisse valor aquilo que vai para a prova, e o resto não vale a pena estudar. O medo é tão grande que poucos se preocupam em aprender de fato o tema estudado, o mais importante é tirar boas notas, e para tirar tais notas, os discentes, submetidos às pressões psicológicas, utilizam-se de meios antiéticos para garantir a aprovação.

Hoffmann (2014) afirma ainda que os professores aplicam os exames preocupados que os alunos decorem exatamente aquilo que está escrito em seus livros de respostas, e quando o erro acontece, dificilmente o aluno terá o direito de defesa, pois o professor autoritário não consegue entender que sua pergunta muitas das vezes induziu ao erro, ou que cabia outras respostas para a pergunta apresentada. Nota-se, assim, que o erro é interpretado pelo professor de uma forma errônea, o mesmo deveria servir para preparar novos planejamentos para o aluno construir um conhecimento inteligível, cumulativo e contínuo.

O processo avaliativo é utilizado, na maioria das vezes, servindo apenas para punir e classificar o aluno. Na maioria dos casos, os professores fazem a avaliação mais preocupados com a aprovação ou reprovação, ou em casos piores, almejam que os alunos reprovem por serem indisciplinados na hora das aulas (HOFFMANN, 2014).

Luckesi (2011) aponta que as consequências para a formação de um aluno avaliado apenas através da avaliação somatória, que irá contribuir para a construção de um aluno com uma inteligência mecânica, que não consegue defender suas ideias ou criticar as informações apresentadas em seu cotidiano.

Para Hoffmann (2014), a avaliação está mais preocupada em dizer o que o aluno é, do que ajudar alunos e professores a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz para ambos, e com isso, fortalecer o nível educacional desse aprendiz com o intuito de superar esta qualidade educacional gradativamente. Desse modo, a avaliação é um dos mecanismos para atingir a qualidade de ensino.

## **A AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM: UMA BUSCA PELOS MELHORES RESULTADOS PARA O ALUNO**

A avaliação, para Luckesi (2011), deveria servir para diagnosticar em que situação o processo de ensino-aprendizagem está. Para Hoffmann (2014), a partir desse diagnóstico, o professor ou a escola deve tomar consciência da situação, e assim planejar estratégias para garantir a eficácia e a qualidade do aprendizado dos alunos. Deste modo, é perceptível que a função da avaliação de aprendizagem não é apenas trazer os dados, mas sim utilizar-se deles para fazer transformações na vida do aluno e da sociedade.

A avaliação deve orientar o educando para adquirir não uma média em relação ao seu saber, mas sim capacitar o educando a atingir um mínimo possível necessário para se viver em cidadania (LUCKESI, 2011). De acordo com esse autor, se o aluno não atende ainda a esse mínimo possível, é papel fundamental do professor utilizar-se da avaliação para verificar as melhores possibilidades de atender a necessidade de aprendizagem deste aluno, estando a todo o momento preocupado em reorientar este discente para garantir uma aprendizagem de qualidade e uma formação integral.

Deste modo, Hoffman (2014) destaca que é extremamente necessário que os professores parem de fazer da avaliação escolar uma caixinha de surpresa, fazendo da avaliação puros exames que têm a finalidade de reprovar o aluno, quando na verdade deveriam servir para indicar melhores maneiras de ensinar, e garantir a alunos e professores um processo de ensino-aprendizagem mais justo. Pode-se dizer então que, a avaliação de aprendizagem deve sempre se preocupar que o aluno aprenda, e para isso, o professor deve sempre reorientar os alunos e sua própria didática para atingir tal objetivo.

O próprio Luckesi (2011) diz que é comum na escola o professor querer como resposta correta aquela que se encontra fixa em sua mente, sendo que muitas vezes a formulação de suas provas não deixam de forma clara para o aluno o que de fato se espera da pergunta. Analisando tal fato pode-se entender o motivo pelo qual os alunos se preocupam tanto com as notas e repudiam o erro das questões, isso devido aos instrumentos avaliativos estarem incoerentes, como também pelo motivo dos alunos e professores não valorizarem o erro como um caminho para o acerto.

O caminho para dar ao aluno melhores resultados na aprendizagem é justamente investir na avaliação. Deve-se migrar dos exames aplicados atualmente para a verdadeira avaliação de aprendizagem, e para que essa funcione, a mesma precisa ser diagnóstica, formativa e somatória (LUCKESI, 2011), tendo o caráter qualitativo superior ao quantitativo como assim aponta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) no artigo 24º.

Para que a avaliação de aprendizagem funcione como uma contribuição para os alunos, a mesma precisa acolher a realidade que cerca os discentes para que se possa direcionar estratégias para alcançar tal ajuda necessária.

A avaliação deve estar ligada ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, e seus executores devem ter em mente tal projeto quando vão avaliar, caso contrário, a avaliação não estará sendo coerente com os objetivos de formação que a escola pretende alcançar (LUCKESI, 2011).

Assim, pode-se dizer que o primeiro passo é planejar e estar consciente do que a escola pretende enquanto formação de seus discentes, em seguida, deve-se descrever a realidade, onde se fará a qualificação da realidade. Ou seja, atribuição de um juízo de valor, após isso, se necessário irá ser feita a intervenção na realidade, para assim garantir ao aluno que não atingiu o esperado, condições para que aprenda e se desenvolva no processo. Vasconcelos (2012) afirma que avaliação e planejamento devem andar juntos, que para a avaliação ter sentido e funcionar, ela deve ser também planejada em concordância com o que a escola estruturou em seu PPP; caso contrário os instrumentos avaliativos serão injustos e não trarão a realidade dados que se comuniquem com a formação pretendida.

Bratfische (2003) aponta que para trabalhar com as múltiplas inteligências em sala de aula deve ter planejamentos que atendam os diferentes alunos. Nesse caso, o papel da avaliação de aprendizagem deve sempre estar preocupado com o aprendizado do aluno, portanto, os professores irão sempre reorientar sua prática educativa para atingir tal objetivo.

Para a avaliação de aprendizagem funcionar os instrumentos de coleta de dados para avaliação de aprendizagem devem ser eficazes e justos, e devem também ser aplicados em coerência com público ao qual esses serão eficazes para coletar os dados de forma certa (LUCKESI, 2011). Cada instrumento serve melhor a determinadas situações e a determinados alunos, assim tendo em vista as múl-

tiplas culturas em sala é que também os professores devem usar mais de um instrumento avaliativo.

Além disso, deve-se devolver os resultados dos dados colhidos para os alunos, dando a eles os detalhes sobre pontos positivos e negativos, oferecendo sempre caminhos para que eles melhorem e aprendam de forma inteligível, e que usem tal aprendizado de forma individual e coletiva (BRASIL, 1998).

Sobre como avaliar, Darido (2012) argumenta que existem instrumentos avaliativos, embora básicos, se bem utilizados irão ser benéficos para ajudar na progressão do aluno. Pode-se citar a observação, provas, auto avaliação e análise de anotações dos alunos. Sobre o instrumento observação, destaca-se que o mesmo deve ser o ponto forte de qualquer professor e que tal instrumento tem a vantagem de não precisar parar a aula para coletar os dados avaliativos (DARIDO, 2012). Em relação as provas, como já apontado anteriormente, não é necessário bani-las do processo educativo. Ao contrário, o que deve ser feito, de acordo com Darido (2012), é saber utilizá-las nos momentos certos, e que estejam sendo usadas coerentemente com a sua função que é verificar o poder de síntese de ideias do aluno. Deste modo, nota-se que a prova é um dos meios para se avaliar, e um meio específico para atender a alguns objetivos, não se pode jamais avaliar um aluno exclusivamente por meio deste instrumento.

Outro tipo de instrumento é a análise dos trabalhos construídos pelos alunos, que pode servir como uma avaliação diagnóstica sobre o que o aluno sabe de determinado conteúdo (DARIDO, 2012). Em relação a auto avaliação, o aluno consegue enxergar sua progressão no processo avaliativo, de fato, isto acontece. Entretanto, é correto analisar também que por trás desta auto avaliação, deve existir do outro lado um professor e um aluno que compreendam a relevância e o uso deste instrumento para o aprendizado (DARIDO, 2012).

Em suma, a avaliação vai estar correta desde que se relacione com a sua linha pedagógica. Já sob as necessidades atuais de formação integral do sujeito, a avaliação deve garantir o aprendizado do aluno, reorientando o discente e professor para um processo de ensino e aprendizado que seja eficaz para ambos, onde o mais importe é o aprendizado, sendo a nota uma consequência do processo.

## **AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A avaliação na Educação Física ou nas demais disciplinas deve possuir um caráter qualitativo, sendo superior ao quantitativo. Deve também ter um caráter contínuo e processual do desenvolvimento do aluno, a avaliação deve estar acima do potencial de atribuição de notas, a fim de servir para a transformação social dos educandos (BRASIL, 2010).

De acordo com Darido (2012), na pedagogia esportivista, os professores se preocupavam em atribuir notas aos alunos mediante empenho e rendimento em determinados esportes. Assim, a avaliação dos educandos estava direcionada em identificar se esses sabiam ou não executar o movimento padrão para a modalidade de esporte. Nota-se neste caso, que os professores esqueciam de avaliar as dimensões conceituais e atitudinais, e ainda utilizavam o uso de exames ao invés de avaliação de aprendizagem.

Darido (2004) traz que, na atualidade os professores fazem a avaliação e a atribuição de notas a partir da motivação e participação dos alunos de estarem nas aulas de Educação Física. Apesar de já ser uma mudança positiva no cenário, é necessário ir mais além, é preciso que o professor informe aos alunos os critérios avaliativos que serão utilizados, para que os mesmos entendam como e por que estão sendo avaliados, e assim se preparem melhor.

O aluno se expressa de diferentes formas e tem potencialidades ou fragilidades diferentes para os diversos conteúdos, então é mais justo que a avaliação seja também direcionada sob diferentes vieses, tornando-a assim mais eficaz (HOFFMANN, 2014). Diante disso, pode-se dizer que o aluno deve ser avaliado na Educação Física no ensino fundamental sob três dimensões: conceituais, procedimentais e atitudinais (BRASIL, 1998).

Darido (2012) afirma que, em relação ao modo como se avaliava na metodologia tradicional, os professores de Educação Física já evoluíram de forma benéfica. A autora acredita que o fato de os professores incluírem a participação discente como critério avaliativo é um ato de progresso. Analisando tal situação, é correto afirmar que avaliar esta participação é se preocupar que ele esteja inserido na aula, entretanto é necessário estar atento para que esta participação do aluno seja comprometida com os objetivos da aula.

Avaliar é difícil, sem dúvida os docentes de Educação Física se questionam sobre diversos pontos sobre avaliação. Deste modo, algumas leituras e interpreta-

ções sugerem “responder a cinco questões centrais a respeito do tema Educação Física na escola: por que avaliar, quem, o quê, como e quando?” (DARIDO, 2012, p. 130).

De acordo com Darido (2012), deve-se avaliar porque é através dela que aluno, professor e escola terão progressão no processo de ensino-aprendizagem. No que diz respeito ao professor, a avaliação serve para diagnosticar o que os alunos sabem, e assim planejar coerentemente de acordo com a realidade que cerca a escola e os alunos, bem como os objetivos predefinidos. Deve-se avaliar também porque, é por meio desta forma de avaliação que o aluno pode se conscientizar frente ao seu estado no processo de aprendizagem.

Sob o olhar da escola, deve-se avaliar porque essa oferece indícios gerais de como está seu corpo docente e discente. Para a escola, a avaliação oferece mais que números, se bem usada serve para ver se suas metodologias e linhas pedagógicas estão surtindo efeitos para solucionar os problemas da realidade escolar (DARIDO, 2012).

Certamente a avaliação é para ser feita pelo Estado, escola, professores e alunos. O Estado avalia para garantir as metas elencadas no Plano Nacional da Educação (PNE), a escola avalia para chegar a construção da identidade do aluno que almeja, o professor para fazer o aluno construir as competências frente a sua disciplina como uma etapa para a formação de um aluno integral, e o aluno avalia para se posicionar criticamente no processo de ensino-aprendizagem.

Já sobre o questionamento de como avaliar, certamente, também já é claro, a partir do pressuposto de Luckesi (2011), que a avaliação deve ser feita através de instrumentos e critérios. Os instrumentos devem estar de acordo com o que se espera avaliar, para que não se obtenha dados equivocados e injustos. De acordo com Smole (2010), existem diversos instrumentos avaliativos, e os que os definem como bons é o uso correto desses para o que se pretende avaliar. Para a autora, os mais usados são: observação e registro, análise dos registros dos alunos, provas e análises de erros, e auto avaliação.

- Observação e registro: não faz sentido observar sem ter uma direção nos objetivos que se espera. É, portanto, necessário saber o que vai se observar, para poder anotar os pontos importantes e analisar os dados registrados a fim de proporcionar mudanças que garantam os objetivos previamente traçados. Tal instrumento pode ser usado de forma con-

mitante para garantir a reorientação do processo, como também ao final. A observação é o instrumento avaliativo mais usado na Educação Física no ensino fundamental para se avaliar os exercícios físicos dos alunos;

- A análise dos registros dos alunos: o professor precisa utilizar-se mais das atividades teóricas dos alunos para acompanhar e garantir o progresso dos discentes. Smole (2010) diz que, o professor deve verificar tais registros no início de um assunto novo para saber o que o aluno sabe, e no final de uma atividade ou de um tema para ver o entendimento que o discente adquiriu frente a explicação do professor, ou ainda existe a possibilidade de verificar os registros como forma de avaliação formativa, ajustando o planejamento para atender as deficiências dos alunos;
- As provas: não devem deixar de ser usadas, entretanto, devem ser aplicadas para os objetivos corretos, e nos momentos corretos. Smole (2010) diz que, as provas têm efeito exitoso para que o professor observe no aluno sua capacidade de síntese mediante um assunto. Nota-se, portanto, que a prova assim como os outros instrumentos tem sua particularidade, e, por esta razão, deve ser usada com o cuidado e propósito correto para o que se quer avaliar do aluno, deve ser também um dos instrumentos avaliativos usados, e não o único;
- Auto avaliação: pode ser introduzida desde a educação infantil até as demais etapas da educação básica, para isso o professor deve preparar os discentes para usar este instrumento para progredir (SMOLE, 2010). A autora ainda salienta que, a auto avaliação não deve ser usada apenas para o aluno avaliar seu comportamento nas aulas ou a ação do professor, ela deve ser usada para progressão na aprendizagem de forma crítica e protagonista.

No ensino fundamental, de acordo com Brasil (2017), espera-se formar um aluno protagonista nas diversas práticas da cultura corporal de movimentos.

No ensino fundamental os objetivos de aprendizagem devem estar voltados para reconhecer a existência de infâncias no plural e, conseqüentemente, a singularidade de qualquer processo escolar e sua interdependência com as características da comunidade local. É importante reconhecer,

também, a necessária continuidade às experiências em torno do brincar, desenvolvidas na Educação Infantil. As crianças possuem conhecimentos que precisam ser, por um lado, reconhecidos e problematizados nas vivências escolares com vistas a proporcionar a compreensão do mundo e, por outro, ampliados de maneira a potencializar a inserção e o trânsito dessas crianças nas várias esferas da vida social. (BRASIL, 2017, p. 182).

Assim, o professor deve, de fato, reconhecer o que a criança traz de bagagem e problematizar tais conhecimentos visando a formação de um aluno crítico, criativo e protagonista de suas ações. Sendo assim o processo avaliativo deve também estar atrelado a esta criança plural, como também deve-se avaliar as crianças nas esferas conceituais, procedimentais e atitudinais, isto claro que obedecendo a progressão continuada nos três primeiros anos do ensino fundamental de nove anos.

No campo conceitual, de acordo com Darido (2012), o professor de Educação Física deve avaliar como os alunos usam os conceitos atrelados a cultura corporal de movimentos em situações do cotidiano. Deste modo, o docente deve verificar no aluno como ele emprega o aprendizado dos conceitos nos exercícios físicos, esportes, brincadeiras e outros. É deste modo que o professor irá verificar se o aluno consegue usar os conceitos para solucionar problemas, e não apenas para responder uma prova/exame.

Em relação a avaliação procedimental na Educação Física, pode-se afirmar que essa, está atrelada ao saber fazer, ou esclarecendo melhor, pode-se dizer que é o saber jogar/brincar. Tal dimensão procedimental é, sem dúvida, a mais aplicada, valorizada e avaliada pela maioria dos professores de Educação Física, tal fato é dado devido a própria construção histórica da Educação Física. Entretanto, é importante salientar que o fato desta dimensão ser a mais avaliada, não é garantia que a mesma é aplicada da forma mais correta. Na Educação Física, a avaliação procedimental deve avaliar o aluno percebendo como um indivíduo único, então avaliar o aluno em comparação com o seu próprio desenvolvimento inicial, verificando se houve progresso.

Já em relação a avaliação atitudinal, essa é a esfera que os professores mais têm dificuldade de avaliar os alunos, pode-se dizer que muitos nem entendem o que significa a dimensão atitudinal. Assim, é importante primeiro conceituar

que “o termo conteúdos atitudinais englobam uma série de conteúdos que por sua vez podemos agrupar em valores, atitudes e normas.” (ZABALA, 1998, p. 46). Na Educação Física, a avaliação atitudinal não se diferencia deste conceito acima, no caso deve-se avaliar como o aluno emprega os valores, normas e atitudes nas situações práticas. De acordo com Darido (2012), só é possível averiguar se os alunos aplicam de fato tais valores se o professor colocar os alunos sobre situações de conflitos.

Assim, é possível concluir que, na dimensão conceitual deve ser avaliado no aluno sua capacidade de utilizar-se do entendimento dos conceitos para solucionar os problemas de seu cotidiano. No aspecto procedimental, o aluno deve ser avaliado em relação ao que consegue transferir dos conceitos para a prática, sendo o mesmo avaliado em comparação ao seu próprio desenvolvimento para determinada ação. Já no campo atitudinal, o professor deve verificar no aluno, através de situações de conflitos proporcionados pelo professor, a capacidade de exercer valores para uma vida cidadã dentro das práticas dos exercícios físicos ou outras tarefas do cotidiano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Espera-se que este artigo tenha deixado em evidência as caracterizações conceituais sobre a avaliação de aprendizagem na disciplina de Educação Física. Embora alguns autores como Silva (2015) defendam a ideia de que a formação inicial não fornece tudo sobre como se avaliar, pode-se dizer que tal formação é um pilar para o professor compreender como deve avaliar e planejar. É correto dizer então que, um professor com uma formação inicial de qualidade irá buscar se atualizar frente aos meios de avaliação e, portanto, esta formação continuada junto ao seu cotidiano e experiências com a Educação Física irá contribuir para uma avaliação voltada para a progressão do aluno.

A avaliação de aprendizagem ainda é mal interpretada. Há professores que conceituam bem o termo avaliação. Entretanto, apresentam distanciamentos de seus discursos teóricos quando vão aplicar a avaliação no cotidiano de suas aulas. No geral, percebe-se que a maioria aplica exames ao invés da avaliação de aprendizagem, e que a preocupação em atribuir um juízo ao avaliado é maior do que a preocupação em achar estratégias para fazer o aluno aprender.

Outro fato que comprova a má interpretação sobre a avaliação é de em algumas realidades os professores conceituarem a avaliação como algo para diagnosticar o processo de aprendizagem dos alunos. Entretanto, não fazem uso destes resultados para beneficiar os alunos com metodologias de aulas diferentes, ou até mesmo preocupando-se em mudar os instrumentos avaliativos para poder talvez trazer resultados mais justos para as múltiplas culturas de alunos em sala de aula, onde sabe-se que cada um tem sua forma e tempo de aprendizagem particular.

Corroborando com o que aponta Darido (2012), na maioria dos casos, os professores de educação física ainda avaliam muito no viés procedimental. Pode-se apresentar que não existe a preocupação em avaliar sobre o mesmo tema a esfera conceitual, procedimental e atitudinal, deixando a parte conceitual quase que exclusivamente ser avaliada pelo instrumento prova escrita, onde muitas das vezes o conteúdo da prova escrita não tem coerência com o praticado e aprendido no campo procedimental.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (LDB). Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-3versao.revista.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. MEC/SEF. Brasília, 1998.

BRATIFISCHE, S. A. Avaliação em Educação Física: um desafio. **Rev. da Educação Física**. v. 14, n. 2, p. 21-31, 2003.

DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não participantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

\_\_\_\_\_. A avaliação da educação física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, p. 127-140, 2012.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma pratica em construção da pré-escola à universidade**. 33 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, F. F; MOURA, S. E. W. B; PEREIRA, R. S. A avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental: um retrato da prática dos professores de educação física na rede pública municipal de Cuiabá. **Rev. Pensar a prática**, v. 18. n. 2, p. 368-381, 2015.

SMOLE, K. C. S. **Avaliação escolar**. São Paulo: Portal Salesianos São Paulo], 2010. Disponível em: <<http://www.salesianos.com.br/downloads/SubsidioRSE6.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

VASCONCELOS, M. L. **Educação básica: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2012.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar** / Antoni Zabala; tradução Emani F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.





# GESTÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA AÇÃO CONJUNTA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ronaldo da Silva de Jesus

## INTRODUÇÃO

Tecer um debate profundo acerca do fenômeno educativo na sociedade pode parecer algo bastante complexo em virtude das transformações que o mesmo passou e vem passando durante o tempo.

A educação é entendida como direito de todos os cidadãos, respaldada pela Constituição Brasileira (CF) de 1988 em seu artigo 205, o qual prevê a formação integral dos educandos através do desenvolvimento de habilidades e competências adquiridas durante o processo educativo (BRASIL, 1998). Neste processo, há a contribuição de vários atores educacionais de diferentes áreas educacionais, a exemplo da Educação Física assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) no artigo 26, como sendo obrigatória em toda etapa da educação básica (BRASIL, 2015). Partindo desta premissa, a educação física escolar caracteriza-se de grande importância no processo de ensino-aprendizagem dos educandos através do movimento, visando à formação plena dos mesmos a partir da cultura corporal possibilitando o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, motores, sociais, afetivos e educacionais, além de favorecer a aquisição de valores éticos e sociais na formação do sujeito.

O processo educativo não deve se limitar em formar indivíduos que dominem determinada área de conhecimento ou conteúdo, mas formar indivíduos críticos e reflexivos que assegurem sua participação no contexto social, político e eco-

nômico, possibilitando o pensar, refletir e agir em busca de solucionar possíveis problemas que possam existir.

É preciso que se considere a realidade escolar, bem como a realidade dos alunos, procurando entender o espaço e o tempo, possibilitando ações positivas no processo educacional dos indivíduos, para que assim haja uma orientação global com visão a longo prazo em superação aos problemas existentes (LUCK, 2011). Desta forma, o sistema de ensino tomará rumos significativos para o desenvolvimento educacional e social de toda a comunidade que o constitui, na efetivação de práticas educativas que tenham essa visão global e atendam as especificidades dos educandos.

Na promoção de ações pedagógicas de forma significativa visando atender as necessidades dos educandos, a participação da gestão escolar é de grande importância no que se refere à orientação e articulação das mesmas, objetivando essa visão global, visando superar os problemas encontrados em busca da transformação educacional dos indivíduos, além de estruturar o sistema de ensino.

Nessa direção, este artigo tem o objetivo de analisar a relação entre Gestão e Educação Física escolar.

## **GESTÃO ESCOLAR FRENTE AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

A escola é o caminho propício para a assimilação e transmissão de conhecimentos. Entendida como um espaço que garante o processo de assimilação, sistematização e transmissão de novos saberes e habilidades, paulatinamente produzidas em sua história, não pode ficar neutra às questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, “a escola é um ambiente de vida e, ao mesmo tempo, um instrumento de acesso do sujeito à cidadania, à criatividade e à autonomia. Não possui fim em si mesma. [...] A escola deve ser, por sua natureza e função, uma instituição interdisciplinar.” (THIESEN, 2008, p. 552).

Gouveia-Pereira (2008) afirma que, a função da escola perpassa a promoção de espaços físicos para a construção de conhecimento. Este espaço possibilita a socialização de crianças para a inserção no meio social, político, econômico e educacional, no que tange à construção de valores éticos e sociais, possibilitando o desenvolvimento crítico e reflexivo do cidadão.

A escola deve estar integrada às dinâmicas e necessidades apresentadas pela sociedade para que venha a ser um espaço significativo de busca constante de aprendizagem, fazendo relação com os conhecimentos já existentes na construção de novos conhecimentos, perante as especificidades dos alunos. Dentro deste processo, pode-se destacar a Educação Física, por fazer parte da proposta pedagógica da escola, sendo ela um componente curricular obrigatório na educação básica (BRASIL, 1996).

Os sistemas de ensino e as escolas, em um contexto social, são organismos vivos e dinâmicos, e quando são vistos dessa forma, podem promover e tornar-se importantes e significativas células vivas da sociedade, interagindo na dinâmica de seus processos sociais, culturais e políticos (LUCK, 2011). A escola deve estar integrada às dinâmicas e necessidades apresentadas pela sociedade para que venha a ser um espaço significativo de busca constante de aprendizagem, fazendo relação com os conhecimentos já existentes na construção de novos conhecimentos, perante as especificidades dos alunos.

Nesta perspectiva, para o desenvolvimento da educação, é imprescindível a participação de todos os atores constituintes neste processo, como professores, gestores, funcionários, famílias e alunos. Uma vez que, segundo Venâncio e Darido (2012), a qualidade do trabalho educativo não depende apenas de uma única pessoa ou área de conhecimento, define-se na relação com o outro. Proporcionando, assim, uma visão mais ampla do trabalho pedagógico em busca do desenvolvimento educacional (LUCK, 2011).

É importante ressaltar que a participação dos alunos representaria uma forma bem coerente com essa concepção de gestão, já que, eles são as peças-chave norteadoras da Educação escolar. Ainda que, fossem representados por alguns membros da turma, mas que trouxessem as dificuldades e as sugestões apontadas pelo grande grupo, com o intuito de melhorar o processo de ensino e aprendizagem. (ILHA; KRUG, 2008, p. 10).

A gestão escolar é fundamental neste processo, uma vez que a mesma se caracteriza no processo de orientação e articulação das ações desenvolvidas na tentativa de superar problemas existentes (LUCK, 2011). A gestão é quem permite superar a limitação da fragmentação, possibilitando construir pela ótica abrangente

e interativa a visão e orientação de conjunto, desenvolvendo ações articuladas e mais consistentes (LUCK, 2011). Isso implica na construção e implementação de estratégias desenvolvidas em busca da formação do sujeito, através de diálogos que contribuam no processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

Neste contexto, a educação e a gestão escolar devem ser determinadas a partir da dinâmica cultural, social e política da escola e da comunidade. Sendo que, a implementação das ações pedagógicas deve ocorrer de forma democrática e ser gerida de modo a favorecer um espaço e condições para um ambiente social democrático cujas decisões possam ser tomadas com autonomia e respeito ao ambiente, as pessoas e as normas.

Neste sentido, é preciso que haja uma reforma de pensamentos, em busca do desenvolvimento a partir da participação democrática de todos. Reformas não somente da educação em si, mas também das instituições e do pensamento, o qual afirma que não se pode reformar as instituições sem uma prévia reforma das mentes, mas não se pode reformar as mentes, sem uma prévia reforma das instituições. Não se pode reproduzir os problemas da educação em termos quantitativos, é fundamental a reforma do pensamento, reflexões que possibilitem a transformação da mesma, por meio do trabalho conjunto de professores, gestores e demais integrantes da instituição escolar.

Partindo da premissa de que a escola deve ser um espaço democrático, a construção e elaboração das ações pedagógicas devem ocorrer em um viés de inovação emancipatória ou edificante, defendido por Veiga (2003) como sendo de natureza ético-social e cognitivo instrumental, visando a eficácia dos processos formativos sob a exigência da ética, em que a inovação é produto da reflexão da realidade interna da instituição referenciado a um contexto social mais amplo. Em termos gerais, possibilita a construção de ações flexíveis mediante a realidade da comunidade escolar.

A discussão do trabalho pedagógico nas escolas deve partir do contexto democrático no que se refere à participação ativa de todos os integrantes da instituição educacional, proporcionando diálogos acerca das ações que serão desenvolvidas visando o desenvolvimento educacional dos alunos. Vasconcellos (2002) considera esses diálogos como parte importante nas articulações das ações pedagógicas, fortalecendo a ação conjunta destes integrantes na relação de diferentes saberes, visando à promoção do desenvolvimento educacional.

Dentre os aspectos que podem ser abordados estão: a troca de experiências, a sistematização da própria prática, a pesquisa, o desenvolvimento da atitude de cooperação e co-responsabilidade, elaboração de formas de intervenção pessoais e/ou coletivas, avaliação do trabalho e o (re)planejamento. (LHA; KRUG, 2008, p. 11).

Nesta perspectiva, percebe-se a importância da participação dos professores de Educação Física na gestão escolar no que tange ao processo de construção de ações pedagógicas que visem o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Uma vez que, a Educação Física escolar é defendida por Venâncio e Darido (2012) como componente curricular responsável pela formação do cidadão e, por isso, deve participar das discussões referentes à construção do Projeto Político-pedagógico – PPP em busca da construção de ações positivas que superem as necessidades da comunidade escolar.

Neste processo de ensino-aprendizagem, Scarpato (2012) defende que o mesmo deve se apoiar em uma educação e uma didática holística que vise o desenvolvimento de forma globalizante, tanto o cognitivo, afetivo, social e motor dos educandos, visando atender suas necessidades e especificidades, por meio de uma ação conjunta entre os atores da educação. Contribuindo para a construção de identidade profissional docente humanista e integral, por meio do repensar a prática através dos referenciais teóricos que a sustenta, na orientação e trabalho conjunto entre docentes e gestores, dando subsídios no norteamento da prática pedagógica a serem desenvolvidas, visando à efetivação do ensino.

Para o desenvolvimento educacional, deve-se partir de uma visão global tanto do indivíduo na consideração de suas necessidades e especificidades para a aprendizagem ao que se refere à realidade o qual o mesmo vive, quanto do processo de ensino-aprendizagem, considerando os aspectos que contribuem para este desenvolvimento. Como os espaços nos quais será promovida a educação, sendo eles não apenas os considerados formais como a escola, mas também espaços não formais como museus, parques, laboratórios, entre outros, que também contribuem neste processo a partir do seu objetivo traçado.

Scapato (2012) defende o repensar sobre a prática docente, destacando a importância da didática no processo de ensino-aprendizagem no desenvolvimento integral do aluno, quanto também no desenvolvimento profissional docente, deixando clara a necessidade do aprofundamento da didática, a qual dará subsídios

para a construção de competências técnicas no que tange saber o que ensinar, a quem ensinar e como ensinar. E competências humanistas, construindo um profissional flexível, compreensivo, tolerante de forma que possa entender o aluno para melhor o desenvolvimento de ambas as partes e do processo educacional, na efetivação do trabalho pedagógico orientado pela gestão escolar.

Neste contexto, a educação e a gestão escolar devem ser determinadas a partir da dinâmica cultural, social e política da escola e da comunidade. Sendo que, a implementação do PPP deve ocorrer de forma democrática e ser gerido de modo a favorecer um espaço e condições para um ambiente social democrático cujas decisões possam ser tomadas com autonomia e respeito ao ambiente, as pessoas e as normas (LUCK, 2011).

Partindo da premissa de que a escola deve ser um espaço democrático, a construção e elaboração das ações pedagógicas devem ocorrer em um viés de inovação emancipatória ou edificante, defendido por Veiga (2003), como sendo de natureza ético-social e cognitivo instrumental, visando a eficácia dos processos formativos sob a exigência da ética, em que a inovação é produto da reflexão da realidade interna da instituição referenciado a um contexto social mais amplo.

Vasconcelos (2008) afirma que o PPP é o plano global da instituição, em que este é compreendido como a sistematização de um processo de planejamento e compreendido como a sistematização de um processo de planejamento participativo, que é definido a partir de um posicionamento quanto à sua intencionalidade e uma leitura da realidade. Trata-se de um instrumento para a construção da identidade da instituição em torno do ensino.

## **PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS**

Parte-se do entendimento que a Educação Física escolar se caracteriza de grande importância no desenvolvimento do ensino-aprendizagem do indivíduo por meio do movimento, objetivando a formação plena do mesmo a partir da cultura corporal. Entende-se que a Educação Física transcende a visão do trabalho específico com o físico dos educandos, para além disso, a mesma visa o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, motores, sociais, afetivos e educacionais, na

aquisição de valores éticos e sociais para o exercício consciente da cidadania na formação plena dos mesmos.

Neste processo, a participação dos professores de Educação Física no trabalho conjunto com a gestão escolar torna-se de suma importância, os quais contribuem de forma significativa, ao considerar a realidade e especificidades do alunado na promoção de ações pedagógicas que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, uma vez que ao ingressarem na instituição escolar os alunos já possuem conhecimento com relação aos movimentos, corpo e mente, decorrentes de experiências vivenciadas em seu cotidiano. É a partir desta compreensão que a construção e planejamento das ações pedagógicas devem partir do trabalho conjunto dos atores supracitados.

Por meio da consideração da realidade dos educandos, numa perspectiva de orientação global, em busca do desenvolvimento do ensino, possibilitando em linhas gerais a participação dos atores existentes neste processo, visa-se a construção e implementação de ações transformadoras através de um processo coletivo, participativo e democrático na promoção destas ações pedagógicas.

Considerando esta vertente, o trabalho pedagógico através da pedagogia de projeto mostra-se um instrumento pedagógico que busca atender as necessidades supracitadas da comunidade escolar, possibilitando a dinamização do processo educativo “restituindo ao educando o papel de investigador, o prazer da descoberta e a satisfação pelo ato de aprender.” (GUEDES et al., 2017, p. 02). Em suma, a concepção de projeto segundo Prado (2008) envolve o antecipar de algo que pretende ser alcançado, buscando traçar metas e objetivos a serem alcançados, favorecendo a relação entre os saberes escolares com os saberes sociais, contribuindo para o processo educacional e desenvolvimento dos alunos como sujeitos críticos e reflexivos na sociedade.

Neste sentido, a pedagogia de projeto tem como centro o aluno no processo de aprendizagem, propondo:

[...] mudanças na postura pedagógica, além de oportunizar ao aluno um jeito novo de aprender, direcionando o ensino/aprendizagem na interação e no envolvimento dos alunos com as experiências educativas que se integram na construção do conhecimento com as práticas vividas, no mo-

mento da construção e resolução de uma determinada situação/problema. (SILVA; TAVARES, 2010, p. 240).

Segundo Prado (2008), o trabalho com projetos torna a aprendizagem mais significativa e interessante, a partir de uma perspectiva de aprendizagem construtivista por meio da construção de conhecimentos no ato de produzir, buscar e compreender as informações levantadas. Além de possibilitar o desenvolvimento educacional por meio da interação entre diversos conteúdos de várias áreas de conhecimento, contribui para o desenvolvimento e o despertar da criatividade na construção de consciência crítica dos alunos.

Desta forma, possibilita maior motivação e participação dos alunos dentro do processo, por meio da participação ativa do alunado na busca de informações e construção de conhecimentos através da mediação do professor. Uma vez que, o mesmo passa de um mero transmissor para facilitador do conhecimento, objetivando o desenvolvimento da consciência e autonomia cognitiva e moral dos seus alunos (SILVA; TAVARES, 2010). Além disso, o professor em suas ações pedagógicas deve ter clareza, favorecendo a compreensão do alunado no processo de ensino-aprendizagem.

Os diversos conteúdos da Educação Física no contexto escolar trabalhados de forma significativa por meio de ações que atendam às necessidades e especificidades dos alunos, na participação ativa e interação dos mesmos, contribuem para o desenvolvimento cognitivo, físico, psicológico, social e afetivo dos alunos, além de ampliar os conhecimentos relacionados ao corpo numa relação interdisciplinar.

Partindo deste entendimento, a escola como instituição interdisciplinar, deve levar em consideração as especificidades, necessidades e realidade da mesma, bem como da comunidade escolar. Na qual Moraes (2002 apud THIESEN, 2008), ressalta que se a realidade é complexa, ela requer um pensamento abrangente, multidimensional, capaz de compreender a complexidade do real e construir um conhecimento que leve em consideração essa mesma amplitude. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem parte da primícia interdisciplinar, buscando responder à necessidade de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento (THIESEN, 2008).

A interdisciplinaridade, como um movimento contemporâneo que emerge na perspectiva da dialogicidade e da integração das ciências e do conhecimento,

vem buscando romper com o caráter de hiperespecialização e com a fragmentação dos saberes (THIESEN, 2008, p. 546).

Nesta perspectiva, é possível compreender a interdisciplinaridade como instrumento pedagógico nas articulações entre o ensinar e o aprender no processo de formação do sujeito. Sendo que, podemos mencionar que o currículo baseado em projetos, constitui uma das alternativas mais utilizadas para se promover a aprendizagem interdisciplinar nas escolas (HERNÁNDEZ, 1998). Promovendo, desta forma, a articulação das disciplinas constituintes do currículo de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem dos educandos, no enovelamento dos conteúdos trabalhados durante o semestre.

Garcia (2012) discute que se entende a interdisciplinaridade como um esquema para integrar conteúdos, de diferentes matérias, em uma mesma série de ensino. Através da participação dos professores na “construção de pontes” conectando conteúdos de diferentes matérias, de um modo simultâneo e articulado favorecendo o desenvolvimento do ensino.

Garcia (2012), referindo-se à interdisciplinaridade na escola, diz que a mesma resultou da compreensão de que a educação interdisciplinar deveria formar indivíduos integrativos e colaborativos em relação às grandes questões da vida e não simplesmente alunos capazes de conectar conteúdos de matérias escolares. Neste sentido, a educação a partir de uma visão ampla acerca das ações pedagógicas, contribui para o trabalho interdisciplinar, uma vez que, as mesmas podem ser trabalhadas por todo corpo docente de forma interdisciplinar fomentando um conhecimento amplo acerca da realidade escolar.

Desta forma, Góes e Vieira Junior (2011, p. 21) apresentam que:

É preciso considerar nossos problemas, interesses e peculiaridades educacionais para que as políticas voltadas para a educação – que tem por princípio a interdisciplinaridade como um dos meios para selecionar os conteúdos das disciplinas escolares – sejam capazes de contribuir, efetivamente, para estimular a produção do conhecimento e para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho pedagógico numa visão interdisciplinar, possibilita o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos educandos, favorecendo a superação da

fragmentação existente no processo de ensino de forma disciplinar, bem como a significância dos conteúdos ensinados, os quais contribuem na formação do sujeito. Para Garcia (2012, p. 213), a “ideia de interdisciplinaridade representa um projeto de superação da fragmentação que tem caracterizado a produção do conhecimento em todas as áreas.”, favorecendo a aprendizagem e a compreensão da totalidade.

Dentro deste contexto, o trabalho educativo da educação física escolar mediante as necessidades e especificidades dos educandos, tendo como base o projeto político-pedagógico, para a construção e planejamento das ações a serem desenvolvidas, contribuirá de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Tendo em vista que, todo o trabalho pedagógico estará articulado a realidade dos alunos, em busca do desenvolvimento e formação dos mesmos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste artigo, buscou-se analisar a importância da ação conjunta entre a Gestão e a Educação Física escolar, através da ação conjunta no processo de ensino-aprendizagem que venha favorecer o processo de desenvolvimento educativo dos alunos; por meio de ações pedagógicas articuladas e dialogadas com as necessidades e especificidades dos mesmos, através das orientações que a gestão escolar direciona no sistema de ensino. Para isso, procurei traçar uma discussão a partir da perspectiva do trabalho conjunto entre os atores educacionais que se fazem presente no sistema de ensino.

Desta forma, pensar no desenvolvimento educacional é pensar no trabalho conjunto que deve existir dentro do sistema escolar. Entende-se que a educação não se dá apenas por um indivíduo ou disciplina específica, mas sim através da articulação de todos os componentes curriculares, bem como seus agentes responsáveis. Favorecendo, desta forma, o desenvolvimento educacional a partir da articulação e orientação de todas as questões que norteiam o processo de ensino-aprendizagem, no trabalho conjunto da gestão escolar, no que se refere as orientações e articulações a serem feitas em busca de alcançar o objetivo maior expresso no projeto político-pedagógico da escola.

Para a promoção de ações pedagógicas efetivas, a participação dos professores de Educação Física junto a gestão escolar é de grande importância no que

tange à orientação e articulação dos mesmos, objetivando superar os problemas encontrados em busca da transformação educacional dos indivíduos, além de estruturar o sistema de ensino. Possibilitando, assim, a construção e planejamento de ações que atendam às necessidades do alunado, através do ato de participar, opinar, questionar e sugerir diante das discussões propostas no planejamento escolar, uma vez que o mesmo deve ser um ator participativo e democrático no processo de ensino.

Nesta relação democrática dentro da escola, o processo de ensino-aprendizagem dos alunos tomará rumos positivos, visto que as ações planejadas atenderão suas necessidades e especificidades, tendo como norte o projeto político-pedagógico, o qual procura nortear o sistema de ensino e superar as problemáticas que possam existir, visando dar subsídios necessários para o planejamento de ensino.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

\_\_\_\_\_. **LDB: Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional**. 13 ed. Brasília, 2015.

\_\_\_\_\_. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília, 1996.

GARCIA, J. O Futuro das Práticas de Interdisciplinaridade na Escola. **Revis. Diálogo Educação**, Curitiba, vol. 12, n. 35, p. 211-232, 2012.

GÓES, F. T.; VIEIRA JÚNIOR, P. R. Reflexões iniciais sobre a educação física e a interdisciplinaridade no currículo Escolar: um estudo de caso. **Revista Formação @ Docente**, Belo Horizonte, vol. 3, n. 1, dez. 2011.

GOUVEIA-PEREIRA, M. **Percepções de justiça na adolescência**: a escola e a legitimação das autoridades institucionais. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GUEDES, J. D.; SOUZA, A. S. de; SIDRIM, F. M. L.; LIMA, Q. F. de O. Pedagogia de Projetos: Uma Ferramenta para a Aprendizagem. **Rev. Psic.**, vol. 10, n. 33, 2017.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ILHA, F. R. da S.; KRUG, H. N. As Contribuições da Gestão Escolar Para o Desenvolvimento Profissional de Professores de Educação Física. **Caderno de Educação Física**, vol. 7, n. 13, p. 9-17, 2008.

LUCK, H. **Gestão Escolar**: uma questão paradigmática. Petrópolis: Vozes, 2011.

PRADO, M. E. B. B. **Pedagogia de projetos**. Gestão e tecnologia, 2008.

SCARPATO, M. **Didática e desenvolvimento Integral**. 1 ed. São Paulo: Avercamp, 2012.

SILVA, L. P. da; TAVARES, H. M. Pedagogia de projetos: inovação no campo educacional. **Revista da Católica**, Uberlândia, vol. 2, n. 3, p. 236-245, 2010.

THIESEN, J. da S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 13, n. 39, 2008.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção de conhecimento em sala de aula**. 19 ed. São Paulo: Lidertad, 2002.

VEIGA, I. P. A. Inovações e Projeto Político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 23, n. 61, p. 267-281, 2003.

VENÂNCIO, L.; DARIDO, S. C. A educação física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, vol. 26, n. 1, 2012.



# EIXO 02: AS MULTIFUNCIONALIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR





# TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIÇÃO EM FAVOR DA EDUCAÇÃO

Jaine de Souza Calazans

## INTRODUÇÃO

A sociedade vive, a cada dia, uma constante evolução. A inteligência humana superou diversas dificuldades encontradas ao longo do tempo, facilitando a vida das pessoas em diferentes aspectos. Um dos principais agentes transformadores da sociedade são as tecnologias. Negá-las, nesse âmbito, seria não considerar um dos mais importantes aspectos evolutivos do ser humano na história.

O conceito do termo “tecnologia” carrega consigo uma abrangência que depende muito de onde a mesma está inserida. Aqui será tratada segundo o conceito de Freire e Guimarães (2011, p. 61): “entendida como construção sociotécnica cujos usos e aplicações são definidos pela atuação direta dos sujeitos com que interage.” Moran, Masetto e Behrens (2011) caracterizam como os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam; a forma de olhar, de gesticular, de falar com os outros, isso também é tecnologia, assim como o livro, a revista e o jornal.

Em relação à aplicação desses recursos dentro do ambiente escolar não é diferente, pois a escola, bem como todo processo educativo, sofre as mudanças de acordo com as necessidades da sociedade. Desta forma, por ser a tecnologia imprescindível à educação – principalmente se nos atentarmos que seu enredo é muito abrangente, constituído, principalmente, por elementos de comunicação, informação e criatividade – é importante conhecer o percurso realizado pelas tecnologias até chegar ao âmbito pedagógico.

É necessário fazer uma avaliação crítica sobre a tecnologia, sua constituição histórica e sua função social, no sentido de não só compreender o sentido da tecnologia, mas também de repensar e redimensionar o papel da mesma na sociedade (SILVEIRA; BAZZO, 2009).

As ferramentas tecnológicas transformam a maneira de como entender e fazer as coisas, principalmente, em relação ao ensino. Por exemplo, uma aula que aborda como tema o corpo humano torna-se mais interativa com o uso de slides e vídeos. Desse modo, este artigo tem o objetivo de conceituar e discutir as possíveis contribuições das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo de desenvolvimento do aluno.

## **EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS NOVAS TECNOLOGIAS E SUA APLICAÇÃO NA EDUCAÇÃO**

A evolução humana é marcada pela inovação e criação de instrumentos que facilitaram a sua existência, desde a sobrevivência até as transformações na forma de se relacionar com o outro. O homem usou sua capacidade intelectual e criativa para estabelecer relações fundamentais que modificaram o meio em que vive, empregando técnicas e instrumentos.

Desde a pré-história, o indivíduo faz uso das tecnologias, pois a tecnologia é algo que possui múltiplos significados que variam conforme o contexto, podendo ser vista como: artefato, cultura, atividade com determinado objetivo, processo de criação, conhecimento sobre uma técnica e seus respectivos processos, etc.

Marcondes Filho (1994) afirma que o homem registrou sua história mediante os símbolos iconográficos nos quais mostrou como viviam, caçavam, pescavam e como eram seus rituais e suas danças.

No período Paleolítico, os homens formavam grupos e, constantemente, mudavam de lugar em busca de alimento, fabricavam instrumentos de pedra, destinados à caça de animais e à coleta de frutos e raízes (ALTOÉ; SILVA, 2005). No período Neolítico, houve evolução na forma como se agrupavam, formando em clãs e aldeias, desenvolveram a agricultura, domesticaram os animais e os instrumentos eram fabricados com a pedra polida (ALTOÉ; SILVA, 2005).

Com o passar do tempo, o homem foi evoluindo socialmente e suas ferramentas e formas de comunicação foram sendo aperfeiçoadas. Kenski (2003) afirma

que as pessoas, em seus respectivos grupos sociais, foram delineando culturas específicas e distintas que foram emergindo em conhecimentos, maneiras peculiares e técnicas particulares de fazer as coisas.

No século XXI, especificamente nos anos 1980, com a efervescência da industrialização, o capitalismo pós-industrial eclodiu, impulsionando a terminologia “sociedade informacional”, que passou a substituí-lo. Dessa forma, as tecnologias passaram a permitir o homem imperar sobre a informação, já que essa é parte integrante de qualquer atividade humana, seja ela individual ou coletiva (SILVA, 2014).

Para Silveira e Bazzo (2009, p. 682):

A tecnologia tem se apresentado como o principal fator de progresso e de desenvolvimento. No paradigma econômico vigente, ela é assumida como um bem social e, juntamente com a ciência, é o meio para a agregação de valores aos mais diversos produtos, tornando-se a chave para a competitividade estratégica e para o desenvolvimento social e econômico de uma região.

No âmbito educacional, a tecnologia se desenvolveu nos Estados Unidos a partir da década de 1940 (ALTOÉ; SILVA, 2005). A mesma foi utilizada com o objetivo de formar especialistas militares durante a Segunda Guerra Mundial e, para alcançar tal objetivo, foram desenvolvidos cursos com o auxílio de ferramentas audiovisuais. O mesmo autor ainda afirma que como matéria no currículo escolar, a tecnologia educacional surgiu nos estudos de educação audiovisual da Universidade de Indiana, em 1946.

Nessa mesma época, iniciou-se uma segunda vertente de evolução tecnológica, com trabalhos fundamentados no condicionamento operante e aplicados ao ensino programado (DE PABLOS, 1998). Essa vertente fundamentou-se nos estudos desenvolvidos por B. F. Skinner. Assim, nessa proposta, teve início o uso da tecnologia educativa como área de estudo no Reino Unido.

A partir do ano de 1971 que professores universitários e acadêmicos dos Estados Unidos passaram a fazer uso da tecnologia para trocar mensagens e pensamentos. E, em 1980 dá-se a disseminação e popularização da rede de internet, que, gradativamente, vem evoluindo até os dias atuais, tornando-se cada vez mais indispensável para a vida da sociedade, por ser fonte de conhecimento, interatividade e, principalmente, de informação e comunicação.

Trazendo mais especificidade; as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) caracteriza-se como a fusão de três importantes eixos, que é a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas. O seu conjunto criou no meio educacional um encurtamento em relação aos conceitos de conhecimento e distância, como as redes eletrônicas e o telefone celular, que nos proporcionam ter em nossas mãos o que antes estava a quilômetros de distância. (RAMOS, 2016, p. 03).

Nesse contexto, podemos perceber a universalização do saber, ou seja, se há pouco tempo atrás, os espaços de formação, como a escola, eram considerados locais onde o saber era mantido como privilégio de poucos e a informação era transmitida como fonte de verdade absoluta, hoje a informação circula por toda a parte e pode ser buscada e transformada por qualquer pessoa.

No Brasil, de acordo com Ramos (2016, p. 13),

[...] a tecnologia desenvolveu-se através do ensino a distância, os quais eram transmitidos inicialmente pelo rádio e/ou televisão, logo após com auxílio da internet que foi desenvolvida no ano de 1969. E evoluiu junto à criação dos computadores – uma máquina enorme criada inicialmente para realizar cálculos -, com o objetivo de auxiliar os militares durante o período da Guerra Fria na comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos da América, com o fim da guerra o sistema de comunicação tornou-se desnecessário aos militares que decidiram tornar acessível ao público à invenção.

Na área pública, as primeiras iniciativas de inserção das tecnologias na educação foram dos estados e municípios brasileiros, principalmente a partir da Constituição de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, que estabeleceram que se deveriam observar padrões de qualidade os quais garantissem aos alunos a aquisição de competências exigidas pela “sociedade do conhecimento e da informação”, a formação para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho (VALLE, 2013).

Podemos relacionar o ensino à distância como um dos grandes avanços da tecnologia na educação, pois contribuiu significativamente para uma aprendi-

zagem flexível e autônoma (BITENCOURT, 2013). Com isso, os universos educacionais formais e não-formais ampliaram o alcance e foram desafiados a inovar métodos, formas e profissionais.

Com isso, os estudantes tiveram a oportunidade de acessar, organizar, trocar e administrar a informação; produzir conhecimentos e integrar habilidades; modelar, resolver problemas e tornar decisões independentes, promover de forma autônoma e, ao mesmo tempo, compartilhada o desenvolvimento pessoal e profissional, dentre outros ganhos (BITENCOURT, 2013).

Analisando a tecnologia educacional e as teorias da aprendizagem, o processamento de informação parte de premissas como operações, tais como codificar, armazenar, comparar, localizar, etc., que se encontram na base da inteligência humana. Essa realidade possibilita a ampliação do conhecimento e, ao mesmo tempo, pode possibilitar o excesso de informações. Portanto, a escola deve levar professores e alunos a refletir de forma crítica sobre o uso das tecnologias, contribuindo para gerar fatores positivos em sua aplicabilidade na educação.

Assim, no campo educacional, a tecnologia – transformada para Tecnologias da Informação e Comunicação – nasceu com objetivo de facilitar a alfabetização e apoiar a educação de jovens e adultos por meio do ensino à distância, atualmente, objetiva facilitar o aprendizado, a assimilação de conteúdos e a interação professor/aluno, desde que bem ministradas no contexto escolar. Tais ferramentas, aliadas a uma boa mediação, são capazes de contribuir significativamente para o desenvolvimento integral do educando, contudo, quando mal administrada, trazem efeitos contrários.

## **A QUALIDADE DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM O USO DAS TICS**

“Chegará o dia – e talvez este já seja uma realidade – em que as crianças aprenderão muito mais e com maior rapidez em contato com o mundo exterior do que no recinto da escola.” (McLUHAN, 1990 apud GADOTTI, 1999, p. 293). Essa frase traduz a realidade em que a comunidade escolar vive hoje em meio ao surgimento de tecnologias cada vez mais inovadoras.

É comum a percepção de bases metodológicas arcaicas dentro de muitas escolas brasileiras, mesmo que exista em seu espaço uma sala de aula que

possua laboratório de informática com computadores de última geração. Amaral (2013) cita que muitas escolas ainda acreditam que para estarem imersas na era da tecnologia basta colocar computadores na sala e disponibilizar aos alunos recursos de última geração.

A realidade educacional é caracterizada por alunos que chegam às escolas com celulares modernos e preferem usar as redes sociais e jogos virtuais durante as aulas do que prestar atenção aos conteúdos propostos pela escola como necessários para sua formação. Assim, diante da rapidez do desenvolvimento dessas tecnologias, alguns professores não conseguem acompanhar tais modificações, muitas vezes devido à sua formação ultrapassada e/ou seu descuido em atualizar-se.

Para efetivar a aplicação de tecnologias na escola contemporânea, é necessário criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua inserção na educação, evitando o encanto ou o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si (DORIGONI, 2008).

A presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino, sendo que elas estão presentes em todos os momentos do processo pedagógico, desde o planejamento das disciplinas, a elaboração da proposta curricular, até a certificação dos alunos que concluíram um curso (KENSKI, 2007).

Nesse contexto, é importante saber como e quando agregar as inovações das formas de ensinar e aprender ao currículo escolar e ao planejamento, objetivando não só o ensino de qualidade, mas também a educação de qualidade. Pois, como Moran, Masetto e Behrens (2000) afirmam, ensino e educação são conceitos diferentes. No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreenderem áreas específicas do conhecimento, enquanto na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade.

As TICs podem ser consideradas um instrumento, pois, a mesma aprimora a qualidade da educação, proporcionando novos caminhos para o ensino e aprendizagem, além de metodologias inovadoras. Contribuindo também na formação de educadores e os auxiliando na descoberta de novas estratégias para tornar suas aulas mais atraentes e inovadoras.

As TICs não só facilitam a interação entre alunos e professores, mas auxilia no fortalecimento de relações com outras instituições de ensino, podendo criar resultados coletivos. Um exemplo dessa facilidade são os fóruns de discussões criadas para professores de diversas instituições debaterem melhorias em suas aulas.

O educador deverá ter a compreensão de que as TICs possibilitam a ampliação dos espaços de educação, tornando-os dinâmicos, atrativos e eficazes ao ensino. Nunes (2009) afirma que o ensino conduzido dessa forma se apresenta muito mais interessante tanto para o aluno, que aprende, como para o professor, que ensina e sente-se motivado a pensar formas diferenciadas de trabalhar os conteúdos e atividades, tornando a aprendizagem mais significativa. Moran (2000, p. 32) traz que com as novas tecnologias “o professor tem um grande leque de opções metodológicas, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos presencial e virtualmente e também de avaliá-los.”

Por outro lado, Kenski (2003, p. 73) afirma que:

Para que as novas tecnologias não sejam vistas como apenas mais um modismo, mas com a relevância e o poder educacional transformador que elas possuem, é preciso refletir sobre o processo de ensino de maneira global. Antes de tudo, é necessário que todos estejam conscientes e preparados para assumir novas perspectivas filosóficas, que contemplem visões inovadoras de ensino e de escola, aproveitando-se das amplas possibilidades comunicativas e informativas das novas tecnologias, para a concretização de um ensino crítico e transformador de qualidade.

No âmbito da Educação Física (EF), as TICs podem ser um importante recurso na formação de alunos críticos e reflexivos. As mídias, um dos eixos que compõem as novas tecnologias, estão cada vez mais presentes na vida dos alunos. Através da TV, internet, revista, rádio. Betti (2004) cita que, cada vez mais integradas ao cotidiano, por intermédio do seu discurso apoiado numa linguagem audiovisual, que combina os sons, as imagens e as palavras, as mídias nos transmitem informações, alimentam nosso imaginário e constroem uma interpretação do mundo.

A relação da mídia com a EF está mais ligada a um tema transversal do que como uma área de conhecimento específica. Alguns dos trabalhos sobre essa

relação tratam das TICs apenas como um fator instrumental para a prática pedagógica, mas não a tratam como possibilidade de transformar verdadeiramente as formas de como transformar o ensino. O que deve ser considerado primordialmente é a realidade, e nesta a qual a sociedade vive, necessita de transformação.

Mendes (2012, p. 66) explica a fala ao citar que “a tecnologia não se vê alicerçada em um projeto de esclarecimento sobre a presença delas na educação, na vida social ou mesmo no conteúdo abordado.” Ou seja, a tecnologia e seus recursos estão presentes nas aulas como mero recurso instrumental, sem trazer para quem utiliza a reflexão de como a mesma está sendo útil e de como a mesma deve ser utilizada.

A tecnologia, em especial a internet, deve levar a mudanças na forma de ensinar, isto é, deve transformar a sala de aula em pesquisa e comunicação, pois ele acredita que tal tecnologia facilita a motivação dos alunos não apenas por ser uma novidade, mas especialmente pelas possibilidades que cria em termos de pesquisas. A internet é um instrumento que pode facilitar a mediação, uma vez que oferece informações abundantes para o processo de conhecimento. (MORAN, 1998, apud PLÁCIDO, 2011, p. 96).

Mendes (2012) contribui ao problematizar que as tecnologias e a mídia, ao serem depositadas na EF sem qualquer fundamentação educacional, geram uma falsa impressão de modernização do ensino. Sendo assim, de nada adianta diversos recursos tecnológicos presentes na escola sem uma comunidade escolar disposta a entender esse processo.

São diversos os desafios que impossibilitam a adequação desses recursos, contudo, uma gestão eficaz e profissionais dispostos a revolucionar seu ensino, são capazes de trazer estratégias capazes de superar esses desafios. E é sobre esses desafios e essas estratégias que será abordado no próximo item deste artigo.

## **DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO DAS TICs NA EDUCAÇÃO**

Apesar de tanta evolução no sistema educacional, ainda é possível encontrar instituições de ensino com profissionais presos a modelos arcaicos. Amora (2008, p. 34) comenta que “[...] quem defende este tipo de postura apresenta as maio-

res resistências aos meios de comunicação. Para estes, os produtos dos meios de comunicação são ‘competidores’ do sistema educacional. Com esta visão, a tendência é renegar estes produtos de mídia como instrumentos para a formação dos alunos.”

Freire e Guimarães (2011) explicam que professores e alunos devem estar preparados para decifrar a linguagem própria de cada um dos meios de comunicação de massa, pois estes possuem peculiaridades em seus produtos e embutem mensagens para as quais o receptor precisa estar preparado para identificar e, conscientemente, decodificar.

A aquisição de informação por meio das novas tecnologias educacionais tem que ser repensada e transformada em atitudes críticas dos educandos. Passerino (2010) afirma que o termo “aprender da tecnologia” pressupõe que a tecnologia possui todo conhecimento e que este pode ser transmitido sabiamente ao aluno de forma acabada. A verdadeira proposta de sua utilização é que tecnologias são concebidas como ferramentas de pensamento (*minds tool*) e a aprendizagem surge a partir/com a tecnologia num processo interacionista e social, superando a esfera puramente cognitiva individual (PASSERINO, 2001).

A cada dia são criados recursos tecnológicos, e com eles novas possibilidades de ensinar de um jeito novo e diferente. Portanto, julga-se necessário a constante revisão e atualização do corpo escolar. Sobre isso, Mendes (2012, p. 67) cita que:

Em sua relação instrumental com a tecnologia e com a mídia, a escola crê estar acompanhando seu tempo e tornando-se cada vez mais moderna, quando, na realidade, permanecem estáticas as novas possibilidades criativas e expressivas trazidas pela cultura audiovisual e virtual, e, principalmente, permanecem aquém dos diversos discursos lançados cotidianamente pela mídia aos estudantes.

A mudança na educação deve ocorrer como uma ação conjunta entre pais, alunos, gestão e docente. Moran (2013) comenta que a família é um importante fator a considerar, pois alunos que provêm de famílias abertas, que apoiam as mudanças e que estimulam os filhos, aprendem mais rapidamente. Já os alunos quando são curiosos e motivados facilitam o processo e estimulam as melhores qualidades do professor.

O mesmo autor ainda destaca a importância da gestão, a qual deve ser mais aberta, que entenda todas as dimensões envolvidas no processo pedagógico, além das empresariais ligadas ao lucro, que apoiem os professores inovadores e que equilibrem o gerenciamento empresarial, tecnológico e o humano. Desse modo, “o mais importante é o que a escola faz, como ela se organiza, as relações entre gestores, docentes, alunos e comunidade.” (MORAN, 2013, p. 26).

Moran (2013) ressalta que uma boa escola necessita de docentes mediadores, motivados, criativos, experimentadores, presenciais e virtuais. De mestres menos discursivos, mais orientadores. De menos aulas informativas, e mais atividades de pesquisa e experimentação.

Freire e Guimarães (2011) propõem que o professor redimensione sua autoria, ou seja, modifique sua base comunicacional potencializada pelas tecnologias digitais. Precisa modificar o modelo centrado no falar-ditar do mestre, passando a disponibilizar ao aprendiz autoria em meio a conteúdos de aprendizagem variados.

Passerino (2010) traz que um dos principais desafios que impedem a inclusão das TICs na escola são os professores com poucas competências tecnológicas e a falta de confiança no uso das novas tecnologias no ensino. Para ela, esta barreira está diretamente relacionada com a qualidade da formação continuada dos professores. Assim, a capacitação contínua do docente poderá ser uma boa solução frente ao despreparo que muitos se encontram.

O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2006, p. 10).

Somente as tecnologias não serão capazes de potencializar o processo de aprendizagem. Deve-se sempre levar em consideração o fato de que a educação está presente em um âmbito multiculturalizado e, portanto, com diferentes maneiras de aprender. Moran (2013) afirma que ensinar é um processo social inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis. Mas, também é um processo profundamente pessoal, pois cada um desenvolve um estilo, um caminho próprio, dentro do que está previsto para a maioria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo buscamos conceituar e discutir as possíveis contribuições das TICs no processo de desenvolvimento do aluno. Como caminho para chegar a tal objetivo foram traçadas ideias e contribuições de autores que ajudaram a entender como a tecnologia contribuiu e contribui para a sociedade; investigar como as TICs podem auxiliar na aprendizagem do aluno quando utilizadas nos projetos de aprendizagem; e, por fim, refletir acerca do papel do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem utilizando as novas tecnologias na escola moderna.

As novas tecnologias estão em constante transformação e, por isso, inseri-la dentro do âmbito educacional pode ser considerado um desafio para toda comunidade escolar, devido a diversos fatores. Empecilhos, como falta de recursos, resistência a novos métodos de ensino, ausência de atualização pedagógica, falta de investimento governamental nas escolas e alunos desinteressados, são alguns dos problemas que impedem a inserção das TICs na educação.

A apropriação das novas tecnologias dentro da escola provoca grandes benefícios na construção do conhecimento dos alunos. Possibilita que o aluno consiga interagir e comunicar-se facilmente, além de desenvolver sua criatividade. Contudo, tais ações devem estar integradas ao Projeto Político Pedagógico da escola, e assim formar uma ação de toda comunidade escolar.

Não é suficiente que a escola possua os mais novos aparatos tecnológicos, é necessário que ela saiba utilizá-los de forma pedagógica. A escola não deve extinguir seu caráter educativo, pelo contrário, precisa descobrir novos caminhos pedagógicos que levem à articulação das mídias com a prática pedagógica, adotando uma nova abordagem chamada de tecnologia educacional.

## REFERÊNCIAS

ALTOÉ, A.; SILVA, H. O Desenvolvimento Histórico das Novas Tecnologias e seu emprego na Educação. **Rev. Educação Novas Tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005.

AMARAL, A. Um link para a aprendizagem. **Revista Gestão Escolar**: Escola conectada, vol. 3, p. 18-19, São Paulo: abril, 2013.

AMORA, D. Professor, Você Está Preparado Para Ser Dono De um Meio De Comunicação de Massa? **Tecnologia e Educação**: as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak, 2008. p. 15-30.

BETTI, M. **A janela de vidro**: Esporte, televisão e educação física. 3 ed. Campinas: Papyrus, 2004.

DE PABLOS, J. P. **Visões e conceitos sobre a tecnologia educacional**: para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. São Paulo: Papyrus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papyrus, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora**: novas exigências educacionais e profissão docente. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

MENDES, D. de S. **Como incorporar a mídia/TICs nas aulas de educação física**: uma análise das proposições veiculadas na Revista Nova Escola. p. 59-72. Piracicaba, Impulso, maio./ago. 2012.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 19 ed. Campinas: Papyrus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21º ed. Ver e atual. Campinas: Papyrus, 2013.

NUNES, M. de J. **O professor e as novas tecnologias**: pontuando dificuldades e apontando contribuições. Monografia (Pedagogia) – Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2009.

PASSERINO, L. M. Apontamentos para uma reflexão sobre a função social das tecnologias no processo educativo. **Texto Digital (UERJ)**, v. 6, p. 1-20, 2010.

\_\_\_\_\_. **Informática na Educação Infantil**: perspectivas e possibilidades. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

SILVA, R. F. da. Novas tecnologias e educação: a evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea. **Rev. Educação & Linguagem**, ano 1, n. 1, jun. 2014.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. **Ciência & Educação**, v. 15, n. 3, p. 681-694. 2009.

VALLE, L. E. L. R. **Educação Digital**: a tecnologia a favor da inclusão. Porto Alegre: Penso, 2013.





# O ESPORTE COMO FERRAMENTA DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Luiz Magno Dantas de Santana

## INTRODUÇÃO

No início, as aulas de educação física sofreram influências de alguns métodos tradicionais, como: higienista, militarista e esportista, que tinham como propósito o desenvolvimento do corpo humano nas suas dimensões biológicas. Algumas dessas influências perduram até os dias atuais nas escolas.

O esporte na escola é um elemento fundamental para o desenvolvimento do aluno, pois proporciona diversos benefícios biopsicossociais, promove grandes possibilidades inovadoras de aprendizados, visa o desenvolvimento do aluno nas dimensões físicas, mentais e sociais através de adaptações das regras dos esportes de alto rendimento. Segundo Kunz (2004, p. 73), “o objetivo de ensino da educação física é assim não apenas o desenvolvimento das ações do esporte, mas propiciar compreensão crítica das diferentes formas de encenação esportiva, os seus interesses e os seus problemas vinculados ao contexto sociopolítico [...]”.

Deste modo, este artigo tem o objetivo de apresentar a relevância do esporte no ensino de Educação Física.

## METODOLOGIA DE ENSINO DOS ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Diante do desenvolvimento da Educação Física escolar, o esporte tem ocupado um lugar de destaque no cenário educacional, visto que se tornou um dos mais rele-

vantes objetos de análise das várias abordagens pedagógicas existentes na Educação Física, fazendo com que o professor tenha um norte de sua prática pedagógica.

Neste sentido, a Educação Física escolar é um assunto bastante discutido desde o seu surgimento, que ao analisarmos o processo histórico da Educação Física no Brasil, percebemos que a mesma teve várias tendências que foram mudando no decorrer dos anos, sob a influência de várias áreas como: a médica, a militar e a esportiva (BRASIL, 1997).

No início, as aulas de educação física tinham um caráter exclusivo muito forte, pois todas as aulas eram resumidas em práticas corporais; os governantes dessa época visavam corpos saudáveis e fortes para eventuais guerras que pudessem acontecer. Dessa forma, as mulheres eram definitivamente excluídas dessas práticas, como também homens que não tivessem habilidades ou um corpo adequado para os padrões impostos pela sociedade daquela época.

Esperava-se que o homem tivesse um corpo saudável, e isso era associado a certo desempenho, para que assim as pessoas pudessem ser contratadas para trabalhar nas grandes indústrias dos centros urbanos. Com isso, as aulas de educação física eram tidas como treinamento, em que o professor era considerado treinador e os alunos atletas.

Segundo Castellani Filho (2000), a Educação Física escolar em meados da década 1980 começou a abrir espaços através de congressos para professores e alunos, com o objetivo de angariar conhecimentos que pudessem contribuir na formação de indivíduos conscientes e capazes de discutir os problemas políticos, econômicos e sociais do Brasil.

Atualmente, o grande desafio dos profissionais de Educação Física no ambiente escolar é justamente alinhar a prática com a teoria durante a exposição do conteúdo nas aulas, pois é essencial que o docente não continue reproduzindo o esporte voltado para o rendimento e que, de fato, o conteúdo esporte possa contribuir no ambiente escolar, de forma que valores como respeito e colaboração sejam fortalecidos.

Conforme Freire (1994), ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

O professor precisa constantemente buscar novos conhecimentos sobre sua metodologia a ser concretizada dentro do contexto escolar. Ou seja, o profissional pre-

cisa ter uma visão crítica do que fazer e como fazer, visto que o educador deve pôr em prática um método de aprendizagem voltado para o ensino das técnicas quanto das táticas, bem como dos fundamentos, de maneira bastante didática e pedagógica.

O profissional deve conhecer, compreender e avaliar as várias abordagens metodológicas existentes na Educação Física.

Darido e Rangel (2008) apontam para as inúmeras abordagens que existem na Educação Física escolar: psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista, crítico superadora, crítico emancipatória, saúde renovada e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), entre outras. Através de Moreira e Simões (2006, p. 75) reflete-se que

[...] independentemente das abordagens ou tendências em Educação Física com que nos identifiquemos, não podemos desconsiderar o humano no homem ao ensinar os conteúdos específicos da Educação Física, fugindo da aprendizagem apenas dos movimentos mecânicos, padronizados e estereotipados.

Sendo a escola um âmbito de educação formal, o professor de Educação Física deve dar ao conteúdo esporte um tratamento pedagógico de forma a proporcionar ao aluno um conhecimento abrangente e diversificado, incentivando o mesmo a conhecer, gostar, aprender e manter o interesse pelas diversas práticas esportivas (PAES, 1996).

Nas aulas de Educação Física, o professor deve primar por metodologias que possam ensinar o esporte para que o aluno aprenda e compreenda o esporte em um sentido amplo. Desse modo,

[...] o esporte escolar só faz sentido se for pedagogizado, ou seja, submetido aos códigos da escola. Em termos mais concretos, isso significa que não basta, para a realização da função da escola, que o esporte seja aprendido e praticado nos seus espaços, é preciso também que o esporte escolar instrumentalize o indivíduo a compreender o fenômeno esportivo. (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 12).

Desse modo, durante as aulas de Educação Física escolar, devemos priorizar os caminhos da educação por meio do esporte, respeitando as diferenças

individuais de cada aluno, objetivando oportunizar um “esporte para todos”, ou seja, sem nenhuma exclusão, um esporte capaz de auxiliar na valorização das práticas esportivas respeitando as fragilidades e potencialidades de cada ser humano.

## **PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA**

Entende-se que a escola deve proporcionar um ambiente satisfatório com grandes possibilidades de conhecimento, e que o Ensino da Educação Física não deve direcionar os alunos somente para a execução de movimentos, deixando os mesmos limitados tão somente a aprender os famosos gestos técnicos que são específicos de cada modalidade esportiva.

O docente, dentro do ambiente escolar, é peça essencial no aprendizado dos alunos, pois é considerado o elo principal de ligação de toda comunidade interna e externa no ambiente escolar. Neste sentido, Libâneo (1998) afirma que o professor possui papel essencial na mediação dos alunos com a disciplina, devendo os conteúdos serem trabalhados de acordo com o ambiente dos alunos, ou seja, respeitando sua realidade social.

Torna-se importante destacar que o Profissional de Educação Física precisa entender que a sua responsabilidade deve causar impactos positivos, visando ao desenvolvimento pleno. A Educação Física é o elemento primordial para o crescimento mental e físico da sociedade, assim, o professor dessa área tem a chance através do trabalho nas escolas com ênfase na disseminação dos valores do esporte, inclusão social e formação de cidadãos, tornando um dos principais protagonistas da sociedade.

Dessa forma, o professor pode ajudar na construção do conhecimento de maneira organizada, formando cidadãos críticos, reflexivos, além de conscientes da realidade que vivem. Freire (1996) afirma ser fundamental que o professor leve a sério a sua formação e que busque a competência profissional para que se sinta seguro no exercício da função.

Nesse sentido, Piccolo (1993, p. 13) argumenta que:

O principal papel do professor, através de suas propostas, é o de criar condições aos alunos para tornarem-se independentes, participativos e

com autonomia de pensamento e ação. Assim, poderá se pensar numa Educação Física comprometida com a formação integral do indivíduo. Dessa forma, pode-se enfatizar o papel relevante que a Educação Física tem no processo educativo. O que, na verdade, ameaça a existência desta disciplina nas Escolas é a sua falta de identidade. Ela sofre consequências por não ter seu corpo teórico próprio, isso é a informação acumulada é vasta e extremamente desintegrada por tratar-se de uma área multidisciplinar.

Baseado nessa afirmação, expomos que é indispensável a busca pela valorização da disciplina de Educação Física no ambiente escolar, pois somente através dessa é que passaremos a ter professores estimulados e capazes de formar cidadãos completos. Compete ao professor de Educação Física coordenar, planejar, programar, dinamizar, dirigir e ensinar em todas as suas aulas. Mattos e Neira (2000, p. 25) apontam que

[...] para inserir a Educação Física dentro do currículo escolar e colocá-la no mesmo grau de importância das outras áreas de conhecimento é através da fundamentação teórica, da vinculação das aulas com os objetivos do trabalho, da não improvisação e, principalmente, da elaboração de um plano que atenda às necessidades, interesses e motivação dos alunos.

O curso de Educação Física, voltado para licenciatura, tende a proporcionar aos professores um maior conhecimento sobre a parte teórica e prática. Sendo assim, teoria e prática devem sempre se dirigir para um ponto comum, criando possibilidades de acordo com as necessidades de alterações que forem surgindo, assim a teoria deve ser a base e sustento, caso contrário teríamos apenas uma repetição, sem significado e sem pensamento consciencioso e transformador (MEDINA, 2010).

## **METODOLOGIA DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

### **A) OBJETIVOS**

Para lecionar no ensino médio, o professor deve ter um amplo conhecimento acerca dos objetivos propostos por essa etapa da educação básica. Segundo Correia (1996), este processo tem a pretensão de desenvolver os seguintes objetivos: identificar os principais temas relacionados com a Cultura Corporal; vivenciar atividades relacionadas a essa mesma Cultura; desenvolver uma visão crítica em relação às manifestações corporais, bem como a sua implicação em relação à qualidade de vida; e favorecer o interesse, a participação e o senso crítico em relação às atividades motoras dentro e fora do ambiente escolar.

Para desenvolver esses objetivos, o professor deve saber lidar com esse público porque é nessa fase que os alunos estão em um período de transição em sua vida biológica e social, período escolar do ensino médio.

O objetivo do ensino da educação física no ensino médio é acrescentar e aprofundar novos conhecimentos e aplicar fundamentos dos esportes e dos jogos que já foram vivenciados no ensino fundamental. Dessa maneira, a educação física se torna cansativa e repetitiva, não despertando no aluno o desejo em participar das aulas. O professor deve aplicar conteúdos que despertem o desejo do aluno em participar e aprender com sentido para sua vida. Os profissionais devem estar sempre buscando aperfeiçoar-se no ensino que se propõem a transmitir, e a formação continuada é um grande aliado nesse ensino aprendizagem.

### **B) CONTEÚDOS**

Para lecionar no ensino médio, os professores precisam ter bastante cuidado sobre os conteúdos nas escolas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sugere alguns conteúdos para serem lecionados nessa etapa da educação básica: a dança, os esportes, a ginástica e as práticas corporais de aventura (BRASIL, 2016, p. 108).

A BNCC preconiza que as práticas corporais sejam trabalhadas no ensino e um dos conteúdos que devem ser trabalhados é a dança, pois

As danças constituem o conjunto das práticas corporais tematizadas na Educação Física. Elas são caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. As danças caracterizam-se por serem realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo estas duas últimas as formas mais comuns. (BRASIL, 2016, p. 103).

Outro conteúdo que deve ser trabalhado são os esportes que abrangem uma possibilidade de práticas corporais: “[...] O envolvimento com esse universo pode se sustentar nos mais diversos interesses, aspecto central a ser considerado nas aulas de Educação Física. Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele.” (BRASIL, 2016, p. 104).

Os esportes podem e devem ser trabalhados no ensino médio, dessa forma, cabe ao docente direcionar e traçar quais objetivos quer alcançar com os esportes em suas aulas. Um conteúdo de grande relevância no cenário mundial indicado pela BNCC é a ginástica que tem uma grande quantidade de práticas corporais (BRASIL, 2016). Desta maneira, “as ginásticas constituem-se em um grupo amplo e diverso de práticas corporais. Sob essa denominação se encontram práticas com formas de organização e significados diversos.” (BRASIL, 2016, p. 104).

Sendo assim, o educador deve buscar a melhor maneira para ministrar esse conteúdo, pois pode ter alguma rejeição por parte de alguns alunos. Outro conteúdo indicado para ser trabalhado no ensino médio são as práticas corporais de aventura, que são divididas em seis blocos, sendo as principais as aventuras da natureza e as aventuras urbanas. As aventuras da natureza “se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante, da vertigem e do risco controlado (ex. corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo).” (BRASIL, 2016, p. 106). Já aventuras urbanas:

[...] exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática (ex. parkour, skate, patins, bike etc.). Reconhece-se, no entanto, que, apesar das diferenças, algumas modalidades podem ser realizadas tanto em um entorno como em outro, o que aumenta a possibilidade de sua vivência. (BRASIL, 2016, p. 104).

Conforme Libâneo (1999), os conteúdos escolares se expressam nos projetos pedagógicos, planos de aula, planos de ensino, ações e convicções docentes. Os conteúdos de ensino são os conjuntos de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida. Englobam, portanto, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudo, de trabalho e de convivência social, valores, convicções e atitudes (LIBÂNEO, 1999).

Neste direcionamento, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio afirmam que:

O que se espera é que os alunos do ensino médio tenham a oportunidade de vivenciarem o maior número de práticas corporais possíveis. Ao realizarem a construção e vivência coletiva dessas práticas, estabelecem relações individuais e sociais, tendo como pano de fundo o corpo em movimento. Espera-se, portanto, que os saberes da Educação Física tratados no ensino médio possam preparar os jovens para uma participação política mais efetiva no que se refere à organização dos espaços e recursos públicos de prática de esporte, ginástica, dança, luta, jogos populares, entre outros. (BRASIL, 1998, p. 224).

Portanto, o professor de Educação Física, nessa etapa da educação básica tem várias possibilidades para desenvolver suas aulas teóricas e práticas de maneira produtiva e satisfatória, levando o aluno a se envolver e conseguir uma aprendizagem significativa para sua vida. Nessa perspectiva, é importante que os discentes desenvolvam competências e habilidades capazes para debater e transformar regras das diversas práticas corporais, a fim que os mesmos adquiram maior autonomia.

### C) COMPETÊNCIAS

As competências estão diretamente ligadas ao conhecimento, atitude e capacidade, pois são elas que irão capacitar os alunos para várias funções, inclusive dando a qualidade de apreciar e resolver um determinado problema.

Diante dessa afirmação, o PCN destaca algumas competências e habilidades que podem e devem ser desenvolvidas na Educação Física no Ensino Médio:

1. Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recursos para a melhoria de suas aptidões físicas;
2. Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais;
3. Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-la e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde;
4. Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão;
5. Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão;
6. Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs. (BRASIL, 1999, p.164).

Para reforçar a importância das competências no espaço escolar, Perrenoud (2001) afirma que as competências estão ancoradas em duas constatações: primeiro, é preciso trabalhar e treinar a transferência e a mobilização das capacidades e dos conhecimentos (esse trabalho exige tempo, etapas didáticas e situações apropriadas); e segundo, na escola não se dá tanta importância à prática de transferência e a mobilização, é necessário trabalhar mais essas questões.

É essencial que o professor possa instigar seus alunos cada vez mais a pesquisar e construir, como forma de desenvolver suas competências, ou seja, necessitamos que seja construído esse saber. Portanto, a escola mediante seu Projeto Político Pedagógico, tem por obrigação fazer com que seus alunos adquiram as competências ideais, a fim de que os mesmos possam fazer críticas construtivas, encontrar novos caminhos ou soluções em detrimento de eventuais problemas, ou seja, eles deverão aprender a raciocinar e agregar o conhecimento ao real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, nota-se a importância do profissional de Educação Física no ambiente escolar, pois com um planejamento flexível e organizado, o professor pode atender a necessidade de seus alunos de acordo com o conteúdo trabalhado. A Educação Física escolar ainda carrega traços de seu passado repleto de transformações, de concepções e objetivos diferentes. É fundamental que o profissional tenha maior responsabilidade, ou seja, pautado no planejamento e organização, assumindo suas obrigações e colaborando de forma positiva na formação integral dos alunos.

O profissional de Educação Física é um especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações, seja na ginástica, exercícios físicos, jogos, lutas, danças, atividades rítmicas, expressivas, lazer, e recreação e relaxamento corporal. A Educação Física contribui para a capacitação de níveis adequados de desempenho, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, contribuindo também para a autonomia e autoestima.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, mai. 2003. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/765>>. Acesso em: 04 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **As Novas Diretrizes Curriculares que mudam o Ensino Médio Brasileiro**, Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC). Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica/Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 3º e 4º ciclos, v.7**, Brasília: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996**. São Paulo: SIESP, 1997.

- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física, 3º e 4º ciclos, v. 7, Brasília: MEC, 1998.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- CORREIA, W. R. Planejamento participativo e o ensino de Educação Física no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, suplemento 2, 1996, p. 43-48.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p. 1-24.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários á pratica Educativa. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1994.
- KUNZ, E. **Transformação Didático-pedagógica do Esporte**. 6 ed. Ijuí/RS: Unijuí, 2004.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte, 2000.
- MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e "mente"**. Campinas: Papyrus, 2010.
- MOREIRA, W. W.; SIMÕES R. Educação Física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa. In De Marco, A., (org.). **Educação Física: Cultura e Sociedade**. Campinas/SP, p. 71-85, 2006.
- PAES, R. R. **Educação Física Escolar**: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Campinas/SP: 1996.
- PERRENOUD, P. Dez novas competências para uma nova profissão. In Pátio. **Revista pedagógica** (Porto Alegre, Brasil), n 17, mai./jul., p. 8-12. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Genebra, Suíça, 2001.
- PICCOLO, V. L. N. **Educação física escolar**: ser ou não ter? Campinas: UNICAMP, 1993.





# O CONTEÚDO “CAPOEIRA” NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marília de Andrade Santana

## INTRODUÇÃO

Na Educação Física, o professor tem que aplicar, em suas aulas, os conteúdos dos esportes, jogos, danças, brincadeiras e lutas, inclusive a capoeira. Conforme Soares e Júlio (2011), a capoeira é uma modalidade desportiva permeada por cultura e movimento corporal, praticada por diversas pessoas, e um instrumento educacional usado nas aulas de Educação Física. A prática dessa luta desenvolve habilidade, força, flexibilidade e equilíbrio nos alunos.

O tema abordado neste artigo versa sob o objetivo de refletir acerca da capoeira dentro das aulas de Educação Física, momento que o profissional de Educação Física pode trabalhar essa cultura com seus alunos, possibilitando o resgate da identidade da capoeira e da história do negro no Brasil, e sua contribuição na formação de nossa sociedade.

## CAPOEIRA: HISTÓRIA E MOVIMENTO

A capoeira é uma mistura de dança, jogo e luta, com jogo de agilidade corporal, que foi utilizada historicamente como instrumento de defesa contra o capitão do Mato. Segundo Souza et al. (2017, p. 559):

O termo capoeira tem origem na língua indígena Tupi, deriva-se de caa-puera (caa = mato; puera = que já foi) mato ralo, mato já cortado, capoeiras

seriam então, áreas semi-desmatadas onde os escravos treinavam os seus golpes, usavam como esconderijo para se refugiarem, e também travavam combates com os capitães do mato durante suas fugas.

Para Falcão (1996, p. 108 apud JANNUZZI, 2007, p. 20),

[...] a capoeira é reconhecida como única luta no mundo em que seus lutadores se confrontam ao som de cânticos executados pelos demais componentes. Além disso, é possível afirmar que os cânticos de capoeira representam o mais significativo espaço de representação dos conflitos gerados no contexto desta arte-luta.

Há controvérsias sobre a originalidade da capoeira. Alguns apontam que veio para o Brasil na era colonial, no século XVI, juntamente com os escravos. A capoeira surgiu como uma forma de liberdade e de defesa. Ela era praticada em lugares perto das senzalas, e tinha como papel principal de conservação da cultura, a diminuição do estresse do trabalho e o fortalecimento da saúde física. Essas lutas aconteciam em locais pequenos, conhecidos na época, de capoeirão. O lugar ficou denominado com esse nome por causa da luta.

Rego (1968) afirma que, pequena parte dos pesquisadores aborda que a capoeira existiu na África, outros comprovam que a capoeira surgiu no Brasil. Pela ausência de provas históricas sobre a origem da capoeira, hoje, muitos estudiosos aceitam que a capoeira foi criada no Brasil, pelos escravos vindos de Angola. Para Rego (1968), a origem da capoeira foi fundamentada por sangrentas ocupações, colonização e a dependência de mão de obra escrava.

Atualmente, a Capoeira se divide em três tipos: Angola, Regional e Contemporânea. A Angola com músicas vagarosas, com golpes feitos mais baixos (juntos ao solo) e muita malícia. A Regional é composta por intenções maldosas da capoeira Angola, com o jogo ligeiro de movimentos, ao toque do berimbau. A Capoeira Contemporânea tem a integração de uma mistura dos dois tipos de capoeira anteriores. Esta capoeira é a mais executada na atualidade.

A Capoeira de Angola foi gerada no Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Para Abib (2006), o mestre João Pequeno de Pastinha, ensinava a capoeira de Angola com amor aos seus educandos ou seguidores, com o valor de

respeito do tempo do aprender de cada aluno. O Mestre Pastinha fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), em 1941. Ele passou a ser visto como líder da capoeira tradicional, e teve o apoio dos capoeiristas João Grande e Moraes.

Segundo Moore (1987), a capoeira Angola, que é conhecida como tradicional, originou-se por causa dos sofrimentos que os negros estavam passando. Ela mostrava o momento de dor e aflição, reagindo com os corpos que se movimentavam no incessante jogo de sobrevivência.

Adorno (1987, p. 55) declara que a

[...] capoeira de Angola só pode ser ensinada sem forçar a naturalidade da pessoa, o negócio é aproveitar os gestos livres e próprios de cada qual. Ninguém luta do meu jeito, mas no jeito deles há toda a sabedoria que aprendi. Cada um é cada um [...]. Não se pode esquecer do berimbau. Berimbau é o primitivo mestre. Ensina pelo som. Dá vibração e ginga ao corpo da gente. O conjunto da percussão com o berimbau não é arranjo moderno não, é coisa dos princípios. Bom capoeirista, além de jogar, deve saber tocar berimbau e cantar.

Na roda de capoeira Angola são englobados instrumentos, com três berimbaus, pandeiro, um atabaque, agogô e ganzuá, e os movimentos dos golpes são: cabeçada, pernada, pernas junto ao chão, sola do pé de frente, sola do pé de costas, meia lua e golpe aplicado de mão aberta. Para Guimarães e Silva (2014), a Capoeira Angola reproduz uma dança que, na ginga, se mostra como maliciosa, através das agilidades dos capoeiristas.

A Capoeira Regional surgiu em 1920, criada por Manoel dos Reis Machado, que ficou mais conhecida através do mestre Bimba e do seu aluno José Ciszando Lima. Bimba produziu ensino e métodos através da capoeira.

Bimba expressava uma preocupação marcante com a arte de capoeira baiana, ou seja, de manter viva a essência original da capoeira como uma luta de resistência e, por esse motivo, desejava ver uma capoeira forte, contundente, viril e que mostrasse o seu valor em qualquer situação: na rua, no ringue, no confronto com a polícia etc. (CAMPOS, 2009, p. 53).

Ele nomeou sua capoeira de Luta Regional Baiana, pois, nessa época, a capoeira ainda era ilegal. Na capoeira Regional, o treinamento era aplicado no ataque e no contra-ataque, com muita atenção para a correção e a obediência às regras. Ele englobou golpes de outras artes marciais, com o batuque e com uma luta de rua ancestral desenvolvida por seu pai. Nela os movimentos são: arqueado, pé de giro alto, cintura desprezada, agarrar o adversário pelo joelho, agarrar o braço do adversário, gravata alta e o aú. Nessa capoeira, a roda e o jogo de capoeira permanecem os mesmos. A bateria é um berimbau e dois pandeiros.

Com o falecimento do mestre Bimba e mestre Pastinha, a capoeira contemporânea iniciou aproximadamente a partir de 1970. A capoeira começou a sua expansão para o estrangeiro e se espalhou para os países europeus (FONSECA, 2008).

A Capoeira Contemporânea, com um estilo misturado, contendo a união da capoeira Regional e a Angola, envolvia mais habilidade juntando esses dois estilos. De acordo com Falcão (2004, p. 47):

A “capoeira contemporânea”, se é que é possível falar dessa forma, constituiu-se num amálgama que mistura o formal e o informal, o sagrado e o profano, o científico e o senso comum, o erudito e o popular, o coletivo e o individual, a tradição e a modernidade. Não porque se trata de um novo “estilo” de capoeira. Trata-se de uma nova forma de conceber e realizar os seus fundamentos.

Os aspectos do jogo contemporâneo são as maneiras corporais, em que os capoeiristas se movimentam mais do que os outros estilos, as fintas de movimentos, onde os capoeiristas simulam um movimento pronto para outro. Os toques utilizados são de São Bento Grande, de Bimba e Benguela.

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. (BRASIL, 1997, p. 37).

A dança brasileira africana, diante dos movimentos, apresenta expressões e sons produzidos através do nosso corpo, conforme a necessidade do ser humano de emoção e de eternizar costumes. Essa dança apresenta os aparelhos de percussão de várias maneiras, sendo usado o berimbau, seguido pelo atabaque, pandeiros, agogô, reco-reco, com cânticos musicais que narram lendas de deuses, orixás e do candomblé.

Conforme Adorno (1987), na dança se expressa a versão antiga da descendência do povo africano.

Nas manifestações afro-brasileiras, mais concretamente nos momentos de festa, registra-se um número considerável de manifestações em que a dança e a música de marcam traços de africanidade, sem, contudo, confirma-se, a presença de aspectos religiosos ou mágicos no momento da sua realização, antevendo-se, em algumas das expressividades manifestas, simples atos de puro divertimento dos negros nessa nova terra e nos momentos consentidos pelos seus senhores. Dentre essas formas de expressão, pode-se referir terem ocorrido muitas vezes, isolada ou concomitantemente, o lundu, o jongo, o batuque, o maracatu, o samba e, inclusive a capoeira. (ARAÚJO, 2002, p. 109).

Atualmente, a capoeira é classificada como expressão popular da cultura do Brasil.

Todas as culturas têm algum tipo de manifestação rítmica e/ou expressiva. No Brasil existe uma riqueza muito grande dessas manifestações. Danças trazidas pelos africanos na colonização, danças relativas aos mais diversos rituais, danças que os imigrantes trouxeram em sua bagagem, danças que foram aprendidas com vizinhos de fronteira, danças que se vêem pela televisão. (BRASIL, 1997, p. 39).

Os golpes e os movimentos da capoeira se diferenciam de grupo para grupo, alguns básicos são:

Aú - flexionando o corpo, as mãos no chão, o capoeira descreve no ar um semicírculo com os pés, voltando à posição ereta a dois metros do ponto

em que se encontrava antes. Bananeira- apoiando nas mãos, as pernas para cima, o capoeira agora os pés contra o rosto ou o peito contendor. Chapa-de-pé - O capoeira distende a perna de maneira a alcançar, com a planta do pé, a cabeça ou o peito do oponente. Chibata- Em movimento semelhante ao aú, o capoeira desfere, do alto, uma das pernas, retesada sobre o adversário. Meia Lua - Fazendo pião num dos pés, o capoeira distende a perna, em ângulo reto com o corpo e hora em direção com o compar-sa. Rabo de d'arraia - Com as mãos no chão, o capoeira atira ambas pernas (mais ou menos em ângulo reto com o corpo) com os calcanhares dos parceiros, promovendo sua queda. Rasteira - O capoeira, meio sentado no chão, apoia-se nas mãos e descreve um arco com uma pernas, de maneira a bater no calcanhar do companheiro, fazendo-o desequilibrar-se. Tesoura- Estando o “camarado” de pé o capoeira se joga ao comprido no chão de modo a prender-lhe as pernas, literalmente, entre as suas, derrubando-o. (CARNEIRO, 1975, p. 6).

Estes movimentos de ataques rodados podem ser feitos com lentidão ou ligeir-eza, como ataque ou defesa, mas devem ser executados no ritmo da música, que é tocada pelos próprios jogadores de Capoeira. O prosseguimento dos movimen-tos e golpes é conforme a escolha de cada praticante, dependendo dos movimen-tos do companheiro de jogo. Para Adorno (1987), a ginga segue a sequência de dança e luta, sons com movimentos variáveis, manejo do corpo, que atrapalha e ilude, no jeito de ginga, na movimentação do corpo inteiro.

O berimbau é um aro de musicalidade acarretado por diversos arcos nos luga-res da África. A maneira moderna de tocar é através das estruturações dos afro-descendentes do Brasil. Onde o toque é utilizado para conduzir a luta, dança e jogo da Capoeira.

O pandeiro é de nacionalidade asiática e foi utilizado pelos portugueses, em Portugal e no Brasil, em cortejos. Posteriormente, passou a ser aplicado em diver-sas manifestações musicais e na Capoeira. Ele é usado para a marcação do ritmo feito pelo berimbau.

Pandeiro é o nome dado a instrumentos musicais de percussão membra-nofones, que consistem numa pele esticada numa armação estreita, cha-

mada aro, que não chega a constituir uma caixa de ressonância. Essa armação é geralmente circular, mas pode ter outros formatos (por exemplo, quadrangular no adufe). Dispostas em intervalos ao redor do aro, podem existir platinelas de metal. Pode ser brandido para produzir som contínuo de entrechoque, ou percutido com a palma da mão e os dedos. (RIBEIRO, 2015, p. 30).

O agogô é utilizado na capoeira e tem o formato de sinos de ferro e deve ser tocado com uma baqueta, construída de madeira para suavizar o som metálico feito pelo agogô. Ele é empregado na realização de alguns ritmos musicais e durante o ritual (IPHAN, 2014). Além desse, temos o atabaque: “[...] instrumento musical membranofone de percussão. Constitui-se de um tambor cilíndrico ou ligeiramente cônico, com uma das bocas coberta de couro. É tocado com as mãos, com duas baquetas, ou por vezes com uma mão e uma baqueta, dependendo do ritmo e do tambor que está sendo tocado.” (RIBEIRO, 2015, p. 32).

O caxixi “[...] é o nome que se dá ao pequeno cesto de alças, feito com tiras de junco trançadas, contendo em seu interior contas de lágrimas, pequenas conchas marinhas ou búzios. O seu fundo é feito de pedaços de cabaça.” (ADORNO, 1987, p. 72-73). Ele é um aparelho musical que apresenta um ritmo afro-brasileiro. É mais conhecido como chocalho de cesto, que é utilizado na capoeira fazendo uma grande percussão de sons que, através das sementes que se encontram dentro do cesto, após serem sacudidas, provocam uma sonorização.

O Reco-reco ou Ganzá é um instrumento estruturado por madeira, ferro ou bambu que ocasiona um toque alto, esfregando uma vareta de madeira ou ferro nos traços ou molas em um objeto oco com uma área fechada e outra aberta, por onde possa sair o som (LACERDA, 2009).

## **O CONTEÚDO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

A Educação Física escolar deve ser trabalhada com compromisso profissional, pois os conhecimentos a serem transmitidos devem partir de abordagens metodológicas, as quais dão suporte à elaboração e desenvolvimento das ações pedagógicas, que trazem uma aprendizagem ativa, onde o sujeito aprende novos conhecimentos a partir dos que já possui, de forma contínua, já que o mesmo não

acontece de imediato. É impossível construir um conhecimento absolutamente novo sem que a criança tenha adquirido, anteriormente, esquemas semelhantes.

O ensino vai muito além do que executar movimentos/exercícios corporais repetidos e sem finalidade. Busca estudar as práticas corporais e compreender os seus aspectos históricos, técnicos, sociológicos, antropológicos e biológicos. Nesse sentido, procura situá-los no contexto social ao qual estão inseridos, instigando-os a uma leitura de sua realidade. Assim, a educação física expressa os diferentes tipos de linguagem que as práticas corporais possuem, ou seja, um repertório próprio e específico. Cabe à escola, e dentro das aulas de educação física, ensinar as diferentes linguagens advindas das práticas corporais no sentido de democratizá-las.

O conteúdo lutas, na perspectiva de Nascimento (2008), tem que ser entendido como construção do indivíduo conduzido de significados, tradicionalmente produzidos e que determinam vínculos com as instituições onde são efetuadas e desenvolvidas. Para competência pedagógica, as lutas são ferramentas valorosas, que direcionam os conteúdos pelo educador, diante de ação corporal exclusiva, cultural, relatando o aspecto da não violência, respeito aos colegas, e o diálogo para resolver os problemas de justiça e solidariedade.

Diante disso, a capoeira como conteúdo apresenta sua própria história, tradição, além de agregar valores. “A Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com sua historicidade, não a desencarnar do movimento cultural e político que a gerou [...]” (SOARES et al., 1992, p. 53).

A capoeira, enquanto conteúdo que alicerça a prática do profissional de Educação Física, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), bem como na Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2016), é um conteúdo que estrutura a Educação Física, inerente à cultura corporal de movimento, e objeto de estudo para a Educação Física através do movimento humano.

A Educação Física deve possibilitar aos discentes a argumentação sobre os tipos de conteúdo e métodos, e como eles contribuem com o desenvolvimento da consciência sobre o seu movimento corporal e o ambiente que o cerca. Nas dimensões conceituais, o professor de Educação Física irá ensinar os conteúdos na base teórica, apresentando a origem e o histórico da Capoeira para que os

alunos possam conhecer e aprender. Nos procedimentais, o professor ensinará, na prática, a vivência da Capoeira, para que os alunos executem de forma correta. E, nos atitudinais, ensinar os estudantes a valorizar a cultura da Capoeira durante a realização das atividades, de modo cooperativo.

Betti (1997) afirma perceber uma resistência por parte dos professores frente às novas propostas de ensino. A autora ainda vai além quando menciona que os mesmos conteúdos que os professores selecionam para o bimestre, por exemplo, são repassados para todos os educandos de faixas etárias diferentes. Logo, percebe-se a dificuldade de se trabalhar com a capoeira, ginástica, dança, dentre os outros conteúdos da cultura corporal. Existem muitos professores de Educação Física que não utilizam o conteúdo Capoeira por causa da falta de espaço, de motivação, de material, do comodismo, e da falta de aceitação desta temática pela comunidade escolar, ou mesmo, por não terem maior afinidade com esse conteúdo.

A dignidade, solidariedade, respeito e justiça podem ser alcançados e executados nas aulas de capoeira, dentro de cenários significantes e relevantes, e de maneira autônoma, por seus praticantes. Ainda podendo, para além dos valores éticos, determinar comportamento e convívio, e, assim, tomar procedimentos que podem ser vistos e agregados nas práticas corporais (BRASIL, 1998). A ideia é inserir a cultura da Capoeira na escola e desvendar seus valores na cultura brasileira, e, por meio dela, possibilitar que a ética possa ser trabalhada, conservando os princípios históricos que se perderam ao longo dos tempos.

A Capoeira nas aulas de Educação Física traz contribuição para o desenvolvimento do aluno de modo integral, realizando a integração do corpo e da mente. Podendo ser um recurso que, junto com outras atividades, muda o ambiente escolar para um lugar democrático e agradável para os estudantes. A execução da capoeira é benéfica para o desenvolvimento motor e cultural do sujeito, pois o jogo tem a concepção de luta, dança e arte, incorporando movimento.

Para que a Educação Física possa unir os conhecimentos culturais, primordialmente africanos, e transformá-los em ferramentas causadoras da superação da discriminação, é necessária uma compreensão política quanto à questão, um componente a mais em sua formação sobre os referenciais teóricos fundamentais ao entendimento do histórico e da cultura africana e afro-brasileira. O educador tem o compromisso de inserir na escola questionamentos sobre diversas etnias raciais e multiplicidade cultural.

A principal importância em trabalhar a capoeira nas aulas de Educação Física é por ela apresentar uma identidade brasileira que transpassa a história, tradição, luta, confirmação, cidadania e a busca pela igualdade racial. Conforme Campos (2001, p. 29):

O valor da Capoeira como Educação Física é enorme. É dentro do próprio “jogo” que o capoeirista mostra todo o seu potencial e, para isso, torna-se necessário um excelente condicionamento físico, técnico e tático. Na sua riqueza de movimentos, a coordenação, o equilíbrio, a velocidade, a destreza, a agilidade, a flexibilidade e a resistência são postos a toda a prova, sendo que essas qualidades físicas são trabalhadas e desenvolvidas em permanente movimentação.

O docente de Educação Física que atua no âmbito escolar pode aprender e ensinar muito com a capoeira, de acordo com a cultura corporal do movimento, pois a execução da capoeira traz, ao seu participante, progressão do movimento, através do corpo, e sua prática oportuniza tanto um trabalho lúdico como um jogo técnico.

Após o professor trabalhar com essa metodologia pedagógica, de forma teórico-prática, ele terá a função de nortear suas características em seus aspectos educativo e criativo, e se tornará um mediador e estimulador de conhecimentos afro-brasileiros, que se preocupa em utilizar essa temática conforme a realidade dos alunos diante da abordagem proposta em suas aulas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste artigo, buscou-se refletir sobre a capoeira dentro das aulas de Educação Física. Escolher ensinar o conteúdo lutas, na concepção de Nascimento (2008), deve ser entendido como formação humana repleta de significados historicamente elaborados e que demonstram relações nas sociedades nas quais são aplicados e desenvolvidos. Cada contexto da realidade dos aspectos relacionados às lutas, ou melhor, na modalidade da capoeira, assim como as outras modalidades, conduzem para a Educação Física a cultura, ideologia, crença e costumes.

Nas atividades que caracterizam as aulas práticas de Educação Física, as quais se encontram carregadas de significados, linguagens, simbólicas comunicações diante das pessoas – ao jogar, dançar e lutar –, possibilita-se experimentar ou até expressar desejos, afetos, sentimentos, e essas situações podem causar bastante prazer a quem pratica.

O papel do professor enquanto mediador de todo processo de ensino-aprendizagem é saber o que vai ensinar, e por que ensinar Capoeira, levantando discussões que mantenham uma postura reflexiva, crítica, de uma maneira em que os valores culturais sejam exibidos nas situações cotidianas.

## REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.

ADORNO, C. **A arte da capoeira**. Goiânia, 1987.

ARAÚJO, P. C. de. O revivalismo africano e suas implicações para a prática da capoeira. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 107-116, jan./dez. 2002.

BETTI, I. C. R. **Reflexões a respeito da utilização como meio educativo na educação física escolar**. Kinesis, (15) 36-43, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum: BNCC – APRESENTAÇÃO**. Brasília: MEC, 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, H. **Capoeira na Universidade: Uma Trajetória de Resistência**. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.

\_\_\_\_\_. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba (Mestre Xaréu)**. Salvador: EDUFBA, 2009.

- CARNEIRO, E. Capoeira. **Cadernos do Folclore**, FUNARTE, Rio de Janeiro, n. 1, 1975.
- FALCÃO, J. L. C. **O Jogo da Capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana**. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.
- FONSECA, V. L. A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios. **Revista de História do Esporte**, vol. 1, n. 1, jun. 2008.
- GUIMARÃES, L. V.; SILVA, J. O. da. A implantação da lei 10.639/03 por meio da Capoeira. **Anais XIV Encontro Regional de História 1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil**. Universidade Estadual do Paraná/Campo Mourão – PR. ISSN 1808-9690, 2014.
- IPHAN, Dossiê. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IPHAN, 2014.
- JANNUZZI, L. **Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá. Capoeira**. Espírito Santo do Pinhal: UNIPINHAL, 2007.
- LACERDA, F. F. de. **Capoeira Angola nas aulas de Educação Física: Possibilidades metodológicas de ensino da cultura popular**. Belo Horizonte, 11/2009.
- NASCIMENTO, P. R. B. Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na educação física escolar. **Motrivência**, ano XX, n. 31, p. 36-49, dez. 2008.
- REGO, W. **Capoeira angola: ensaio sócio etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.
- RIBEIRO, M. K. de A. **Da Música na Capoeira: ensino e aprendizagem musical no Grupo Giramundo**. Monografia (Graduação em Música) – Universidade Federal do Maranhão, 2015.
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOARES, E. B.; JULIO, M; das G. A Inserção da Capoeira no Currículo Escolar. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Bueno Aires, ano 16, n. 156, mai. 2011.
- SOUZA, M. K. et al. Capoeira: Luta, Jogo ou Dança? O impacto da matriz curricular do curso de Educação Física na percepção de universitários. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.11, n. 68, p. 558-564, set./out. 2017.



# A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COMBATE A OBESIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda de Santana Santos

## INTRODUÇÃO

Durante os estudos na instituição de ensino UniAGES, no curso de Educação Física licenciatura, uma das maiores inquietações observadas foi o grande número de casos de obesidade nos alunos do ensino fundamental. Decidi apreender esse estudo, permitindo a reflexão sobre o corpo como um todo, buscando alimentações e comportamentos mais adequados para melhorar a qualidade de vida, prevenindo doenças e cuidando do organismo de maneira geral.

A discussão acerca da obesidade nos anos iniciais do ensino fundamental é importante devido ao grande risco para a saúde de crianças que se encontram acima do peso, prejudicando o seu organismo. As crianças devem se alimentar corretamente e realizar atividades físicas regularmente, principalmente as que se encontram em grau de obesidade, de modo a proporcionar o retorno da normalidade para o seu organismo, dando melhores condições para o corpo de uma forma geral.

É necessário buscar informações que possam contribuir na prevenção da obesidade nos anos iniciais, que influencia de forma direta no adulto que essas crianças se tornarão. Ao falar sobre o corpo, como é tida sua visão na sociedade hoje em dia, perpassando sobre aceitação, e até mesmo sobre crianças que sofrem bullying devido ao excesso de gordura, direciona-se não apenas discussões sobre questões de saúde e qualidade de vida, mas também questões psicológicas que afetam diretamente a vida do indivíduo.

Ocorre que, além da má alimentação imposta pela mídia, muitos pais buscando esquivar-se da obrigação de preparar comida para os filhos, buscam comidas prontas, muitas vezes inadequadas, com pouco ou nenhum valor nutricional, mas que para eles tornam-se mais práticas. A obesidade deve ser discutida em sala de aula, mas com referência também nas famílias, afinal a maior influência para as crianças parte do seio familiar. Pais que comem bem incentivam filhos a comerem bem, e o inverso também acontece.

O presente artigo parte do questionamento acerca da obesidade nos anos iniciais do ensino fundamental, onde observa-se atualmente grande número de alunos acima do peso, geralmente com a faixa etária entre 05 e 11 anos de idade. Para isso é preciso compreender quais práticas pedagógicas, conteúdos e atividades que podem contribuir para a prevenção da obesidade.

## **OBESIDADE E A BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM**

Obesidade é um termo com a origem no latim "*obesitas*" cujo significado refere-se a um percentual de gorduras, volume excessivo no ventre, uma acumulação de gordura no corpo humano.

Devido a obesidade, observamos em nosso dia a dia crianças sentindo-se excluídas. Isso acontece pelo modo como se alimenta, e se pratica alguma atividade física, pois nem sempre crianças movimentam seu corpo.

A obesidade infantil vem aumentando significativamente no mundo todo. A prevalência da obesidade nos EUA e no Brasil aumentou em torno de 50%, na última década, e cerca de  $\frac{1}{4}$  das crianças são obesas ou apresentam sobrepeso (OLIVEIRA, 2000). Cerca de 40% e 80% das crianças obesas serão adultos obesos. Estudos estimam que cerca de 50% das crianças obesas aos 7 anos serão adultos obesos e cerca de 80% dos adolescentes obesos se tornarão adultos obesos (OLIVEIRA, 2000). As crianças obesas tendem a tornar-se jovens e adultos obesos e, especialmente nos casos extremos de excesso de peso, o risco de aparecimento futuro de doenças cardiovasculares é superior ao da população em geral (DIETZ, 1998; SRINIVASAN et al., 1996).

As situações que podem ser um fator de risco para o corpo de uma criança envolvem a falta de alimentação regular e de atividade física na infância. As consequências de crianças que estão acima do peso são: doenças como

diabetes, hipertensão e colesterol alto, com risco de desenvolverem doenças cardíacas. A obesidade enquanto fator de risco tem sido muito estudada e surge associada a patologias diversas como: aterosclerose, artrite, doenças cardiovasculares, diabetes *mellitus*, hipertensão e algumas formas de cancro (GALVÃO, 2002). Nessa direção, Sichieri (2000) aborda que a obesidade é uma condição que aumenta o risco de morbidade para as principais doenças crônicas: hipertensão, dislipidemia, diabetes, doença coronariana, alguns tipos de câncer e colecistite.

Além das consequências na saúde propriamente dita, interessa considerar ainda as implicações sociais e psicológicas do excesso de peso (BROWNELL, 1982). As crianças obesas tendem a ser isoladas pelos grupos, tendem a desenvolver menor autoestima, sendo menos convidadas para participar de jogos desportivos. Os obesos são considerados, de forma estereotipada, como lentos, preguiçosos e caprichosos.

A escola tem sido um espaço comum de exclusão de crianças obesas nas atividades da disciplina de Educação Física, pois são consideradas mais lentas durante as atividades exercitadas. Então, preferem-se excluí-las, priorizando os mais “habilidosos” para que possam desempenhar as atividades que estão sendo desenvolvidas.

O obeso é socialmente discriminado na escola, no lazer e no trabalho, desenvolvendo alguma aversão pelo seu corpo com prejuízo da sua adaptação psicossocial. Desse modo, o obeso é vítima de pressão cultural para emagrecer, o que ocasiona em algumas tentativas de reduzir o peso, recorrendo a dietas, muitas vezes sem o devido acompanhamento profissional (DIETZ, 1998; BROWNELL; WADEN, 1991).

Após apresentar os pressupostos da relação entre obesidade e saúde, afirmamos a importância da disciplina de Educação Física nas escolas por desenvolver e estimular nos alunos a prática dos exercícios físicos e, principalmente, para os alunos que são obesos. “A escola é espaço de promoção da saúde, pelo papel destacando na formação cidadã, estimulando a autonomia, o exercício dos direitos e deveres, o controle das condições de saúde e qualidade de vida, bem como na obtenção de comportamentos e atitudes considerados como saudáveis.” (CAMOZZI et al., 2015, p. 33). Nesse sentido, Silva et al. (2011, n.p.) destacam:

a Educação Física é um componente curricular imprescindível na contribuição ao fortalecimento do organismo, melhorando o estado da saúde, propiciando o desenvolvimento de habilidades úteis à vida, criando hábitos culturais de higiene.<sup>1</sup>

Segundo Peres (2001), o componente Educação Física começa a lutar por sua legitimidade, querendo conquistar um lugar de respeito junto aos demais componentes curriculares. “A institucionalização da educação física, de fato, recebeu um esforço fundamental quando sugeriram os cursos de formação superior, com o objetivo de preencher as atividades escolares com professores especialistas, em substituição aos professores leigos.” (SANTIN, 1999, p. 25). Os professores de Educação Física têm um papel importante nessa legitimação, buscando em suas intervenções mudanças em suas estratégias de ensino, inovações, novos conhecimentos e aprimorando suas práticas pedagógicas no contexto escolar, para contribuir no processo educativo e intelectual do aluno.

Nessa discussão, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2016) e os componentes curriculares da educação, direcionando os conteúdos das dimensões do conhecimento, irão orientar o trabalho pedagógico do professor no âmbito escolar diante da realidade de cada escola.

Na área da Educação Física, a BNCC formulou objetivos para cada uma das práticas corporais. Assim, temos oito dimensões de conhecimento que aceitam a tematização dessas práticas como saberes escolares: Experimentação, Uso e apropriação, Fruição, Reflexão sobre a ação, Construção de valores, Análise, Compreensão e Protagonismo comunitário (BRASIL, 2016).

A BNCC ressalta a visão que uma escola possa fornecer conteúdos e exercícios para a melhoria do quadro da obesidade. Os professores têm o dever de estabelecer relações de currículo, conhecendo e relacionando à vivência dos alunos e através de atitudes na vida social dos seus alunos. O currículo é a forma do professor se mediar com os alunos para que se possa relacionar com objetivos que o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola quer alcançar para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Tanto o professor quanto o aluno

---

1 Informação retirada em: <http://www.efdeportes.com/efd156/a-educacao-fisica-escolar-do-ensino-fundamental.htm>.

devem saber o que realmente estão fazendo em sala de aula; o professor não deve somente dizer o que tem que fazer, deve ser crítico, pensante e atuante.

É necessário que o professor tenha conhecimento sobre o PPP da escola, pois ele é componente essencial da escola que possibilita um leque de estratégias de ensino e mostra as dificuldades que a escola está passando, facilitando o planejamento de forma coerente com o objetivo da escola (BRASIL, 2015). O PPP deve ser aberto para mudanças, dependendo das necessidades da escola.

O PPP é chamado de projeto por ter ações e metas para serem almeçadas, visando alcançar objetivos, reunindo propostas de ações concretas a serem executadas durante determinado período. É também político por buscar transformações sociais, por considerar a escola um espaço de formação de pessoas conscientes, responsáveis, críticos e atuantes na sociedade. E é pedagógico porque define e organiza as atividades e os projetos educativos necessários ao processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 2015).

Nesse sentido, entende-se que o professor deve ter conhecimento do PPP da escola para que facilite o planejamento das aulas e esteja de acordo com o que a escola preconiza. Como também deve ter acesso as Diretrizes Nacionais Curriculares – DCN's e saber o que é currículo, para que as aulas estejam de acordo com a realidade dos seus alunos e da comunidade onde a escola está inserida (BRASIL, 2015).

Segundo Freire (1999), o professor é responsável por estimular o desenvolvimento global do indivíduo, através de suas práticas pedagógicas baseadas na cultura corporal do movimento, o mesmo contribui significativamente no processo de crescimento e desenvolvimento pleno do indivíduo.

O professor deve ter uma didática em que possa estabelecer uma boa aula abordando todos os aspectos que envolva a participação de todos os alunos nas atividades. A didática do professor de Educação Física deve ter: o ensinar a partir da práxis pedagógica através da elaboração dos conteúdos e das ferramentas de ensino; na sua prática pedagógica deve ter o que ensinar (que é o conceitual), como ensinar (que é o planejamento prático e teórico).

A aprendizagem por meio do lúdico é um instrumento pedagógico de grande valia no processo de ensino-aprendizagem, por isso, cabe ao professor adaptar os conteúdos ao lúdico para garantir um ensino prazeroso. O professor precisa resgatar a imaginação que constitui o processo de abstração dos alunos, pois os resultados são positivos quanto ao uso da ludicidade nas aulas.

## **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE CONTRIBUEM PARA A PREVENÇÃO DA OBESIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL**

A escola tem que fomentar ações ligadas a saúde dentro e fora dela, principalmente na educação física, pois baseado em prevenção, o educando passa a conhecer os riscos do sedentarismo e da alimentação inadequada. Sem uma alimentação certa podemos ter um fator em nosso corpo que é a obesidade e, conseqüentemente, a falta de condicionamento físico. A escola facilita a aprendizagem, estimulando o desenvolvimento da criança através do trabalho em torno de desafios, explorando, criando e desenvolvendo suas habilidades, e assim, expandido seus potenciais (CURTISS, 1988).

Desse modo, o profissional da área de educação física deve incentivar a realização de atividades físicas na escola e fora dela. Ao ter uma prática pedagógica na escola, podemos ter orientações de profissionais da área e até mesmo a colaboração para começar a realizar determinados movimentos.

Trabalhar habilidades específicas e apropriadas para cada faixa etária; ensinar a coordenar e integrar a área cognitiva, afetiva e comportamental; articular a área acadêmica com a educação para a saúde e para a vida familiar; criar materiais claros, modernos e didáticos; treinar professores e pessoas especializadas que tem papel fundamental na vida dos alunos. (ASSIS et al., 2006, p. 117-118).

As habilidades motoras das crianças ao executar um movimento no começo têm uma certa dificuldade, mas depois se adaptam, e cada vez mais melhoram e desenvolvem o seu cognitivo motor; e a qualidade de vida melhora dia a dia ao praticar as atividades.

O movimento humano significa muito mais do que o simples deslocamento do corpo no espaço e no tempo, pois esses alunos, no âmbito escolar, têm um papel fundamental a esses movimentos, pois o ser humano se comunica e expressa suas emoções e criatividade na medida que interage com o meio físico e social, aprendendo sobre si mesmo e sobre os outros.

As experiências motoras devem estar presentes no dia a dia das crianças desde cedo, uma vez que a capacidade de movimentos não é inata, e a qualidade

e quantidade de vivências motoras são essenciais para um acervo motor rico e flexível e que permitam aprendizagens cada vez mais complexas. De acordo com Tani et al. (1988, p. 65), “o desenvolvimento motor é um processo contínuo e demorado e, pelo fato das mudanças mais acentuadas ocorrerem nos primeiros anos de vida, existe a tendência em se considerar o estudo do desenvolvimento motor como sendo apenas o estudo da criança.”

Ao observar o desenvolvimento motor infantil, a oportunidade para a prática e correta instrução sobre a forma de execução do movimento, encorajamento e motivação para participar são fundamentais para a aquisição de padrões maduros nas habilidades motoras fundamentais.

O lugar das práticas na disciplina de educação física pode ser instituído em alguns espaços específicos. Ao relatar o ensino de grau diferenciado, dependendo do significado de ser atribuído e o processo de hierarquização ou classificação dos elementos de jogos que se destaque no valor científico.

As transformações dos conhecimentos prévios dentro e fora da escola são importantes, pois os pais cuidam de seus filhos para uma realidade da comunidade. Os professores, ao terem os alunos em classe, planejam de acordo com a realidade de cada escola, assim tendo vivências práticas. O planejamento deve ser uma base para transmitir para o aluno a prevenção de uma obesidade durante a infância. É importante mencionar que,

os profissionais da saúde e da educação desempenham um papel importante na aprendizagem de relações humanas apoiadas no respeito às diferenças e menos marcadas por desigualdade e discriminação, contribuindo para a valorização da dignidade de todos os seres humanos. (SAÚDE, 2006, p. 42).

Os caminhos a serem buscados pelos familiares de ter uma boa alimentação e a praticar atividades físicas para os seus filhos é fundamental para o desenvolvimento desses, assim eles não terão propensão ao sedentarismo.

O corpo nasce e desenvolve significações fundamentais a existência individual e coletiva. A experiência corporal é constante da condição social e, principalmente, na infância e na adolescência os movimentos têm que se ter um fortalecimento no corpo humano. O nosso corpo precisa de energia para

funcionar corretamente, mas é necessário ter uma atenção desde cedo e não deixar os filhos acomodados, tornando-os sedentários, e podendo levá-los para uma obesidade prejudicial. A obesidade leva a morte devido a problemas cardiovasculares, que interrompem a circulação e dificulta a prática de alguma atividade física.

Portanto, a atividade física no ambiente escolar com o professor de Educação física, traz benefícios para uma melhor ação do metabolismo do corpo humano. O professor de Educação Física diante de sua característica global de ensino envolve o ensino e educação dos componentes culturais do movimento humano, sociais, psicológicos e físicos. Tende a ser mais que um professor, uma vez que é um estimulador constante e facilitador da construção do ser no mundo. Nesse sentido, os conteúdos abordados em sala de aula precisam colaborar com a vida social do indivíduo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através de uma pesquisa bibliográfica, este artigo problematizou sobre a obesidade de crianças e sua relação com o contexto escolar e do profissional de educação física.

A literatura destacou a falta de conhecimento por parte das famílias ao terem uma criança com a obesidade, alguns nem percebem, outros não sabem os motivos. A escola deve incentivar a alimentação com produtos saudáveis, que possuam alto valor nutricional, além de realizar um contato constante com as famílias, para que elas possam continuar esse trabalho em casa com as crianças obesas, verificando a alimentação, permitindo e incentivando a prática regular de atividades físicas, de modo que percebam os benefícios de movimentar-se. Os pais e responsáveis precisam ter bastante atenção para detectar casos de obesidade. É preciso olhar o histórico familiar e os hábitos que são praticados.

Notamos que a Base Nacional Comum Curricular prevê o incentivo à promoção de ações que sejam proveitosas, ligadas à alimentação balanceada, à prática regular de atividade física, garantindo uma qualidade de vida para essas crianças. O professor de educação física deve mostrar a importância de se ter um corpo saudável e a forma para manter a saúde do organismo. Esse profissional é agente transformador nesse processo, pois ao perceber que determinada criança se en-

contra em grau de obesidade deve procurar a família e sugerir ações que beneficiem essa criança, tornando-a mais ativa. Os profissionais inseridos nas escolas devem também passar meios para a prevenção da obesidade na infância e em outras etapas, pois todos os atores no contexto escolar são responsáveis pela saúde dos seus alunos. Assim, uma rede de atores que buscam a prevenção deve ser formada e ter trabalho constante.

Compreender a gravidade dessa doença é importante para que sejam tomadas decisões em busca da prevenção e tratamento. Se a obesidade já é grave em adultos, em crianças que se encontram em fase de desenvolvimento os males são maiores. Desse modo, o professor de Educação Física tem papel importante na prevenção e tratamento da obesidade. Por ser um exemplo para seus alunos, ele deve incentivar a prática de hábitos alimentares saudáveis, além de atividades físicas regulares, podendo, inclusive, levar o assunto para debate em sala de aula, até mesmo de forma mais lúdica, que gere questionamentos e promova ações de prevenção.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre. Artmed, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar, 1º versão. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Escola de gestores de educação básica**. Disponível em [www.escoladegestores.mec.gov.br](http://www.escoladegestores.mec.gov.br), 2015.
- BROWNELL, K. (1982). **Obesity**: Understanding and treating a serious, prevalent, and refractory disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50, 820-840.
- BROWNELL, K., WADDEN, T. (1991). **The heterogeneity of obesity**. *Behavior Therapy*, 22, 153-177.
- CURTISS, S. **A alegria do movimento na pré-escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- DIETZ, W. (1998). **Health consequences of obesity in youth**: Childhood predictors of adult disease. *Pediatrics*, 101(Supplement), 515-525.
- FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. Paz e terra, 1999, 23º ed.
- GALVÃO, Z. **Educação Física Escolar: A prática do bom professor**. UNESP 2002.

TANI, G.; MANOEL, E. de J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. de. **Educação Física escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

OLIVEIRA, R. G. A. **Obesidade na infância e adolescência como fator de risco para doenças cardiovasculares do adulto**. Simpósio – Obesidade e anemia carencial na adolescência (p. 65-75). Salvador, BA, 2000.

PERES, G. **As implicações da educação física no âmbito escolar**. Disponível em: [www.bibli.fae.unicamp.br/revbfe/v2n1fev2001/tcc08.pdf](http://www.bibli.fae.unicamp.br/revbfe/v2n1fev2001/tcc08.pdf). Acesso em 27 abr. 2018.

SANTIN, S. **Educação Física: Educar e Profissionalizar**. Porto Alegre, RS. Edição EST, 1999.

SAÚDE, Ministério. **Saúde e prevenção nas escolas: Guia para a formação de profissionais de saúde e de educação / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

SICHIERI, R. et al. **Recomendações de Alimentação e Nutrição Saudável para a População Brasileira**. Arq. Bras. Endocrinol. Metab., vol.44, n. 3. São Paulo, jun. 2000.

SRINIVASAN, S.; BAO, W.; WATTIGNEY, W.; BERENSON, G. **Adolescent overweight is associated with adult overweight and related multiple cardiovascular risk factors: The Bogalusa Heart Study**. Metabolism, 45, 235-240, 1996.

The background features a complex circular network diagram. It consists of numerous interconnected nodes, each containing a white icon on a dark blue background. The icons represent various concepts: a medical cross, a clipboard with a clock, an apple, a bar chart, a graduation cap, a speedometer, a trophy, a star in a circle, a target, a heart with an ECG line, a lightbulb, a baseball, a soccer ball, a basketball, a volleyball, a bicycle, a football, a water bottle, a stack of books, a clock, a padlock, a globe, and a person sitting at a desk. The overall aesthetic is futuristic and technological, with glowing white lines and icons against a dark blue gradient.

# EIXO 03: ABORDAGENS TRANSVERSAIS À EDUCAÇÃO





# EDUCAÇÃO FÍSICA: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DO CORPO

Mariza Rabelo Fontes

## INTRODUÇÃO

A imagem corporal associa-se a várias dimensões de forma dinâmica, ela vincula-se ao contexto de vida de cada um e refere-se à essência, à própria identidade. Assim, o corpo é uma construção social, um objeto simbólico, palco de múltiplos sentidos e significados, que hora se reafirmam e se ampliam, remodelam-se ou desaparecem (TAVARES, 2003).

A representação de corpo está relacionada à construção da imagem corporal. São visíveis as várias denominações que o corpo, durante o processo histórico, sobre influências, principalmente, da mídia criadora de padrões de beleza. Na sociedade atual, o corpo ganha padrões e regras de beleza atribuídas pelas vias midiáticas que o apresentam como “obrigatório e necessário” para os indivíduos enquadrarem-se nos modelos, nos padrões e nas regras determinadas.

Na Educação Física, de acordo com Bento (1995), o corpo se expressa através do agir e do sentir, nas manifestações de sentimentos e emoções, por isso, é preciso falar de corpo e refletir sobre ele, pois, viver é conduzir a nossa essência pelo corpo. Neste sentido, pretendemos discorrer sobre a cultura corporal e a sua relação com a Educação Física.

## O CORPO PARA O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Somos um corpo produzido na e pela cultura. Nosso corpo tem muitas marcas desde cedo como: tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Ele é provisório, mutável e mutante, e por ser uma construção histórica e social, o corpo é regido por leis, códigos morais e representações. De acordo com Barbosa, Matos e Costa (2011), durante o processo histórico do corpo, cada sociedade cria suas particularidades, suas próprias regras e padrões e constituem referências para os indivíduos que estão inseridos nela, servindo como modelo de adequação para ser aceito.

Corpo é linguagem em suas múltiplas manifestações: código, emblemático, revelador, passível de interpretação, revela quem somos, é nossa identidade. Para Foucault (2008), o controle da sociedade sobre o indivíduo não se opera apenas pela ideologia ou pela consciência, mas no corpo e com o corpo. O ser humano é um ser de linguagem e significados: a linguagem é toda forma de manifestação e expressão humana para comunicar, e os significados são os conceitos conscientes ou inconscientes que a nossa unidade, mente e corpo, incorpora com a relação com o mundo (NEIRA; UVINHA, 2009).

A produção do corpo ocorre na relação do eu com o outro, acontece no plano coletivo e no individual. Ele é o lugar de nossa subjetividade, de nossa razão e objetividade. Por isso, é o lugar de nossas sensações, prazeres, vontades e desejos, mas também disciplina, responsabilidade e dedicação.

A manifestação da linguagem corporal deve ser uma problematização temática base da Educação Física escolar para fazer uma leitura crítica da realidade, a fim de que se descortine os aparatos ideológicos presentes nas manifestações corporais. Precisamos de uma prática pedagógica da Educação Física que dê aos sujeitos envolvidos uma educação que os possibilite conhecer os reais significados de sua cultura representados em linguagens corporais.

A cultura corporal apresenta amplas possibilidades para discutir com os alunos, a influência e as contribuições da cultura local e global. Além do jogo Olímpico que é bastante conhecido por ser divulgado na mídia, existem outras práticas corporais que envolvem maior flexibilidade nas regulamentações e, geralmente, são adaptadas ao número de participantes, às condições do espaço e ao material disponível.

Na Idade Média, o corpo sofreu uma grande influência relacionada à religiosidade referente às doutrinas da Igreja Católica. O corpo era descrito como provedor do pecado da carne: o corpo é responsável pelo pecado, bem como os mitos, as tradições e a cultura, assim, a Igreja Católica desempenhava um grande poder sobre o corpo (BRAUNSTEIN; PÉPIN, 1999). De acordo Berger e Luckmann (2008), o cristianismo e o corpo são como o caminho da comunicação do homem com Deus, sendo catalogado no corpo sagrado e profano.

Nos dias atuais, as doutrinas da Igreja prevalecem o seu comando, porém, com a entrada da modernidade, com o avanço da ciência e tecnologia, o corpo começa a seguir intrinsecamente os seus atos e ideias.

Na Modernidade, segundo Rosário (2006), o culto ao corpo se inicia pela busca da vida saudável e da melhoria da saúde, pois, no capitalismo, o corpo é uma mercadoria que deve estar em boa qualidade, adaptar ao padrão de beleza; para buscar os caminhos do consumo para chegar-se ao corpo modulado que a sociedade e as vias midiáticas colocam como corpo saudável. O corpo começa a ser domesticado através da força de trabalho e manipulado para fins lucrativos (SOARES, 1994).

O corpo, nos períodos históricos, sofreu uma forte influência e foi aprisionado pelas ideologias religiosas, políticas e econômicas. Atualmente, o comando se dá pelos avanços tecnológicos, que massificam o corpo e o torna uma máquina de consumo. O corpo sofre uma forte influência cultural de culto ao corpo, as aparências superficiais prevalecem através da estética e do consumo, gerando, assim, uma grande insatisfação corporal e uma supervalorização de corpo.

O corpo se tornou esguio, magro, esbelto com abdomens bem definidos, de pele fina e suave. Esse processo tem uma forte influência da mídia. De acordo com Daolio (1995), as influências dão-se através dos dogmas da sociedade atual, que valorizam os padrões de corpo forte, magro e esbelto, e a mídia é uma das principais influenciadoras, como também, a cultura, através das crenças e tradições. Daolio (1995, p. 25) afirma que:

[...] não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura e também não podemos imaginar um corpo natural. Portanto, qualquer adjetivo que se associe ao corpo é fruto de uma dinâmica cultural particular, e só faz sentido num grupo específico. O homem só chegou ao seu estágio zona de desenvolvimento devido a um processo cultural de apropriação

de comportamentos e atitudes que, inclusive, foram transformando o seu componente biológico. Não é possível desvincular o homem da cultura.

O corpo passou a ser um produto vendido na mídia, como um corpo descartável de pouca utilidade, e os que não seguem a esse padrão são taxados como estranhos e fora de moda. Assim, o corpo é alvo da supervalorização de uma aparência superficial, que se dá pelas influências a que o indivíduo se rende, enquadrando-se a padrões e regras determinadas pelas vias midiáticas e a própria sociedade.

Santaella (2004) apresenta o culto ao corpo e a preocupação excessiva pela beleza e estética, perpassando todas as classes sociais e faixas etárias, desfreando o consumo nos indivíduos, principalmente, nos adolescentes com intuito que se adequem aos padrões moldados pela indústria da beleza. Para se manterem nesse padrão, determinado pela mídia e pelo *status* perante a sociedade, buscam dietas e receitas rápidas e com “resultados milagrosos”, fugindo da sua aparência real para uma busca de aparências ideais postas pela mídia.

A mídia atrai seus expectadores através de informações rápidas, como também, por meio de homens e mulheres charmosas em comerciais de televisão, com produtos e vestimentas sedutoras que são admirados por um grande grupo de expectadores, principalmente, os jovens. Afirmando-se que esses desejos e vontades não são intrínsecos do indivíduo, mas sim de informações perpassadas pelas vias midiáticas se emoldurando a modelos, padrões e, se não seguidos, correm-se o risco de serem excluídos e taxados como fora do padrão e não pertencente a um determinado grupo dentro da sociedade. Para Fugikawa et al. (2006), a imagem de corpo feminino e masculino são passadas de formas distintas pela via midiática. Por exemplo, a imagem da mulher está vinculada as marcas de cerveja; a imagem do homem está vinculada a suplementos, medicamentos para serem musculosos. Assim, Adami et al. (2005, p. 36) apresenta uma definição bem completa da imagem corporal, definindo como: “[...] um complexo fenômeno humano que envolve aspectos cognitivos, afetivos, sociais/culturais e motores. Está intrinsecamente associado com o conceito de si próprio e é influenciável pelas dinâmicas interações entre o ser e o meio em que vive.”

A busca pelo corpo perfeito envolve academia, medicamentos, procedimentos estéticos, roupas, calçados, cosméticos etc. Assim, colocam-se sobre ele os

desejos e vontades imaginárias que a mídia passa para o indivíduo, tornando o corpo um objeto de vontades.

Todos os conceitos de belezas seguem normas, ao invés de buscar o que realmente o corpo precisa, a buscar seus significados, ser corpo e não simplesmente ter corpo. Brandl Neto (1998) afirma que, quando há uma dominação sobre o corpo, fica simples de atuar e agir sobre ele, criando regras e padronizando-o para segui-lo.

A busca descontrolada por um corpo e aparência perfeita faz com que os indivíduos incorporem imagens. Por seguir as normas dessa nova estética, acabam vivendo de forma superficial, deixando a autonomia do próprio corpo para enquadrar a corpos expostos pela mídia de atrizes, modelos, produtos de dietas, entre outros.

## **O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE O CORPO**

A Educação Física tem como área de conhecimento a cultura corporal do movimento. O corpo em movimento em sua integralidade, sem separar corpo e mente. É uma área ampla e consegue trabalhar com o ser humano em todas as suas dimensões psicológicas, físicas, sociais e culturais. Conforme Kolyniak (2000), o objeto de estudo da Educação Física é a cultura corporal do movimento que possibilita representações psíquicas e físicas.

A disciplina de Educação Física deve oferecer subsídios teóricos para uma atuação coerente, consciente e reflexiva, assim como nas demais disciplinas, e deve ter a capacidade de renovar e transformar a realidade do aluno, como também, de agir dentro e fora do âmbito escolar. A escola é um local de grande diversidade cultural entre os estudantes, com vivências e experiências diferenciadas, por isso, o profissional da Educação Física deve articular sua práxis pedagógica ao contexto e a realidade cotidiana do aluno (MEDINA, 2010).

O profissional de Educação Física precisa estar além da reprodução de informações e da prática pela prática, deve refletir os conceitos que estão sendo trabalhados de forma renovadora, pensando na transformação e concepção da realidade do aluno. Logo, as aulas devem ser criativas, que desperte e estimule o aluno a analisar o conteúdo, questionar e refletir de forma que consiga discernir sua posição frente a diversas situações.

Esse profissional deve ir além de estimular um estilo de vida saudável, deve problematizar como alcançar e manter o estilo de vida, de acordo com a própria realidade, principalmente, as crianças e os adolescentes. Pois, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998), a Educação Física deve possibilitar aos alunos, em suas aulas, uma análise crítica dos valores sociais como os padrões de beleza da própria sociedade.

O corpo na Educação Física deve ser trabalhado de forma globalizada em todas as suas dimensões físicas, psíquicas, sociais e econômicas, sempre relacionadas à realidade da escola (MEDINA, 1983). Nesta lógica, os professores de educação física que trabalham com a cultura corporal são fundamentais para a construção de um Projeto Político Pedagógico – PPP com potencial de transformação do ser humano e da sociedade. Tudo isso exige um espaço escolar onde se configura a gestão democrática com a formação de sujeitos autônomos e participativos: estudantes, professores, gestores, pais e comunidade.

Para Veiga (2003), o PPP apoia-se em duas abordagens:

- Regulatória: baseia-se em normas, técnicas e desenvolvimento, que limita a formação do aluno apenas em alienação restrita utilizando o método mecanicista. Nesta perspectiva, o PPP assume um caráter burocratizador, de controle, cujo objetivo maior é o cumprimento de normas (VEIGA, 2003);
- Emancipatória: de cunho político social, com as marcas e diretrizes de uma gestão democrática, as mudanças acontecem com todos os indivíduos internos e externos de forma coletiva com a participação, elaboração e construção do projeto visando presente e futuro da escola com dimensões inovadoras (VEIGA, 2003).

Tanto a primeira como a segunda abordagem citada anteriormente é uma questão de escolha e, portanto, um ato político. Não restam dúvidas de que a escola contemporânea precisa da escolha política da emancipação com uma reflexão efetiva sobre a realidade da escola, provocando rupturas em questões cristalizadas no fazer pedagógico da escola.

Quando discutimos o caráter político do PPP, dois aspectos são importantes: a função social da escola; e os anseios da comunidade escolar em relação ao PPP. Sobre o primeiro aspecto, deve-se entender a educação sempre como um cam-

po de mediações sociais, logo apresenta intencionalidade e, neste caso, o que se quer é uma intenção de um projeto social que atenda às necessidades reais da maioria, até porque o caráter político e pedagógico é indissociável.

Sobre o segundo aspecto, o PPP exige em todos os seus momentos, desde a elaboração até a avaliação, a participação real e efetiva de toda a comunidade, o que dá ao PPP uma dimensão de totalidade para uma ação que se realiza e constrói uma nova realidade na escola.

Tanto a gestão democrática quanto a construção do PPP requerem na escola a criação de um espaço de conjunto cooperativo em que cada pessoa desse conjunto se sente parte e atue para a promoção do bem-estar da escola como um todo.

Como consequência desses aspectos, as pessoas passam a reconhecer melhor as competências e aptidões dos outros e, assim, a escola passa a viver melhor como espaço de aprendizagem e reconhecimento coletivo da importância de todos para o crescimento da escola.

Assim, os professores de educação física precisam integrar-se a essa perspectiva pedagógica de gestão e construção do PPP, pois, a educação física é uma prática pedagógica e os PCNs orientam que deve estar integrada às propostas da escola. Para isso, precisamos entender o objeto da educação física e sua pedagogia de forma mais ampla, indo além da técnica para promover integração, socialização e desenvolvimento dos estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As breves reflexões aqui traçadas buscaram discorrer sobre a cultura corporal e a sua relação com a Educação Física.

As informações das vias midiáticas fazem o seu papel de transmissão oferecendo caminhos, produtos e vestimentas que proporcionam conforto e ao mesmo tempo alienam o indivíduo em prol do seu próprio lucro. Porém, deve-se discutir sobre essas influências que o corpo sofre, principalmente, no período da adolescência, por ser o momento de transição e transformações físicas e psicológicas, o que os deixam vulneráveis aos comandos que a mídia e a sociedade impõem, interferindo de forma direta e indireta na concepção do próprio corpo. O corpo deve ser educado por seus desejos, suas próprias regras e ao seu próprio estilo de vida.

Baseado no contexto da Educação Física, diante das influências e representações de corpo na contemporaneidade, a Educação Física tem subsídios, tanto teóricos como práticos, por ser uma área completa em todos os aspectos na construção do ser humano de forma psíquica, física, social e cultural, com capacidade para formar um sujeito que analisa, questiona e se posiciona de forma crítica e autônoma.

## REFERÊNCIAS

- ADAMI, F.; FERNANDES, T. C.; FRAINER, D. E. S.; OLIVEIRA, F. R. Aspectos da construção e desenvolvimento da imagem corporal e implicações na Educação Física. **Lecturas, Educación Física y Deportes**: Revista Digital, Buenos Aires, ano 10, n. 83, 2005.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, vol. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.
- BENTO, J. O. **O outro lado do desporto**: vivências e reflexões pedagógicas. Porto: Campo das Letras, 1995.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 28 ed. Floriano de Souza Fernandes (trad.). Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRASIL. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília, 1998.
- BRAUNSTEIN, F.; PÉPIN, J. F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. João Duarte Silva (trad.). Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (Coleção Epistemologia e Sociedade).
- BRANDL NETO, I. Uma breve visão do corpo na história da filosofia ocidental. In PERES, L. S. **Educação Física**: Abordagem histórica do corpo e novas perspectivas. Cascavel: Eduñoeste, 1998.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- FOUCAULT, M. **"Microfísica do poder"** /Michael Foucault; Roberto Machado (org. e trad.). Rio de Janeiro: Edições Gaal, 2008.
- FUGIKAWA, C. S. L. et al. **Educação Física**: Ensino Médio. Curitiba: SEEDPR, 2006.
- KOLYNIK, C. O. **O objeto de estudo da Educação Física**. *Corpo Consciência* 5. 2000.
- MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e "mente"**: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas: Papyrus, 1983.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e "mente"**. 25° ed. Campinas: Papyrus, 2010.

NEIRA, M. G.; UVINHA, R. R. **Cultura Corporal**: diálogos entre educação física e lazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROSÁRIO, N. M. **Mundo contemporâneo**: corpo em *metamorphose*. 2006.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

TAVARES, M. C. G. C. **Imagem corporal**: conceito e desenvolvimento. São Paulo: Manole, 2003.

VEIGA, I. P. A. Inovações e projeto-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 23, n. 61, dez. 2003.





# EDUCAÇÃO FÍSICA NO COMBATE AS OPRESSÕES: DEBATENDO O BULLYING ESCOLAR

Maria Isabela Santos Do Carmo

## INTRODUÇÃO

A educação contemporânea não deve se limitar a formar alunos para dominar determinados conteúdos, mas que saibam pensar, refletir, propor soluções sobre problemas e questões atuais, trabalhar e cooperar uns com os outros. A escola deve formar sujeitos críticos e participativos, conscientes de seu papel nas mudanças sociais. Devendo também preparar o aluno para o convívio com outros humanos, ensinando-os a tolerância, os limites sociais, o direito e as regras sociais de convivência.

Diante as manifestações do fenômeno *bullying*, crianças são alvos de intolerância imposta pela sociedade. Esse fenômeno, que se manifesta por agressões verbais e físicas, pode causar exclusão nas atividades esportivas e de lazer, e, em casos extremos, o abandono da escola (FANTE; PEDRA, 2005). Os agressores submetem suas vítimas a atos de vergonha e constrangimento, afetando sua autoestima, aumentando o sentimento de exclusão, além disso os vitimados vivem em uma zona de terrorismo interior.

Neste contexto, o presente artigo tem como finalidade discutir acerca de atos de violência no âmbito escolar, conhecidos como *bullying*, e apresentar as mediações desse fenômeno com o fazer profissional do professor de Educação Física.

## **BULLYING: APREENSÕES CONCEITUAIS**

O professor Dan Olweus foi o primeiro pesquisador que estudou o fenômeno *bullying*. Seus estudos foram realizados na Universidade de Bergen, na Noruega, entre 1978 e 1993. Em 1993, as autoridades norueguesas, influenciadas pela revolta da população, realizaram em escala nacional a campanha *anti-bullying* nas escolas.

Felizardo (2007) aponta o *bullying* como toda forma de agressão física ou verbal, exercida de maneira contínua, sem motivo aparente causando consequências que vão do âmbito emocional até na aprendizagem.

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. (FANTE, 2005, p. 26, grifos originais).

Segundo Chalita (2008, p. 14), “o *bullying* é a negação da amizade, do cuidado, do respeito. O agente agressor, impiedosamente, expõe o agredido às piores humilhações. O agredido dificilmente encontra coragem para se defender.” Assim, o *bullying* pode ser definido como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra um ou outros, causando dor, angústia e terrível sofrimento as vítimas, gerando, como consequências, bloqueios psicológicos: “[...] as vítimas sofrem uma deterioração da sua autoestima, e do conceito que tem de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral.” (TOGNETTA, 2005, p. 11).

Oliveira e Antônio (2006) expressam que o *bullying* se dá a partir de ações discriminatórias e práticas frequentes de violência no cotidiano escolar, tratando-se de um tipo de exclusão social capaz de oprimir, intimidar e machucar aos poucos. O *bullying* pode ser físico, verbal, psicológico, sexual e *ciberbullying*.

O *bullying* manifesta-se de diversas formas: direta e física (como bater, ameaçar, roubar e/ou danificar objetos dos colegas); direta e verbal (insultar, atribuir

calúnias e/ou gozações); indireta (exclusão do indivíduo sistematicamente do grupo, espalhar boatos e a manipulação social) (MARTINS, 2005). Nessa direção, Silva (2010) traz como ações diretas: físicas (bater, empurrar, ferir, cuspir, chutar, espancar e/ou beliscar); materiais (destronar, furtar, quebrar e/ou roubar); verbais (insultar, ofender, xingar, fazer gozar e/ou colocar apelidos ofensivos); psicológicas (irritar, humilhar, aterrorizar e/ou ridicularizar); morais (difamar, discriminar e/ou caluniar); e sexuais (insinuar, assediar, violentar e/ou abusar).

O agressor é o agente que provoca a ação, sendo ele quem bate e insulta, essas crianças geralmente apresentam comportamento impulsivo que normalmente vem de influências de um ambiente familiar desfavorável. A vítima é normalmente aqueles indivíduos que os agressores implicam, batem e irritam, que possuem características diferentes ou “fora do comum”, que apresentam algum tipo de deficiência. Fante (2005, p. 16) afirma que:

[...] na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias de seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar.

Lopes Neto e Saavedra (2005) explicam que as consequências para os alvos desse fenômeno podem ser: depressão, angústia, baixa autoestima, estresse, evasão escolar, atitudes de autoflagelação e suicídio. Ballone (2004) afirma que, as crianças que sofrem *bullying* poderá crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa autoestima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento.

Além dos agressores e das vítimas, destacam-se os espectadores, que são divididos em espectadores testemunhas e espectadores agressores.

Entre vários tipos de agressões características do *bullying*, pode-se destacar o *ciberbullying*, considerado como um dos mais graves, pois é ampliado para todos, onde os agressores usam a *internet* para constranger e insultar os indivíduos. O *ciberbullying* vem em forma de *e-mails*, *torpedos*, *blogs*, etc. Silva (2010, p. 24, grifos originais) diz que: “com os avanços tecnológicos essas formas de *bullying* surgiram através da utilização de aparelhos e equipamentos de comunicação (ce-

lular e internet), que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências.”

Assim, neste artigo, parte-se do pressuposto que a escola é fundamental na elaboração de ações interventivas contra o *bullying*, pois é o ambiente que ocorre com frequência as agressões entre os alunos.

## O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO BULLYING

A escola é vista com vários olhos, tanto como objeto educacional quanto um refúgio para seus alunos. Compreende-se que a escola precisa ser um local seguro, tranquilo, agradável e solidário, que possa ter o compromisso de promover uma educação de qualidade, permitindo a criança aprender a socializar-se, desenvolver responsabilidades, defender ideias e, acima de tudo, assumir uma autonomia própria. A escola é um local onde visa a inserção do cidadão na sociedade, através da inter-relação pessoal e da capacitação para atuar no grupo que convive. Visa formar cidadãos críticos e bem informados, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive. Segundo Borsa (2007, p. 02),

é na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo: nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição de princípios éticos e morais que permeia a sociedade; na escola depositam-se expectativas, bem como as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e as próprias potencialidades.

Guimarães (2010) salienta que é dever da escola unir forças no sentido de buscar alternativas para o *bullying*: nas reuniões de pais, informá-los e sensibilizá-los quanto ao problema; discutir nas coordenações com professores e auxiliares em educação; solicitar ao serviço de orientação educacional que apresente um plano de trabalho com possíveis estratégias de combate ao problema.

A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos

agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. (LOPES NETO, 2005, p. 169).

Entretanto, a realidade que as escolas vêm enfrentando são permeadas por conflitos entres os escolares, violência e agressões que giram em torno das salas de aula, pátios, corredores e banheiros. A escola por ser uma instituição social que abrange a população com diversidades culturais, favorece os conflitos por causa das inúmeras diferenças educacionais, culturais e valores familiares.

É necessário discutir entre os alunos questões como a diversidade cultural, afim de trazer para os indivíduos uma concepção de um mundo repleto de diferentes formas de pensar, de agir e de se comunicar, que assim poderá influenciar de forma positiva na aceitação do que seja considerado diferente.

A escola é o lugar possível para o enfrentamento das barreiras do preconceito, justificando-se a criação de um espaço de debate sobre a diversidade no ambiente escolar. Os professores têm a possibilidade de informar, refletir e orientar alunos e comunidade escolar sobre valores éticos com respeito a cidadania (KAMEL, 2008).

As escolas junto com os professores devem conhecer de forma crítica o *bullying*, suas formas e consequências, devem conhecer a realidade do seu aluno e saber identificar o porquê das opressões e sua frequência perante as vítimas. Para que possam, assim, elaborar propostas de intervenção para o combate à violência em sala de aula. Os professores devem introduzir no seu planejamento as ações de intervenções que venham a contribuir no processo de combate a atos e violência nas escolas. O planejamento das aulas é um instrumento fundamental para o professor elaborar sua metodologia, conforme o objetivo a ser alcançado, tendo que ser criteriosamente adequado a qualquer contexto, havendo flexibilidade, caso necessite de alterações. O ato de planejar dará aos professores segurança ao trabalhar as ações interventivas de conscientização e combate ao *bullying* nas aulas.

A escola por ser uma entidade social, que busca o aprendizado e o desenvolvimento de todos os integrantes, visa estabelecer diversas finalidades e funções, dentre elas a socialização dos seus alunos. Por outro lado, a mesma possui questões contraditórias, como o aparecimento de conflitos, indisciplina e a violência. De acordo com Silva (2010, p. 161),

[...] a escola pode e deve representar um papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já instalados. Para isso, é necessário que a instituição escolar atue em parceria com as famílias dos alunos e com todos os setores da sociedade que lutam pela redução da violência em nosso dia a dia. Somente dessa forma seremos capazes de garantir a eficácia de nossos esforços.

Sem excluir a importância das outras disciplinas no processo de combate ao *bullying*, a Educação Física deve trabalhar sobre a violência em sala de aula, pois, esta profissão busca a interação, socialização, cooperação e respeito.

## **AÇÕES EDUCATIVAS DE INTERVENÇÃO PARA O COMBATE AS AGRESSÕES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

A educação escolar, ferramenta fundamental no processo de desenvolvimento pedagógico dos discentes, junto à educação física, que trabalha o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social dos alunos, visa através das suas práticas contribuir com o combate ao *bullying* nas escolas. No mundo atual, observa-se a presença de uma realidade estimuladora da competitividade entre as crianças e a Educação Física também se enquadra nesse contexto, visto que hoje em dia assume um caráter de treinamento ou adestramento do movimento corporal.

A prática pedagógica do professor de Educação Física na escola deve, além das vivências físico-motoras, promover uma ação dialógica-crítica que contribua para a ampliação da visão de mundo das crianças, dando a elas ferramentas necessárias para que, enquanto cidadãos, possam ser agentes de resistência e transformação na sociedade. Segundo Guirardelli Júnior (1988), a Educação Física é fundamental ao ser humano, já que contribui para a autodisciplina, além de desenvolver valores éticos e cooperativos, o raciocínio, a presteza mental e a saúde, nos indivíduos.

O *bullying* escolar durante as atividades físicas envolve, principalmente, crianças obesas, tímidas e que possuem dificuldades para executar os movimentos exigidos pelas práticas durante a aula. Além disso, os professores devem investir nas relações humanas através de passeios, palestras, gincanas, festas; todas as ações que integrem os alunos.

Fante e Pedra (2005) afirmam que a prevenção do *bullying* deve começar pela capacitação dos profissionais de educação, afim de identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção. O professor deve se informar a fundo sobre o fenômeno. Desse modo, será possível estar atento as diferentes formas de manifestações, além disso, é preciso assumir-se como educador, tendo claro entendimento sobre a importância dessa função.

Conforme Silva (2010, p. 164-165),

Sabemos que o papel dos professores é fundamental para a detecção precoce dos casos de *bullying*. Em geral, são eles que mantêm a observação mais privilegiada das interações pessoais que ocorrem entre os alunos de uma mesma classe. O ideal é que eles anotem na ficha individual do estudante suas impressões e percepções sobre aqueles que despertem sua atenção. Para facilitar o trabalho dos professores, a escola pode providenciar uma folha de apontamentos, em que estejam listados diversos indicativos do comportamento *bullying*, para que o professor assinale os que se aplicam a cada aluno. Com a sobrecarga de trabalho enfrentada pelos professores, esta sistematização será uma grande ajuda.

O objetivo da Educação Física é buscar a cooperação, a interação e a socialização de todos seus alunos, por meio das suas práticas esportivas. De acordo com Correia (2006, p. 38):

O esporte, jogo ou competição são muito mais do que representações culturais, históricas ou sociais. Expressam concepções de mundo, de ser humano e de valores que estiveram em voga em um determinado momento. [...] Assim, é possível que a educação física descubra outras práticas corporais além do esporte e que este e o jogo incorporem os novos valores eminentes. Nesse contexto e nesse momento, os jogos cooperativos tornam-se a proposta mais adequada para atender ao chamado da cooperação.

O combate ao *bullying* não deve ficar apenas como uma obrigação da escola, mas de toda a sociedade por se tratar de um problema social. Então, há

uma necessidade de desenvolvimento de projetos de políticas públicas afim de trabalhar com toda a comunidade. Corroborando, Silva (2010, p. 175, grifos originais) afirma que, “eliminar o *bullying* entre os nossos jovens [e crianças] é uma tarefa árdua, cansativa e, por vezes, frustrante. Entretanto, não podemos desistir, pois, em última instância, o que está em jogo é a esperança de vivermos numa sociedade mais justa e num mundo mais generoso para todos nós e para as próximas gerações.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ambiente escolar, a Educação Física contribui com o processo de formação e transmissão de valores e atitudes, desenvolvendo no indivíduo uma moral cidadã. Para que isto se concretize, é necessário que o professor assuma o papel como colaborador e agente transformador da realidade. As estratégias *anti-bullying* devem ter prioridade em parte do conhecimento de toda comunidade escolar, além de que, devem ser incluídos projetos de políticas públicas que visem a redução e prevenção da violência em todas as escolas. É necessário a implantação de treinamentos para os profissionais em todas as escolas, para auxiliar na elaboração e execução dos programas de ações de prevenção ao *bullying*, para que todos estejam conscientizados a respeito das graves consequências deste fenômeno.

Ao descrever o fenômeno *bullying* e suas implicações no desenvolvimento integral das vítimas, justifica-se a necessidade de ações para o combate, conscientização e a prevenção das agressões. Por isso, as escolas devem trabalhar valores éticos-morais, que conscientizem e descaracterizem as ações de opressões. Diante de tal fato, o professor de educação física deve iniciar estratégias para a prevenção deste problema no seu cotidiano profissional.

## REFERÊNCIAS

- BALLONE, G. J. **Violência e agressões da criança e do adolescente**. São Paulo: Psiquiatria Geral, 2004.
- BORSA, J. C. **O Papel da Escola no Processo de Socialização**. Rio Grande do Sul, 2007.
- CHALITA, G. **Pedagogia da amizade. Bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

- CORREIA, M. M. **Trabalhando com jogos cooperativos**. 4 ed. São Paulo, 2006.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto alegre: Artmed, 2005.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência e educar para a paz. 2 ed. Campinas: Verus, 2005.
- FELIZARDO, M. **O fenômeno bullying como causa dos massacres em escolas**: Iniciativa por um ambiente escolar justo e solidário. Artigos 2007.
- GUIRARDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. São Paulo: Loyola, 1988.
- KAMEL, L. **Diversidade Sexual nas Escolas**: o que os profissionais da educação precisam saber. In: KAMEL, L.; ALMEIDA, W. (orgs.). Rio de Janeiro: ABIA, 2008.
- LOPES, NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, vol. 81, n. 5, 2005.
- LOPES NETO, A. A; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying**. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ARAPIA, 2005.
- MARTINS, M. J. D. Agressões e vitimização entre adolescentes em contexto escolar: um estudo empírico. **Revista análise psicológica**, 4 (XXIII): 401-425, 2005.
- OLIVEIRA, A. S; ANTONIO, P. S. Sentimentos do adolescente relacionado a fenômeno bullying: possibilidades para a assistência da enfermagem nesse contexto. **Revista eletrônica de enfermagem**, São Paulo, 2006.
- SILVA, A. B. B. **Bullying mentes perigosas nas escolas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 2010.
- TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: Os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, A.; LIMA, V. S. (orgs.). **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Zouck, 2005.





# O CONTEÚDO “SAÚDE” NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: COMPORTAMENTO DE RISCO E QUALIDADE DE VIDA

Pedro Lisboa de Souza Junior

## INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, a sociedade tem mudado seu estilo de vida através da industrialização, da tecnologia e da mercantilização, acarretando mudanças nos hábitos e estilo de vida dos indivíduos, o que tem tornado esses mais sedentários e com hábitos alimentares inadequados. Esse estilo de vida tem desencadeado sérios problemas na saúde da população, com aumento de pacientes com doenças degenerativas, por exemplo, o diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares, como também a obesidade. As doenças degenerativas são doenças ocasionadas pela alteração no funcionamento das células, e “[...] são adquiridas por erros alimentares (ou uso excessivo de gorduras de origem animal), uma vida sedentária ou um erro genético.” (FELICIANO; MORAES, 1999, p. 42).

Aquelas doenças, na maioria das vezes, são causadas por esse estilo de vida, que essas pessoas levaram ao longo da vida, principalmente na fase da adolescência com péssima alimentação, inatividade e/ou sedentarismo, vícios de bebidas e drogas, entre outros comportamentos de riscos que propiciam o desenvolvimento dessas patologias.

Na fase da infância e da adolescência, momento em que os indivíduos estão ainda nas escolas ou colégios, o comportamento de risco e a qualidade de vida podem ser mudados e conceituados, tornando, assim, essencial que o profissional de Educação Física aborde essas temáticas em sala de aula, de forma a contri-

buir com esse problema social, dentro dessa disciplina que contempla a área do conhecimento da saúde. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo problematizar a necessidade do conteúdo da saúde nas aulas de educação física.

## **PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Ao longo de sua história, a Educação Física teve papéis fundamentais na sociedade, pois, desde o início, teve a preocupação de olhar a saúde e o bem-estar da população, e sempre visou em contribuir para uma sociedade saudável.

O papel de qualquer professor é transmitir e/ou mediar conhecimento acerca de um determinado conteúdo, seja ele específico a sua área de atuação ou não. O professor além de trabalhar o conteúdo, deve dar ao aluno autonomia crítica para que ele possa traçar relações sociais significantes para sua vida. Ele deve contribuir para a formação de seus alunos de acordo com a realidade da sua comunidade, pois “apoia-se em determinada concepção de aluno, ensino e aprendizagem, que é responsável pelo tipo de representação que o professor constrói sobre seu papel, o papel do aluno, a metodologia, a função social da escola e os conteúdos a serem trabalhados.” (DARIDO; RANGEL, 2011, p. 02).

O professor de Educação Física deve abordar de forma contundente aspectos da saúde, comportamentos de riscos, doenças e prevenções, de forma a contribuir por uma sociedade mais saudável. A Educação Física em seu contexto histórico, passou por diversas transformações junto com a sociedade, mudou-se a forma de pensar, de agir, ampliou-se seus campos de atuações e seus objetivos, porém nunca deixou de ter como objeto de estudo, junto com a cultura corporal do movimento, a área da saúde, o conhecimento do corpo de forma integral, exterior e interior. Ao longo da história da sociedade brasileira, a Educação Física ganhou novos objetivos pedagógicos, e deixou de lado os aspectos higiênico, militarista e tecnicista, e passou a entender o corpo como seu instrumento de estudo, com poder social, afetivo, motor e cognitivo. “Como componente curricular da Educação Básica, a Educação Física começa a ser pensada de forma integrada, valorizando o corpo e a mente dos alunos.” (BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013, p. 468).

No cenário atual, a tecnologia, novos meios de entretenimento e produtos alimentícios industrializados estão influenciando nas pessoas um estilo de vida bem menos saudável. O sedentarismo atrelado à inatividade física, alimentação

calórica e vícios a drogas lícitas e ilícitas passaram a fazer parte da vida da população, principalmente, de adolescentes que são os mais vulneráveis a esse cenário.

O sedentarismo é o comportamento atrelado à falta de atividades e exercícios físicos. Segundo Meneguci e Santos (2015, p. 163), “comportamento sedentário é o termo direcionado para as atividades que são realizadas na posição deitada ou sentada e que não aumentam o dispêndio energético acima dos níveis de repouso.”, podendo desencadear hipertensão, problemas cardiovasculares, diabetes e obesidade, etc. A obesidade é o acúmulo excessivo de gordura, proveniente da ingestão de alimentação calórica industrializada, e com isso aumenta-se o LDL – colesterol e o acúmulo de lipídios, ocasionando problemas cardiovasculares e de hipertensão. A ingestão desses produtos junto a alimentos com alto teor de açúcar ou altos complexos de carboidratos, acarreta no diabetes mellitus por causa do aumento da glicemia, assim, aumentando a resistência à insulina.

Para Silva (2010, p. 116), “a inatividade física e um estilo de vida sedentário estão relacionados a fatores de risco para o desenvolvimento ou agravamento de certas condições médicas, tais como doença coronariana ou outras alterações cardiovasculares e metabólicas.”.

O sedentarismo é uma condição de estado que preocupa os estudiosos, pesquisadores e agentes que trabalham com saúde, uma vez que,

o sedentarismo é considerado como principal inimigo da saúde pública, atinge cerca de 70 % da população brasileira e sua morbidade é maior que algumas patologias como diabetes, tabagismo, colesterol alto, obesidade e hipertensão. O estilo de vida sedentário é responsável por 54% do risco de morte por infarto e 50% do risco de morte por acidente vascular cerebral, as principais causas de morte cerebral. (ALVES, 2007 apud CARMO, 2013, p. 24).

Quando não se gasta a energia que provem da alimentação, pode acontecer uma acúmulo e aumento da massa corpórea lipídica, por isso o sedentário, geralmente, tem excesso de peso.

No âmbito escolar, torna-se mais importante e necessário um trabalho voltado a transmitir todas as informações e conhecimentos científicos teóricos e práticos, pois acredita-se que na adolescência, nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, o sujeito constrói seus hábitos e estilo de vida de forma geral. Esse

é o momento de auxiliar de forma significativa nessa construção de estilo, dando criticidade para fazer suas escolhas, sabendo os benefícios e malefícios delas.

A alimentação é um dos fatores que mais preocupa, até mais que o sedentarismo, pois o descuido não está somente associado às escolhas alimentares, mas aos aspectos do cotidiano, trabalho, estudos, compromissos diversos que acabam delimitando um tipo de alimentação que mais se encaixe nas necessidades de cada um.

Segundo Bravo (2008), 80% dos casos de doenças coronárias, 90% dos casos de diabetes tipo 2 e 30% e dos casos de câncer são causados por péssimos hábitos alimentares, principalmente pelos jovens, o que pode ser prevenido com boa alimentação e à prática de exercícios físicos. Assim, quando se tem uma boa alimentação e rotina de exercícios acontece uma melhora significativa no estado físico, no quadro clínico, e, principalmente, na prevenção de doenças.

Hoje, a obesidade e o sobrepeso já são considerados doenças crônicas: “o excesso de gordura corporal está associado à maior incidência de distúrbios metabólicos, hormonais, inflamatórios e cardiovasculares, como intolerância à glicose, dislipidemia, hiperinsulinemia, resistência à insulina e estresse oxidativo.” (DIAS; MONTENEGRO; MONTEIRO, 2014, p. 71). Segundo Pierine (2006, p. 114, grifos não originais), “a obesidade pode ser definida como o *acúmulo excessivo de gordura corporal que compromete a saúde*, e ocorre, principalmente, quando o consumo energético é superior ao dispêndio de energia.”

De acordo com Diniz (2011, p. 146), “a obesidade é considerada um problema de saúde pública em todo o mundo, e está sendo considerada uma doença crônica e epidêmica”, e o que preocupa, nos últimos anos, é a presença de jovens com casos de obesidade, hipertensão e diabetes.

Estudos demonstram a prevalência de sobrepeso (SP) e obesidade (OB) entre as crianças de 5 a 9 anos; em 1975, 10,9% dos meninos e 8,6% das meninas apresentavam SP. Atualmente, esses valores já atingem 34,8% e 32% para meninos e meninas, respectivamente. A prevalência de OB, por sua vez, subiu de 2,9% para 16,6% entre os meninos, e de 1,8% para 11,8% entre as meninas. (BRASIL, 2010 apud MAZZOCCANTE, 2013, p. 77).

Uma das doenças mais comuns na população brasileira, o que engloba aproximadamente 18 milhões de brasileiros, de acordo com a pesquisa de Miranzi

(2008), é a hipertensão arterial, que tem como principal obstáculo o seu controle, onde a população não consegue ter e manter os níveis estáveis da doença. “A hipertensão arterial é uma doença de natureza multifatorial, frequentemente associada a alterações metabólicas e hormonais e fenômenos tróficos. É caracterizada pela elevação da pressão arterial, considerada como um dos principais fatores de risco cardíaco e cerebrovasculares, e complicações renais.” (MIRANZI, 2008, p. 673).

Após resumir o quadro de algumas doenças que acometem brasileiros, que estão vinculadas ao estilo de vida e hábitos, iremos discorrer, em seguida, sobre a importância da Educação Física nas escolas, trabalhando conteúdos relacionados a saúde para crianças e adolescentes.

## **PROMOÇÃO A SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

O comportamento das crianças e dos adolescentes há algum tempo vem sendo observado pelas diversas áreas da saúde. A Educação Física junto à escola pode contribuir para a prevenção de doenças de forma mais direta, prazerosa e natural dentro das aulas, devido a relação aluno-professor.

A escola como um lugar ideal para o desenvolvimento de programas ligados à promoção da saúde por exercer extrema influência na formação dos padrões comportamentais dos alunos, particularmente em uma fase de ampla aquisição de conhecimentos e possibilitando mudanças nos hábitos de vida, o que pode resultar em um crescimento e um desenvolvimento salutar desses indivíduos. (SHAH et al., 2011 apud MAZZOCCANTE, 2013, p 77).

Segundo Mattos (2000 apud CARMO, 2013, p. 25):

Neste sentido, a escola é um espaço para o desenvolvimento de estratégias de promoção de atividade física e de educação para a saúde e, neste contexto, a Educação Física Escolar surge como importante ferramenta, pois muitas crianças e jovens veem nela uma das melhores oportunidades de aproximação às práticas de atividades físicas, principalmente para classes sociais menos favorecidas.

Os conteúdos voltados à saúde dentro das escolas têm que promover uma vida saudável as crianças e jovens, e, conseqüentemente, a toda população. Desse modo, é preciso reavaliar o estilo de vida de cada um e mudá-lo, através de intervenções com exercícios físicos e de conscientização de uma boa alimentação.

Um dos fatores que podem estar atrelado ao estilo de vida sedentário é a falta de conhecimento e de informação, “provavelmente, os jovens e a sociedade em geral desencadearam a falta de interesse pela prática de atividade física relacionada à saúde através da falta de elementos como princípios teóricos relacionados à atividade física, à aptidão física e à saúde.” (GUEDES, 2001 apud CARMO, 2013 p. 24).

Neste sentido, cabe ao professor de Educação Física, tanto quanto aos demais educadores do ambiente escolar, construir em harmonia com os alunos uma consciência crítica que vai além das práticas corporais, com a tarefa de contribuir para a transformação da realidade da maior parcela da população que se encontra no status de sedentária. (NAHAS, 2003 apud CARMO, 2013, p. 22).

Nas aulas de Educação Física, o professor deve traçar seus conteúdos em busca de um melhor estilo de vida, mais ativo, com atribuição de atividades e exercícios físicos. Esse é o ponto chave de uma posição que deve ser tomada frente a uma mudança de métodos, didáticas, abordagens e perspectivas perante a Educação Física.

Dentro do currículo da Educação Física, imposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, e até mesmo por outros documentos recentes, consta que é necessário trabalhar os conteúdos voltados a saúde dentro dos aspectos da temática da Aptidão Física relacionadas à Saúde, com respaldo aos conhecimentos dos benefícios da prática de exercícios físicos, como também dos malefícios da vida inativa, e de como ter qualidade de vida.

Dessa forma, o docente deve estabelecer essas atividades, partindo dos esportes já trabalhados em aula, como também outras maneiras de exercitar-se utilizando dos espaços alternativos, por exemplo: caminhadas, corridas, bicicletas em ruas ou praças públicas; adentrar em academias é uma opção para abordar aspectos de exercícios aeróbios e anaeróbios.

A alimentação também deve ser trabalhada nos conteúdos, pois, junto aos exercícios, a alimentação é fundamental para promover a saúde: “o consumo de vegetais, frutas, grãos integrais, soja, azeites e peixes deve ser aumentado, ainda que limitando a quantidade de gordura. Os alimentos ricos em ácidos graxos saturados e trans devem ser evitados, assim como o uso excessivo de sal, e bebidas alcóolicas.” (RIQUE; SOARES; MEIRELLES, 2002, p. 244).

A abordagem Saúde Renovada, como traz em sua nomenclatura, busca trabalhar os conteúdos da Educação Física dentro dos aspectos da saúde do aluno, para que ele se atente e conheça sobre os malefícios e benefícios do seu comportamento. Diferente de outras abordagens, ela tem seus parâmetros pautados na aptidão física, mas também segue a linha de conhecimento crítico e psíquico, se diferenciando das concepções higienista e militarista.

De acordo com Darido e Rangel (2011, p. 16),

[...] refletir sobre informações específicas da cultura corporal, discernindo e reinterpretando-as em bases científicas, assumindo uma postura autônoma para a otimização da saúde; compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão, com capacidade para discutir e modificar regras [...] com uma preocupação acerca da manutenção e da promoção da saúde.

Nessa perspectiva, nota-se o caráter informativo e crítico que a abordagem apresenta, no intuito de que o aluno se perceba e tenha criticidade e autonomia para traçar relações da sua própria saúde, e cuidar dela. O importante é a participação dos alunos e a prevenção à saúde.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve por objetivo problematizar a necessidade do conteúdo da saúde nas aulas de Educação Física.

Os comportamentos de risco são os maiores propulsores das doenças degenerativas, o sedentarismo e a má alimentação lideram como parte deste comportamento, juntamente com o estilo de vida dos adolescentes, muito por conta

da tecnologia e alimentos industrializados. As doenças degenerativas podem ser causadas pelos comportamentos de risco na infância, elas geralmente não se manifestam imediatamente, mas na fase adulta. Dentre as doenças mais comuns relacionadas ao estilo de vida sedentário e de má alimentação, temos: obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares; doenças que têm um alto índice de portadores e de mortalidade.

As intervenções feitas pelo profissional de Educação Física são essenciais para a saúde dos alunos, pois ele pode proporcionar melhor qualidade de vida através da inserção dos conteúdos relacionados à saúde no decorrer de suas aulas, principalmente, através da abordagem Saúde Renovada.

## REFERÊNCIAS

BERTINI JUNIOR, N.; TASSONI, E. C. M. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, vol. 27, n. 3, jul./set. 2013.

BRAVO, C. **As Causas Sociais das Iniquidades em Saúde no Brasil**: Comissão Nacional Sobre Determinantes Sociais da Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

CARMO, N. do. A Importância da Educação Física Escolar Sobre Aspectos de Saúde: SEDENTARISMO. **Revista Educare CEUNSP**, vol. 1, n. 1, 2013.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **A Educação Física na Escola**: implicações para a prática pedagógica. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DIAS, I. B. F.; MONTENEGRO, R. A.; MONTEIRO, W. D. Exercícios Físicos como Estratégia de Prevenção e Tratamento da Obesidade: aspectos fisiológicos e metodológicos. **Revista HUPE**, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 1, p. 70-79, 2014.

DINIZ, M. T. O. P. Prevalência de Síndrome Metabólica EM Paciente com Obesidade Grau I. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo, vol. 5, n. 25, p. 145-150, jan./fev. 2011.

FELICIANO, A. B.; MORAES, S. A. de. Demanda por Doenças Crônico-degenerativas entre Adultos Matriculados em uma Unidade Básica de Saúde em São Carlos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, São Paulo, vol. 7, n. 3, p. 41-47, 1999.

MAZZOCCANTE, R. P. A Avaliação Antropométrica Em Crianças tem sido Realizada nas Escolas para a Prevenção do Sobrepeso e Obesidade? **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, vol. 12, n. 2, p. 76-88, 2013.

MENEGUCI, J.; SANTOS, D. Comportamento Sedentário: complicações fisiológicas e procedimentos de avaliação. **Motricidade Edições Desafio Singular**, vol. 11, n. 1, p. 160-174, 2015.

MIRANZI, S. de S. C. Qualidade de Vida de Indivíduos com Diabetes Mellitus e Hipertensão Acompanhados por uma Equipe de Saúde de Família. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, vol. 17, n. 4, out./dez. 2008.

PIERINE, D. T. Composição Corporal, Atividade Física e Consumo Alimentar de Alunos do Ensino Fundamental e Médio. **Motriz**, Rio Claro, vol. 12, n. 2, p. 113-124, mai./ago. 2006.

RIQUE, A. B. R.; SOARES, E. de A.; MEIRELLES, C. de M. Nutrição e Exercício na Prevenção e Controle das Doenças Cardiovasculares. **Rev. Bras. Med. Esporte**, vol. 8, n. 6, nov./dez. 2002.

SILVA, R. S. Atividade Física e Qualidade de Vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 15, n. 1, p. 115-120, 2010.





# FORMAÇÃO DOCENTE: PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NO ENSINO INFANTIL

Uilza Nascimento Silva

## INTRODUÇÃO

Desde o nascimento, meninos e meninas são vítimas das construções sociais, que irão definir seus valores, gestos, atitudes e conceitos de acordo com seu sexo. A sociedade e a família impõem práticas sexistas. Quando a criança nasce decidem as cores do quarto e das roupas, planejam e arrumam o quarto referente à cultura estabelecida pela sociedade, por exemplo: se for “menino”, compram roupas azuis, pintam o quarto com cores fortes, arrumam o espaço com carrinhos ou bonecos; se for “menina”, o design do quarto é todo florido, rosa e meigo, com ursos e bonecas, brinquedos atribuídos ao sexo feminino.

A criança ao nascer, inicia seu contato direto ou indireto com o contexto em que se desenvolverá e com as pessoas responsáveis por esse desenvolvimento. Ou seja, seu grupo familiar, com quem aprenderá os costumes, os hábitos, as regras, as crenças, os significados e os valores que servirão de base para sua inserção social com a escola.

A escola é um espaço privilegiado de ações educativas, e como tal deve possibilitar a autonomia de todos que fazem parte desse espaço. A escola direciona de que forma a criança estabelece suas relações com as outras crianças. A escola cumpre o papel de quebra dos preconceitos, espaço que proporciona um laço de conhecimentos culturais distintos.

O professor de Educação Física tem um papel fundamental na construção do sujeito. Assim, compreende-se que o principal objetivo da inserção da Educação

Física na escola é contribuir para a mudança de estilo de vida da sociedade, consequentemente na sua atuação enquanto ser social e sua construção crítica.

Este artigo busca problematizar as relações de gênero e o papel educacional da Educação Física, principalmente com crianças e adolescentes.

## CONCEITO DE GÊNERO

Há uma diferença entre sexo e gênero. Sexo é caracterizado como fenômeno natural, com expressões biológicas que definem características anatomo-fisiológicas (genitais e extragenitais). O gênero é conceituado como representações sociais de características de construções culturais construídas a partir da diferença entre o sexo biológico (masculinidade e feminilidade). Gênero serve para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado.

Desse modo, conforme Braga (2007 apud BRAGA; SPIRITO, 2010, p. 206),

a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher, ou melhor, as diferenças anatômicas de se nascer macho ou fêmea. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

Nascemos com o sexo, mas não com o gênero. O sexo refere-se a atributos anatômicos masculinos e femininos, enquanto ao gênero é idealizado como processo de construção cultural voltado aos elementos impostos pela sociedade. Desse modo, há uma cultura enraizada, por exemplo, que diz que meninas têm que brincar de boneca, fazer balé, usar roupas rosas, induzidas a se divertirem com brinquedos que estimulem as garotas a serem donas de casa, como: fogãozinho, panelas, bebês para que aprendam a serem mães. As meninas aprendem que devem ser frágeis, meigas e sensíveis. Os meninos devem vestir azul porque “é cor de homem”, brincam com carrinhos, bolas, espadas e são estimulados a serem “alfa”, como exemplo: “vai azarar as meninhas”, ensinados a serem superiores às meninas.

Segundo o pensamento de Louro (1997, p. 77), gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num de-

terminado grupo, em determinado contexto.”. Entende-se que gênero não se remete apenas nas diferenças sexuais de mulher e de homem, e sim de que forma essas questões são representadas na cultura social, através do seu modo de agir, sua conduta, seu comportamento e seu modo de falar a partir do assunto.

Historicamente, ocorreu uma idealização de conceitos a partir da masculinidade e da feminilidade, diferentes comportamentos assumindo formas cada vez mais a partir do sexo. Dessa forma, é importante dizer que uma identidade constrói o sujeito, pois determina o local que o sujeito deve ocupar na sociedade.

A Educação Física, nesta perspectiva, passa a defender que a sua contribuição para a formação humana pode se efetivar quando o campo superar o dualismo mecanicista corpo-mente e passar a compreender o homem “por meio da unidade de seu corpo” e as práticas corporais como manifestações sociais, históricas e culturais da humanidade (MEDINA, 2010).

A Educação Física busca um conjunto de ações teórico-práticas que procuram superar a lógica de biologização da vida social, retratada na especificidade da prática profissional deste campo.

Cabe à escola e ao professor objetivar a formação global de seu aluno de corpo e mente, proporcionando oportunidades para que os alunos se apropriarem de conhecimentos que os levem a consciência de que não é somente a obtenção de uma nota, a importância da disciplina na promoção educacional, porém a busca de seu desenvolvimento social, físico, mental e principalmente afetivo.

Na área de Educação Física escolar, há muitas discussões sobre os conteúdos que devem ser trabalhados pelos professores, e as abordagens e áreas de conhecimentos que ela abrange. Além disso, estudamos o movimento, com técnicas sofisticadas, buscando a perfeição e adotamos como nossos conteúdo, das áreas mais diversas como as médicas, as biológicas e humanas, entre outras.

Para Libâneo (1999, p. 142), conteúdos de ensino “são o conjunto de conhecimentos, hábitos, modos valorativos, e atitudes de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua vida prática.”. Desse modo, o conteúdo de ensino leva-se em conta não somente a herança cultural, mas os conhecimentos e habilidades da prática social vivenciada pelos discentes.

## PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO

As vivências das atividades pedagógicas significativas podem remeter as crianças ao desenvolvimento integral, a expressão, a socialização, o afeto, a sexualidade, o brincar, o imaginário, a fantasia e os movimentos. O aprendizado também surgirá a partir das vivências cotidianas, tanto a relação do adulto com a criança como as características do espaço em que esta vivência acontece serão decisivos no processo de desenvolvimento dos pequenos.

A escola e a família manifestam-se como duas instituições fundamentais para desencadear o processo de desenvolvimento de aprendizagens da criança, em seus crescimentos físicos, sociais e intelectuais. A ideia que a escola tem é da função de escolarizar e que as responsabilidades recaem sobre os (as) professores (as), independentemente dos problemas inerentes à formação do aluno.

Santos e Souza, (2010, p. 72) ressaltam que:

Os professores exercem um papel bastante importante nessa transmissão, pois colocam expectativas diferentes para ambos, para a menina será esperado que ela seja organizada, meiga, atenciosa e comportada. Nota-se essa situação até mesmo na linguagem usada pelos professores que tratam a menina com meiguice e de forma mais amorosa, já com relação ao menino ele será sempre o mais agitado, agressivo e bagunceiro. Esse comportamento é visto como algo “natural”, biológico do sexo masculino, porém os estudos sobre as relações de gênero mencionadas anteriormente, mostra que essas características são configuradas através da sociedade.

Assim, torna-se papel peculiar do profissional de Educação Física saber organizar e estruturar os conteúdos para que o aluno passe a aprender dentro do processo educativo. Posto que, a Educação Física, nesta etapa de ensino, busca a partir de seus parâmetros e de sua área de conhecimento introduzir ao sujeito para sua integração na cultura corporal através de suas vivências sociais para as práticas educativas significativas, pautadas nos valores e no lazer.

Tratando de uma pedagogia inclusiva, que tem seus laços metodológicos, cujo ensino visa desenvolver e propor os princípios e valores, Leite e Maio (2013, p. 04) afirmam que:

[...] percebemos que há preocupações em fornecer contribuições para uma abrangência mais enérgica de gênero e sexualidade na Educação Infantil, isso porque as realidades escolares evidenciam com recorrência as dúvidas, angústias e dificuldades das professoras em lidar com as manifestações sexuais das crianças, devido a isso, acabam ocultando, ou tratam-na de maneira inadequada, o que pode possibilitar graves consequências futuras às crianças.

O professor necessita planejar, organizar e realizar o brincar além de habilidades de criar situações de ensino e aprendizagem para a criança. É isso que o professor de Educação Física, inserido na educação infantil, deve desenvolver de forma plena, junto ao trabalho em conjunto com outros profissionais. A busca da formação continuada e do aperfeiçoamento profissional é importante para os profissionais, pois, pode possibilitar para seus alunos um aprendizado significativo.

As questões de gênero devem ser discutidas nas escolas. Esse é um espaço em que as crianças potencializam seus conhecimentos e constroem conceitos do mundo e da vida. O professor tem o papel de desconstruir preconceitos sexistas dentro do espaço escolar, desmanchar o que é tradicional sobre o “lugar” do homem e da mulher. Os (as) educadores (as) devem esquecer seus princípios familiares, religiosas e sociais, devem procurar aperfeiçoar seus conhecimentos relacionados a gênero para poder intervir com qualidade em sala de aula.

De acordo com Medina (2010), o professor de Educação Física é um líder natural e, geralmente, tem facilidade de agir e interagir com as mais diversas pessoas e crenças. O professor de Educação Física, assim como qualquer outro docente, analisa a comunidade e traça um planejamento coerente para tal realidade da criança, entendendo de forma coerente e compreensiva as culturas distintas de cada aluno.

O desenvolvimento do profissional refletirá sobre a importância do lúdico na aprendizagem e no desenvolvimento motor e cognitivo, principalmente, na educação infantil. Para isso, é necessário primeiro levantar questões sobre a ação de brincar. O docente deve procurar compreender as formas de aplicabilidade do jogo e da brincadeira para que ocorra um grande aproveitamento do aluno, e para que ele possa se desenvolver, demonstrando a sua diversidade corporal e intelectual.

Uma necessidade que hoje está colocada para a educação infantil é que, além de organizar e viabilizar meios para efetivar a proposta pedagógica no seu espaço interno, é necessário conhecer e considerar esse ambiente primeiro para mediar a relação criança/cultura. Dessa forma, ao destacar os aspectos fundamentais da ação docente, que é ajudar as crianças a chegarem a uma imagem do corpo, que permita que elas se desenvolvam da melhor maneira possível.

A atividade física corporal ajuda bastante no desenvolvimento cognitivo e motor. A psicomotricidade pode trazer benefícios para corpo e mente através da prática, com jogos e movimentos em exercitação. Pode garantir saúde as crianças da educação infantil com vivência na fase inicial.

O discente, através de seu desenvolvimento, poderá produzir ações que os tornem cada vez mais humano e mais presente na vida do outro, consciente e capaz de desfrutar retirando benefícios do mundo onde vive. O professor de educação física tem um importante papel de orientar, como mediador de tarefas, que se concentram mais na escolha de materiais, do local, dos aparelhos e de ajudar as crianças em sua construção. Experiências localizadas em um contexto social onde ocorreram as interações entre sujeito e o mundo.

Ao buscar entender as desigualdades de gênero, que historicamente permeiam as vivências entre meninos e meninas, compreende-se que esses sujeitos são expostos a uma cultura individualista desenvolvida através das suas experiências nas relações sociais. As características físicas e biológicas entre as crianças do sexo masculino e feminino são visadas por alguns professores como motivo para dar aulas separatistas em relação às aulas de Educação Física. Sabe-se que as capacidades e habilidade são estruturas fundamentais para o desenvolvimento motor, e as práticas e vivências corporais fornecem conhecimentos e aprimoramento adequando para suas funcionalidades motoras e cognitivas.

A forma que essas crianças estão sendo educadas pode colaborar ou não para este desenvolvimento, principalmente quando compara diretamente com as possibilidades de culturas diferentes que são oferecidas. É preciso possibilitar a todos os alunos as mesmas oportunidades e experiências para que se possam quebrar barreiras preconceituosas arregrado a nossa cultura. É importante que os professores de Educação Física compreendam que esse tipo de atitude reflete no aprendizado da criança.

A partir da cultura do próprio corpo, a criança compreende o mundo em que vive, se orienta e gradativamente vai se conhecendo para desenvolver sua própria personalidade. Assim, as relações de gênero têm grande relevância no âmbito da Educação Infantil, no qual a prioridade deve ser ajudar a criança a vivenciar atividades de forma igualitária, e a função do professor é dar auxílio para que a criança se expresse corporalmente com maior liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se não reconhecermos que questões de gênero podem ser discutidas, permaneceremos a contribuir para uma formação com desvalorização para o público feminino em detrimento do masculino. Dessa forma, é preciso que a ação pedagógica leve em observação as condições de vida dos alunos, pensando na importância das experiências que essas crianças vão obter, diante das ações das práticas pedagógicas em que elas estarão inseridas, procurando garantir que elas aprendam sobre valores para uma vivência igualitária na sociedade.

A ação educativa desenvolvida na educação infantil produz marcas significativas, fazendo com que as crianças participem igualmente das brincadeiras estabelecidas pelo professor. Entende-se também que o conceito de infância é estabelecido pelos momentos históricos de uma sociedade, esse desenvolvimento de infância varia de acordo com a realidade social e cultural onde a criança esteja inserida.

A Educação Física deve contribuir de forma significativa, oportunizando suas práticas pedagógicas de forma igualitária, usando recursos que diminuam as diferenças.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, E. R. M.; SPIRITO, C. A. Una investigación sobre la importancia de la educación afectivo-sexual en las escuelas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p.18-36, 2010.
- LEITE, L. L.; MAIO, E. R. Gênero e sexualidade na educação infantil e a importância da intervenção pedagógica. In: **Anais EPCT-VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica**, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LOURO, G. L. Gênero e Magistério: identidades, história e representação. In: CATTANI, D. B. et al. **Docência, memórias e gênero**. Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo e "mente"**: Novas contradições e desafio do século XXI. 25 ed. Campinas. Papyrus, 2010.

SANTOS, P. G; SOUZA, E. Q. Práticas sexistas na educação infantil: Uma questão de gênero. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, vol. 6, n. 11, 2010.



## SOBRE OS AUTORES

### **Amanda de Santana Santos**

Graduada em Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2018.1) da cidade de Paripiranga/BA. Foi bolsista do programa FIES (O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior) no período de 2013.1 a 2018.1. Realizou os estágios nas cidades de Lagarto/SE, Simão Dias/SE e Paripiranga/BA. E-mail: [amandatodaboa54@hotmail.com](mailto:amandatodaboa54@hotmail.com).

### **Andrei Andrade de Abreu**

Graduado em Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2018). Atualmente, é professor de Educação Física no Colégio Municipal de Ajustina/BA. Atua também como Auxiliar Administrativo na empresa de Assessoria Técnica e Extensão Rural (Aster). E-mail: [andreyandradi@gmail.com](mailto:andreyandradi@gmail.com).

### **Bruna Santana Souza**

Licenciada em Educação Física pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2017.2). Foi bolsista do programa FIES (O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior). No período de 2013.1 a 2017.2 realizou os estágios nas cidades de Simão Dias/SE e Lagarto/SE. E-mail: [brunasantana22@hotmail.com](mailto:brunasantana22@hotmail.com).

### **Fernando Nascimento Costa Neto**

Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2018) e pós-graduando em Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial pela Faculdade Jardins (2018). Possui pesquisas nas áreas de Influências das tecnologias no crescimento do sedentarismo; Educação Física na Educação Especial e Antropometria. E-mail: [fernandouniages@outlook.com](mailto:fernandouniages@outlook.com).

### **Jaine de Souza Calazans**

Graduada em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2018). Foi monitora de três escolas da rede municipal pelo Programa Mais Educação com o tema “Esporte e Lazer” e “Atletismo na escola”. Tem interesse nas seguintes áreas temáticas: dança na escola e tecnologia aliada à educação. E-mail: [jainecalazans@gmail.com](mailto:jainecalazans@gmail.com).

### **Jaldemir Batista Bezerra**

Possui graduação em LICENCIATURA PLENA EM LETRAS pela Faculdade AGES (2004), especialização em METODOLOGIA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA pela Faculdade AGES(2006). Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental. (2011). Tem experiência docente no ensino superior há 8 anos. Exerce a função de Coordenador Pedagógico da Faculdade Ages desde 2009. E-mail: [jaldemirbatista@hotmail.com](mailto:jaldemirbatista@hotmail.com)

### **Luiz Magno Dantas de Santana**

Graduado em Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2018). E-mail: [luizlmds@outlook.com](mailto:luizlmds@outlook.com).

### **Maria Eleilma Cruz Silva**

Professora do Colégio Eduardo Marques, graduanda em Educação Física pelo Centro Universitário Ages – UniAGES. Foi bolsista do Programa FIES (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior). Formada em Técnico de Segurança do Trabalho. E-mail: [elielma.cruz@hotmail.com](mailto:elielma.cruz@hotmail.com).

### **Maria Isabela Santos do Carmo**

Graduada em Educação Física Licenciatura (2017.2) pelo Centro Universitário Ages – UniAGES da cidade de Paripiranga/BA. Foi bolsista do programa Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) no período de 2013.1 a 2017.2. Realizou os estágios nas cidades de Simão Dias/SE e Lagarto/SE. E-mail: [iza.bellacarmo@hotmail.com](mailto:iza.bellacarmo@hotmail.com).

### **Marília de Andrade Santana**

Graduada em Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário Ages – UniAGES, Paripiranga/BA (2018). Tem experiência na área de Educação Física. No período de 2014 a 2016 foi Monitora do Programa Mais Educação, na Escola Estadual José de Carvalho Déda. Participou em 2016 do IV Encontro da Educação Física no Ensino Fundamental e Médio (UniAGES). Ministrou em 2016 no VI Encontro da Educação Física na Educação Infantil em Maceió/AL, promovido por essa Instituição de Ensino Superior. Em 2016 participou da XIV Feira das Profissões – FEIPROF (UniAGES). Organizou em 2016 a 16ª Edição dos Jogos Estudantis pela ADECA – Associação de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente –, na cidade de Simão Dias/SE. Em 2016 participou do Curso de Organização de Eventos Esportivos (corrida de rua), realizado pela ABME – Associação Brasileira de Modalidades Esportivas –, em Lagarto/SE. E-mail: [marilianutricion@hotmail.com](mailto:marilianutricion@hotmail.com)

### **Mariza Rabelo Fontes**

Graduada em Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário Ages – UniAGES, Paripiranga/BA (2018). Participou em 2014 da Comissão Organizadora do V Festival de Ginástica e Dança UniAGES. E em 2015 da Organização do III Curso de Eventos Esportivos (Corridas de Rua) da Secretaria da Cultura, da Juventude e do Esporte de Lagarto/SE. Participou do Curso de Atividade Física na Terceira Idade e Cuidados com a Saúde – ABME (Associação Brasileira de Modalidades Esportivas). Do Projeto de Extensão A Educação Física em Prol dos Direitos Humanos: Igualdade é ser diferente na III Luta Antimanicomial – UniAGES. Administrou a Oficina Educação Infantil no IV Encontro da Educação Física na Educação Infantil – UniAGES. Participou do Primeiro Curso de Organização de Eventos Esportivos Ciclísticos em Lagarto/SE, realizado pela ABME. Nos anos de 2015 e 2016 participou do Projeto Integrador, com atividades de Iniciação Científica na UniAGES. Atualmente, é professora na Educação Básica no ensino Fundamental pela rede Municipal de ensino Poço Verde/SE. E-mail: [marisa\\_rabelo14@outlook.com](mailto:marisa_rabelo14@outlook.com).

### **Pedro Lisboa de Souza Junior**

Graduado em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2018). Graduando em Bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Professor estagiário de Educação

Física do Estado da Bahia (2016). Vice coordenador dos projetos estruturantes (JERP –Jogos Escolares da Rede Pública) do Estado da Bahia (2017). Professor de Educação Física da rede Municipal de Ribeira do Pombal/BA. E-mail: [pedrolisboa.edf@gmzil.com](mailto:pedrolisboa.edf@gmzil.com).

### **Ronaldo da Silva de Jesus**

Professor de Educação Física. Licenciado (2018) em Educação Física pelo Centro Universitário Ages – UniAGES. Na graduação foi Representante do Colegiado de Educação Física no Comitê dos Estudantes. Tem interesse nas seguintes temáticas de estudo: Educação Física e Educação Especial, Direito Educacional e Gestão Escolar. E-mail: [ronnyedf@hotmail.com](mailto:ronnyedf@hotmail.com).

### **Rose Maria dos Santos Costa**

Licenciada em Educação Física (2018) pelo Centro Universitário Ages – UniAGES de Paripiranga/BA. Graduanda em Educação Física Bacharelado pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Já foi monitora em Atletismo, Futsal, e Esporte e Lazer na cidade de Simão Dias/SE na rede municipal de ensino. Atualmente é Instrutora Estagiária em Academia de ginástica. E-mail: [marasantos106@outlook.com](mailto:marasantos106@outlook.com).

### **Uilza Nascimento Silva**

Estudante de Pós-Graduação Pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) no curso de Educação Física Escolar e Educação Infantil. Professora de Educação, graduada pelo Centro Universitário Ages – UniAGES (2018), no curso da Educação Física Licenciatura. Professora de rede pública na Escola Municipal Monsenhor Galvão, em Cícero Dantas/BA. Orientadora Social no Centro de Referência de Assistente Social (CRAS). Foi estagiária na Faculdade Integrada da Terceira (FINATI) pelo Centro Universitário UniAGES. E-mail: [uilzanascimento32@gmail.com](mailto:uilzanascimento32@gmail.com).





### **ANTENOR DE OLIVEIRA SILVA NETO (ORGANIZADOR)**

Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes (2018), Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes (2016), Pós-Graduado em Educação Física Adaptada pela FAVENI (2018), Pós-Graduado em Atendimento Educacional Especializado – AEE pela Faculdade Amadeus (2018), Pós-Graduado em Educação Inclusiva e Libras pela Faculdade Amadeus (2011), Graduado em Educação Física pela Universidade Tiradentes (2009). Professor do Colegiado de Educação Física do Centro Universitário AGES. Professor Assistente I e Coordenador do Curso de Educação Física Bacharelado EAD na Universidade Tiradentes. Tem diversas publicações entre artigos e capítulos de livros na área de Educação Física, com ênfase em Atividade Física e Saúde e Educação Física Escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física EAD, Educação, Educação Física Inclusiva, Capoeira e Inclusão de alunos com deficiência. E-mail: [antenoneto@hotmail.com](mailto:antenoneto@hotmail.com).

